

PLANO DE GESTÃO DE REGIÃO HIDROGRÁFICA

3.º Ciclo | 2022 – 2027

TEJO E RIBEIRAS DO OESTE (RH5A)



Parte 2 | Caracterização e Diagnóstico
Volume B

Abril | 2022



ÍNDICE

1. DISPONIBILIDADES DE ÁGUA.....	6
1.1. VARIÁVEIS DE ENTRADA.....	7
1.1.1. <i>Temperatura</i>	7
1.1.2. <i>Precipitação</i>	8
1.1.3. <i>Evapotranspiração</i>	14
1.2. DISPONIBILIDADES HÍDRICAS SUPERFICIAIS.....	16
1.2.1. <i>Regime natural</i>	16
1.2.2. <i>Regime modificado</i>	24
1.3. TRANSFERÊNCIAS DE ÁGUA ENTRE BACIAS HIDROGRÁFICAS LUSO-ESPAÑHOLAS.....	29
1.4. DISPONIBILIDADES HÍDRICAS SUBTERRÂNEAS.....	32
2. BALANÇO ENTRE DISPONIBILIDADES E NECESSIDADES.....	35
2.1. ÍNDICE DE ESCASSEZ WEI+.....	36
2.1. COEFICIENTE DE ESCASSEZ A APLICAR NA TAXA DE RECURSOS HÍDRICOS.....	40
3. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA.....	43
3.1. TEMPERATURA.....	44
3.2. PRECIPITAÇÃO.....	48
4. RISCOS.....	52
4.1. RISCOS NATURAIS.....	53
4.1.1. <i>Secas</i>	53
4.1.1.1. <i>Metodologia e critérios</i>	55
4.1.1.2. <i>Secas na década de 2010 a 2021</i>	57
4.1.2. <i>Inundações</i>	60
4.1.2.1. <i>Metodologia e critérios</i>	60
4.1.2.2. <i>Áreas de Risco Potencial Significativo de Inundações</i>	61
4.1.2.3. <i>Articulação entre PGRH e PGRI</i>	65
4.1.3. <i>Erosão costeira e instabilidade de arribas</i>	66
4.1.3.1. <i>Litoral baixo e arenoso</i>	66
4.1.3.2. <i>Litoral de arriba</i>	67
4.1.4. <i>Incêndios florestais</i>	69
4.1.5. <i>Tsunamis</i>	72
4.2. RISCOS TECNOLÓGICOS.....	73
4.2.1. <i>Acidentes no transporte de mercadorias perigosas</i>	73
4.2.2. <i>Acidentes em infraestruturas fixas de transporte de produtos perigosos</i>	73
4.2.3. <i>Colapso de pontes e aquedutos</i>	73
4.2.4. <i>Rutura de barragens</i>	73
4.2.5. <i>Acidentes em instalações fixas com substâncias perigosas</i>	75
ANEXOS.....	80
ANEXO I - LISTA DAS MASSAS DE ÁGUA IDENTIFICADAS NAS ARPSI.....	81

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 – Temperatura média mensal na RH	8
Figura 1.2 – Precipitação média anual para os anos húmido, médio e seco na RH, para o três períodos de referência .	10
Figura 1.3 – Precipitação média mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1930-2015	12
Figura 1.4 – Precipitação média mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1989-2015	12
Figura 1.5 – Precipitação média mensal para o ano seco nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH	13
Figura 1.6 – Precipitação média mensal para o ano médio nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH	14
Figura 1.7 – Evapotranspiração média mensal na RH.....	15
Figura 1.8 – Esquema ilustrativo do modelo proposto por Temez para representar os fluxos de água numa bacia hidrográfica.....	17
Figura 1.9 – Escoamento médio anual para os anos húmido, médio e seco na RH, para os três períodos de referência	18
Figura 1.10 – Escoamento médio mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1930-2015.....	20
Figura 1.11 – Escoamento médio mensal para os anos húmido, médio e seco para o período de 1989-2015, na RH....	22
Figura 1.12 – Escoamento médio mensal para o ano seco nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH	23
Figura 1.13 – Escoamento médio mensal para o ano médio nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH	23
Figura 1.14 – Escoamento anual para o regime modificado para os anos húmido, médio e seco na RH, para os três períodos de referência.....	26
Figura 1.15 – Escoamento em regime modificado mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1989-2015	28
Figura 1.16 – Disponibilidade hídrica subterrânea por unidade de área na RH	33
Figura 2.2 – Metodologia de cálculo do WEI+	37
Figura 2.3 – Valores do WEI+ mensal para os períodos de referência 1930-2015 e 1989-2015, na RH.....	39
Figura 2.3 – WEI+ anual por sub-bacia para o período de referência 1989-2015, na RH.....	40
Figura 3.1 – Anomalias da temperatura média do ar em 2020, em relação à normal de 1981-2010.....	44
Figura 3.2 – Anomalias da temperatura media global por décadas desde a era pré-industrial, considerando diferentes conjuntos de dados.....	44
Figura 3.3 – Anomalias observadas na temperatura do ar no período de verão na Europa	45
Figura 3.4 – Anomalias da média da temperatura do ar média por décadas, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000	45
Figura 3.5 – Anomalias anuais da temperatura média em Portugal continental em relação ao valor normal 1971-2000, desde 1931	46
Figura 3.6 – Ranking dos 30 maiores valores da temperatura média do ar entre 1931 e 2020.....	46
Figura 3.7 – Variabilidade da temperatura do ar máxima e mínima anual, em Portugal continental no período 1931-2020	47
Figura 3.8 – Distribuição espacial das anomalias da temperatura média do ar em 2020, em relação ao valor normal 1971-2000.....	48
Figura 3.9 – Anomalias da precipitação por décadas, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000	49
Figura 3.10 – Anomalias da quantidade de precipitação anual em Portugal continental, em relação ao valor médio no período 1971-2000	49
Figura 3.11 – Desvios (em relação ao valor médio 1971-2000) do total de precipitação anual em 2020.....	50
Figura 3.12 – Distribuição espacial da percentagem da precipitação em 2020, em relação ao valor normal 1971-2000	50
Figura 3.13 – Temperatura média do ar e precipitação em Portugal continental entre 1931 e 2020	51
Figura 3.14 – Desvio da precipitação mensal no ano hidrológico 2020/21 para a RH	51

Figura 4.1 – Evolução mensal da percentagem do território em seca severa e extrema, de acordo com a classificação do índice PDSI, para várias situações de seca (histórica: 1944/45; após 2000: 2004/05, 2008/09, 2011/12, 2014/15 e 2016/17)	54
Figura 4.2 – Principais secas em Portugal Continental e sua extensão territorial, anos secos no período de 2011 a 2021 (Adaptado do Boletim de Seca de setembro de 2017 do IPMA)	57
Figura 4.3 – Índice SPI-12 para a Bacia Hidrográfica do Tejo.....	58
Figura 4.4 – Aplicação do índice Drought State Index for Reservoirs na Bacia Hidrográfica do Tejo	58
Figura 4.5 – Eventos de inundação na RH.....	63
Figura 4.6 – Localização das ARPSI para a RH – 2.º ciclo	64
Figura 4.7 – Linha de costa em erosão (evolução de longo prazo).....	66
Figura 4.8 – Distribuição espacial das ocorrências de movimentos de massa de vertente em arriba e dos respetivos acidentes com pessoas	68
Figura 4.9 – Carta de perigosidade de incêndio florestal	69
Figura 4.10 – Incêndios rurais em Portugal Continental: ocorrências e área ardida	70
Figura 4.11 – Incêndios rurais em Portugal Continental: ocupação do solo	71
Figura 4.12 – Carta de suscetibilidade a tsunamis.....	72
Figura 4.13 – Massas de água diretamente afetadas por eventuais descargas poluentes acidentais, por classe de severidade	79

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1 – Número de estações de monitorização por rede de monitorização	7
Quadro 1.2 – Temperatura média mensal e anual por sub-bacia (período 1930-2015)	7
Quadro 1.3 – Número de estações de monitorização por rede de monitorização	8
Quadro 1.4 – Precipitação média anual para o ano húmido, médio e seco, por sub-bacia (período 1930-2015)	9
Quadro 1.5 – Precipitação média mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1930-2015)	10
Quadro 1.6 – Precipitação média mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1930-2015)	11
Quadro 1.7 – Evapotranspiração média mensal e anual por sub-bacia (período 1930-2015)	14
Quadro 1.8 – Escoamento médio anual para o ano húmido, médio e seco, por sub-bacia (período 1930-2015 e 1989-2015)	17
Quadro 1.9 – Escoamento médio mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1930-2015)	18
Quadro 1.10 – Escoamento médio mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1930-2015)	19
Quadro 1.11 – Escoamento médio mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1989-2015)	20
Quadro 1.12 – Escoamento médio mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1989-2015)	21
Quadro 1.13 – Escoamento anual em regime modificado para o ano húmido, médio e seco, por sub-bacia (período 1930-2015 e 1989-2015)	24
Quadro 1.14 – Escoamento em regime modificado mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1989-2015)	26
Quadro 1.15 – Escoamento em regime modificado mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1989-2015)	27
Quadro 1.16 – Afluências nos últimos cinco anos hidrológicos na RH	29
Quadro 1.17 – Afluências mensais e semanais nos últimos cinco anos hidrológicos na RH	30
Quadro 1.19 – Disponibilidade hídrica subterrânea na RH	33
Quadro 1.20 – Disponibilidade hídrica das massas de água subterrânea na RH	34
Quadro 2.1 – Categorias do índice WEI+	37
Quadro 2.2 – Valores do WEI+ mensal e anual por sub-bacia (período 1930-2015)	37
Quadro 2.3 – Valores do WEI+ mensal e anual por sub-bacia (período 1989-2015)	38
Quadro 2.4 – Valores das classes do índice de escassez WEI+ e a sua correspondência com a variação do coeficiente de escassez a aplicar na TRH	41
Quadro 2.5 – Valores do coeficiente de escassez a associar às sub-bacias na RH	41
Quadro 3.1 – Dez anos com a temperatura máxima mais alta em Portugal continental (1931-2020)	47
Quadro 4.1 – Escala de valores de precipitação associados à classificação do SPI (European Drought Observatory)	56
Quadro 4.2 – Escala de valores associado índice Drought State Index for Reservoirs (DSIR)	57
Quadro 4.3 – Eventos reportados na RH, entre 2011 e 2018	62
Quadro 4.4 – Lista de ARPSI para a RH	63
Quadro 4.5 – Número de massas de água identificadas nas ARPSI, na RH	65
Quadro 4.6 – Ocorrências de movimentos de massa de vertente por ARH	68
Quadro 4.7 – Classificação das Grandes Barragens	74
Quadro 4.8 – Potenciais Riscos e Impactes associados a possíveis fontes de contaminação por substâncias perigosas	75
Quadro 4.9 – Classificação de severidade dos impactes	77
Quadro 4.10 – Massas de água diretamente afetadas por eventuais descargas poluentes acidentais	78

1. DISPONIBILIDADES DE ÁGUA



1.1. Variáveis de entrada

A informação apresentada nos capítulos 1.1 e 1.2 resulta do trabalho desenvolvido para a APA, I.P. pelo Consórcio NEMUS – Gestão e Requalificação Ambiental, Lda. / BLUEFOCUS – Unipessoal, Lda. / HIDROMOD – Modelação em Engenharia, Lda.

1.1.1. Temperatura

As superfícies de temperatura média mensal utilizadas na modelação hidrológica foram produzidas com os registos de estações climatológicas do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH), do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) e da Agência Estatal de Meteorologia do Governo Espanhol (AEMET) (Quadro 1.1).

Quadro 1.1 – Número de estações de monitorização por rede de monitorização

Rede	Temperatura
	N.º de estações com registo no período 10/1900-09/2019 e na zona de interesse
SNIRH	104
IPMA	39
AEMET	295
TOTAL	438

Tendo em conta a quantidade de dados disponíveis, restringiu-se a análise ao período entre outubro de 1930 e setembro de 2016 (86 anos hidrológicos e 1032 meses) e foram consideradas 438 estações de temperatura.

A interpolação espacial dos valores pontuais de temperatura média mensal foi concretizada recorrendo ao método IDW. O Quadro 1.2 apresenta os valores de temperatura obtidos por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.2 – Temperatura média mensal e anual por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	Temperatura média /anual (°C)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	maí	jun	jul	ago	set	Anual
Almansôr	17,3	12,7	9,8	9,3	10,2	12,5	14,4	17,1	20,8	23,2	23,3	21,2	16,0
Costeiras do Oeste 2	16,7	12,4	9,7	9,2	10,1	12,2	13,9	16,4	19,9	22,3	22,4	20,4	15,5
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	16,2	12,4	10,0	9,5	10,2	12,1	13,6	15,6	18,3	20,0	20,2	18,9	14,8
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado 1	17,6	13,2	10,4	9,9	10,8	12,9	14,7	17,1	20,6	23,0	23,2	21,2	16,2
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	17,1	12,6	9,8	9,3	10,3	12,4	14,3	16,9	20,6	23,2	23,3	21,1	15,9
Costeiras entre o Tejo e o Sado 1	17,7	13,4	10,6	10,0	11,0	13,0	14,7	17,1	20,5	22,7	23,0	21,2	16,3
Divor	17,2	12,5	9,5	9,0	9,9	12,3	14,2	17,0	20,9	23,5	23,5	21,2	15,9
Erges	16,1	10,8	7,6	7,1	8,4	11,0	13,2	16,6	21,5	24,8	24,7	21,3	15,3
Grande	17,2	12,2	9,1	8,5	9,6	12,0	14,1	17,1	21,4	24,3	24,3	21,7	16,0
Maior	17,0	12,7	9,9	9,4	10,3	12,4	14,1	16,5	19,7	21,8	22,1	20,4	15,5
Nabão	16,4	11,9	9,2	8,6	9,6	11,8	13,6	16,0	19,6	21,9	22,0	20,1	15,0
Ocreza	16,2	11,3	8,3	7,7	8,8	11,2	13,2	16,2	20,4	23,2	23,2	20,7	15,0
Oeste 1	16,2	12,3	9,8	9,3	10,1	12,1	13,6	15,7	18,5	20,3	20,5	19,1	14,8
Oeste 2	16,5	12,6	10,1	9,6	10,3	12,2	13,8	15,9	18,8	20,7	20,9	19,5	15,1

Sub-bacia/RH	Temperatura média /anual (°C)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Pônsul	16,3	11,1	8,0	7,4	8,7	11,2	13,4	16,7	21,3	24,4	24,3	21,3	15,3
Raia	17,2	12,4	9,4	8,9	10,0	12,4	14,4	17,2	21,0	23,5	23,6	21,2	15,9
Seda	17,0	12,2	9,1	8,6	9,6	12,0	13,9	16,9	21,0	23,7	23,8	21,3	15,8
Sever	16,5	11,6	8,6	8,1	9,0	11,4	13,4	16,4	20,9	23,9	23,9	21,2	15,4
Sôr	16,9	12,2	9,2	8,6	9,6	12,0	14,0	16,8	20,8	23,4	23,5	21,1	15,7
Sorraia	17,2	12,7	9,8	9,3	10,2	12,5	14,4	17,0	20,6	22,9	23,0	21,0	15,9
Tejo	17,1	12,5	9,6	9,1	10,0	12,3	14,2	16,8	20,5	22,9	23,1	21,0	15,7
Zêzere	15,2	10,3	7,3	6,7	7,8	10,3	12,3	15,3	19,7	22,6	22,6	19,8	14,2
Tejo - Portugal	16,6	11,9	8,9	8,4	9,4	11,7	13,7	16,5	20,5	23,1	23,2	20,8	19,6
RH	16,6	12,0	9,0	8,5	9,5	11,8	13,7	16,5	20,3	22,9	23,0	20,7	15,4
Bacias internacionais													
Tejo - Espanha	13,9	8,8	5,7	5,2	6,4	9,1	11,4	15,0	19,8	23,3	23,0	19,3	18,6
Tejo (PT+ES)	14,8	9,7	6,7	6,2	7,3	9,9	12,1	15,5	20,0	23,3	23,0	19,8	14,0

Os valores médios mensais das sub-bacias costeiras, em média, apresentam valores superiores às restantes. Na RH os meses de julho e agosto são os que registam valores médios mais elevados (Figura 1.1).

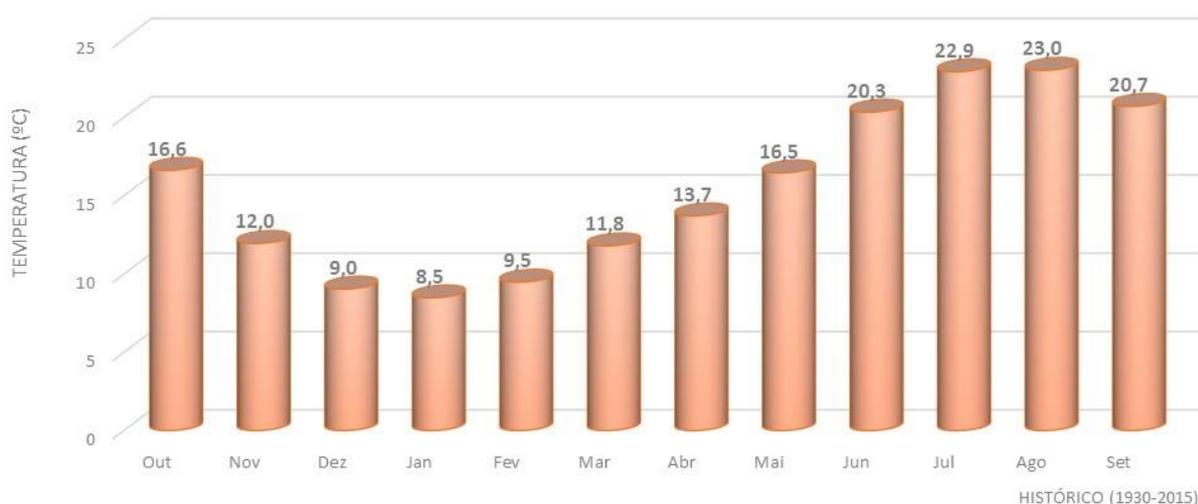


Figura 1.1 – Temperatura média mensal na RH

1.1.2. Precipitação

As superfícies de precipitação mensal utilizadas na modelação hidrológica foram produzidas com os registos de estações udométricas e climatológicas do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH), do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) e da Agência Estatal de Meteorologia do Governo Espanhol (AEMET) (Quadro 1.3).

Quadro 1.3 – Número de estações de monitorização por rede de monitorização

Rede	Precipitação
	N.º de estações com registos no período 10/1900-09/2019
SNIRH	775
IPMA	59

Rede	Precipitação
	N.º de estações com registos no período 10/1900-09/2019
AEMET	3594
TOTAL	4428

Tendo em conta a quantidade de dados disponíveis, restringiu-se a análise ao período entre outubro de 1930 e setembro de 2016 (86 anos hidrológicos e 1032 meses) e foram consideradas 3818 estações de precipitação.

A interpolação espacial dos valores pontuais de precipitação mensal foi concretizada recorrendo ao método IDW.

Uma vez que as variações de precipitação têm sofrido grandes alterações neste século, dividiu-se o período de referência (1930-2015) entre 1930-1989 e 1989-2015.

O Quadro 1.4 apresenta os valores de precipitação média anual para os anos húmido, médio e seco, obtidos para o período de referência 1930-2015, por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.4 – Precipitação média anual para o ano húmido, médio e seco, por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	Precipitação média anual (mm)		
	Ano húmido (80%)	Ano médio	Ano seco (20%)
Almansôr	821	627	467
Costeiras do Oeste 2	890	712	554
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	1033	813	616
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado 1	871	686	518
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	955	775	604
Costeiras entre o Tejo e o Sado 1	865	661	475
Divor	761	595	444
Erges	938	746	561
Grande	739	592	455
Maior	960	760	575
Nabão	1134	924	661
Ocreza	1122	918	688
Oeste 1	1088	861	643
Oeste 2	993	770	591
Pônsul	933	754	555
Raia	756	595	452
Seda	838	642	478
Sever	989	773	593
Sôr	889	684	485
Sorraia	805	624	471
Tejo	902	709	520
Zêzere	1384	1118	836
RH	982	777	578

Observa-se que o valor de precipitação em ano seco para o período 1930-2015 apresenta, em média, um decréscimo de 25% relativamente ao ano médio e de 41% relativamente ao ano húmido.

A Figura 1.2 apresenta os valores de precipitação média anual para os anos húmido, médio e seco por região hidrográfica, obtidos para os três períodos de referência 1930-2015, 1930-1989 e 1989-2015.

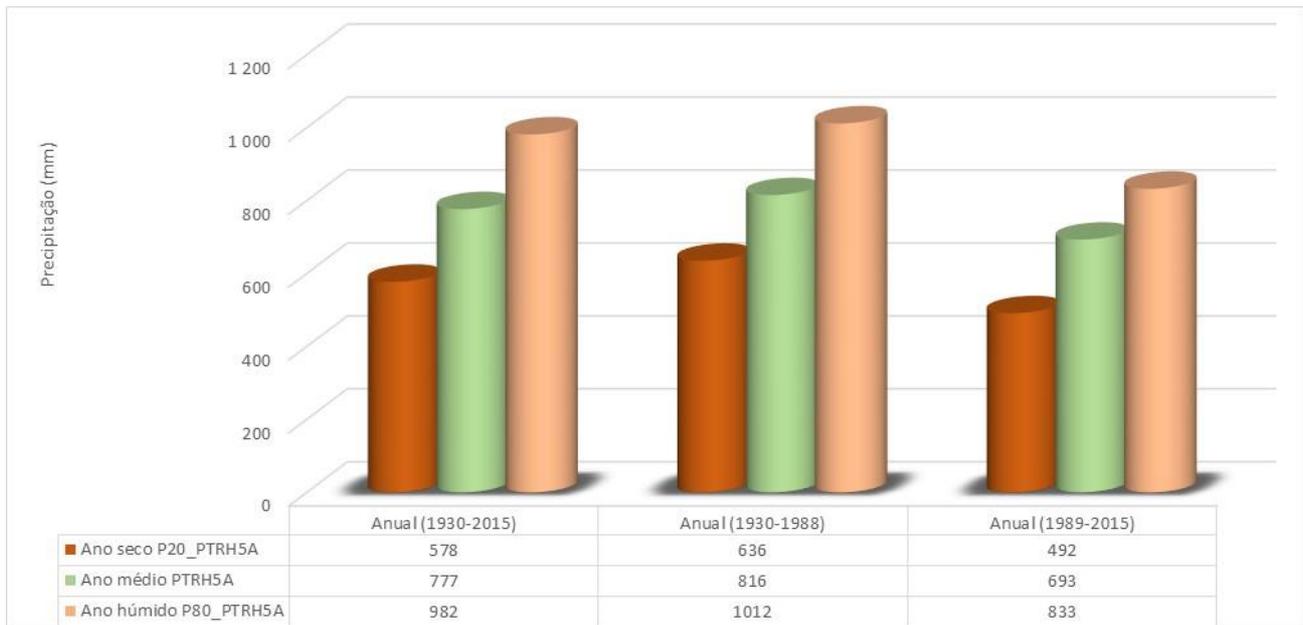


Figura 1.2 – Precipitação média anual para os anos húmido, médio e seco na RH, para o três períodos de referência

A análise comparativa dos dados para os vários períodos temporais, permite verificar uma redução generalizada da precipitação no período 1989-2015 relativamente ao período anterior de 1930-1988, sendo essa diminuição, em ano seco de 23%, em ano médio de 15% e em ano húmido de 18%.

O Quadro 1.5 e o Quadro 1.6 apresentam os valores de precipitação média mensal e anual para os anos médio e seco para o período 1930-2015, respetivamente, obtidos por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.5 – Precipitação média mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	Precipitação média /anual (mm)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Almansôr	71	82	90	87	71	70	55	43	19	4	4	29	627
Costeiras do Oeste 2	78	98	101	100	82	78	62	50	20	5	6	32	712
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	90	107	117	114	94	86	69	58	25	7	9	37	813
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado 1	75	95	99	99	78	77	58	46	18	5	6	30	686
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	85	107	111	112	88	87	65	52	21	5	7	35	775
Costeiras entre o Tejo e o Sado 1	72	91	98	97	78	75	56	43	16	3	4	28	661
Divor	67	78	85	80	68	67	53	42	19	4	4	27	595
Erges	91	98	101	100	80	79	63	56	25	8	7	39	746
Grande	67	77	83	80	68	68	52	42	20	4	5	28	592
Maior	82	101	107	109	88	83	66	53	24	6	7	35	760
Nabão	98	118	132	134	106	99	78	66	31	8	9	44	924
Ocreza	104	122	130	130	104	101	75	64	29	7	9	43	918
Oeste 1	94	112	125	121	101	91	73	62	27	8	10	39	861
Oeste 2	85	104	109	109	89	83	67	55	23	6	7	34	770
Pônsul	91	101	102	102	81	81	63	55	25	7	7	38	754
Raia	67	77	83	82	69	66	53	42	20	5	4	27	595
Seda	72	83	89	87	74	72	56	47	22	5	5	30	642
Sever	86	98	109	106	88	85	68	57	26	6	7	38	773

Sub-bacia/RH	Precipitação média /anual (mm)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Sôr	76	89	95	94	79	76	59	49	23	5	5	33	684
Sorraia	72	83	87	86	71	68	54	43	20	4	5	29	624
Tejo	79	95	100	100	81	78	60	50	22	5	6	33	709
Zêzere	121	146	159	161	127	121	93	80	37	11	12	52	1118
Tejo - Portugal	87	102	110	109	89	85	66	55	25	6	7	37	779
RH	86	103	110	109	89	85	66	55	25	6	7	36	777
Bacias internacionais													
Tejo - Espanha	70	75	76	69	60	61	59	56	32	11	12	37	618
Tejo (PT+ES)	75	84	86	81	69	68	61	56	30	10	11	37	667

Os valores médios mensais na sub-bacia hidrográfica do Zêzere são superiores aos das restantes bacias. Comparando os valores médios das precipitações mensais das bacias costeiras, conclui-se que, em média, as bacias Costeiras entre o Lis e Oeste 2 apresentam valores superiores às restantes costeiras. Na RH os meses de dezembro e janeiro são os que registam os valores médios mais elevados de precipitação e o mês de julho os valores mais baixos.

Quadro 1.6 – Precipitação média mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	Precipitação média /anual (mm)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Almansôr	23	32	35	36	18	23	22	13	3	0,1	0,1	5	467
Costeiras do Oeste 2	31	47	44	46	27	29	29	19	5	1	1	9	554
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	36	53	56	50	31	30	34	20	5	1	1	9	616
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado 1	30	40	39	45	21	31	30	17	5	0,5	1	7	518
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	28	40	47	49	24	33	27	18	5	0,5	1	9	604
Costeiras entre o Tejo e o Sado 1	23	37	38	45	22	32	26	12	2	0,1	0,2	5	475
Divor	25	28	32	33	21	23	21	13	3	0,1	0,04	6	444
Erges	42	31	32	31	19	22	27	17	6	0,4	0,2	8	561
Grande	29	29	28	30	18	21	22	15	3	0,2	0,1	5	455
Maior	30	44	45	45	27	28	31	16	5	1	1	8	575
Nabão	40	52	56	54	35	30	40	23	7	1	1	11	661
Ocreza	39	44	47	51	25	30	37	22	6	0,5	1	10	688
Oeste 1	37	56	59	52	33	32	37	24	5	1	1	11	643
Oeste 2	35	52	50	52	30	28	30	21	5	1	0,5	7	591
Pônsul	36	31	30	31	20	24	27	17	5	0,3	0,2	8	555
Raia	23	29	28	31	18	23	18	12	3	0,0	0,01	5	452
Seda	27	32	33	33	18	23	26	15	3	0,2	0,1	7	478
Sever	32	41	40	34	22	27	28	18	5	0,2	0,2	8	593
Sôr	30	38	33	38	19	24	26	16	3	0,1	0,1	8	485
Sorraia	29	31	34	36	19	25	23	12	2	0,04	0,1	6	471
Tejo	31	35	41	41	21	27	31	16	4	0,4	0,3	8	520
Zêzere	51	56	59	60	38	38	47	30	11	1	1	15	836
RH	34	40	42	43	25	28	32	19	5	1	0,4	9	578

Para o ano seco, a precipitação mensal diminui em todos os meses em relação ao ano médio, variando essa redução entre menos 94% em agosto e menos 52% em abril.

A Figura 1.3 apresenta os valores de precipitação média mensal para os anos húmido, médio e seco para o período de referência 1930-2015 na RH.

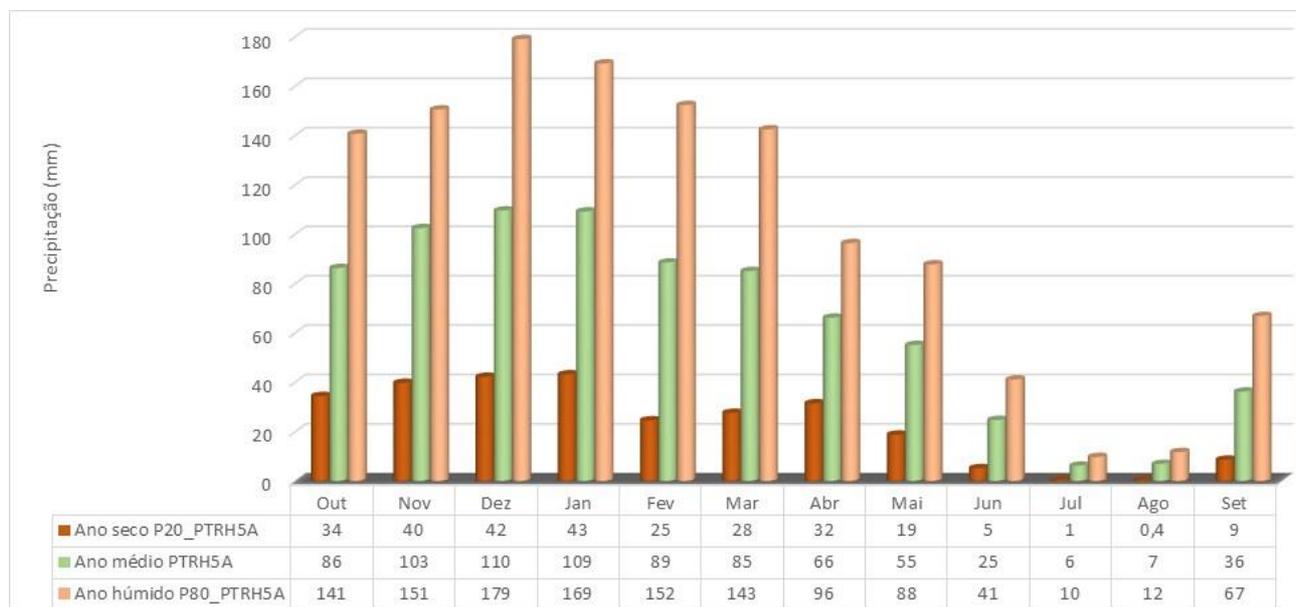


Figura 1.3 – Precipitação média mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1930-2015

Na Figura 1.4 observam-se os valores de precipitação média mensal para os anos húmido, médio e seco para o período de referência 1989-2015.

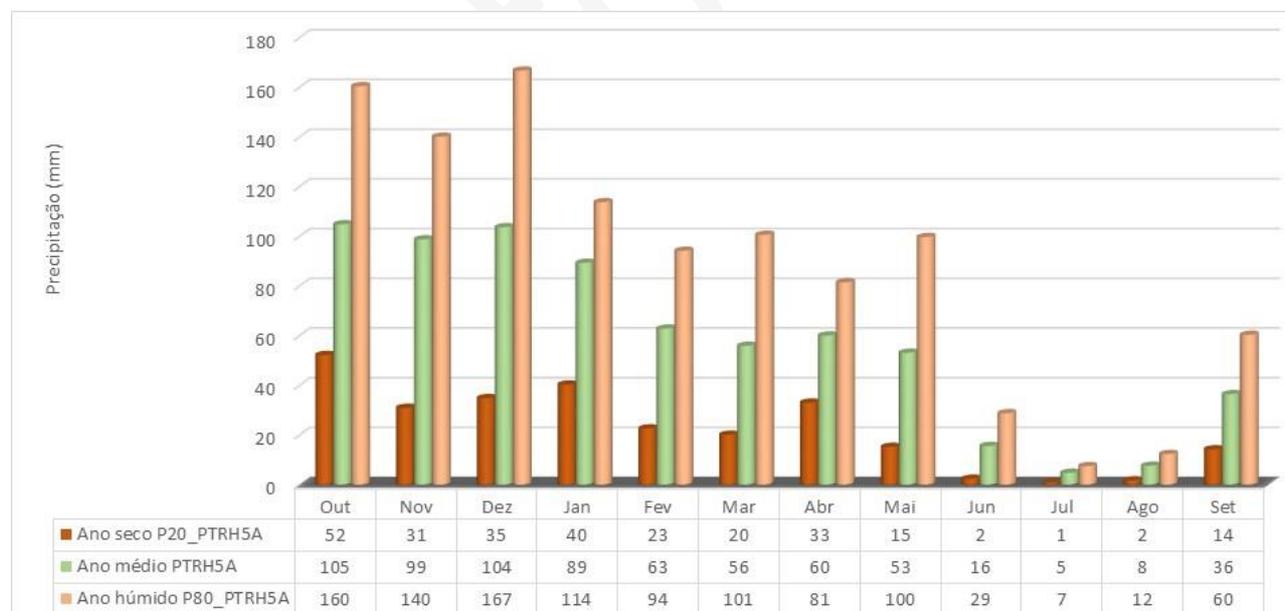


Figura 1.4 – Precipitação média mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1989-2015

Comparando os períodos de 1930-2015 e 1989-2015, verifica-se que, em regra, os valores de precipitação média referentes ao período entre 1989-2015 sofrem uma redução quer em ano médio quer em ano seco e húmido.

Para melhor se observarem as diferenças da precipitação média nos anos médio e seco para os três períodos de referência (1930-2015, 1930-1989 e 1989-2015) apresentam-se na Figura 1.5 a precipitação em ano seco e na Figura 1.6 a precipitação em ano médio.

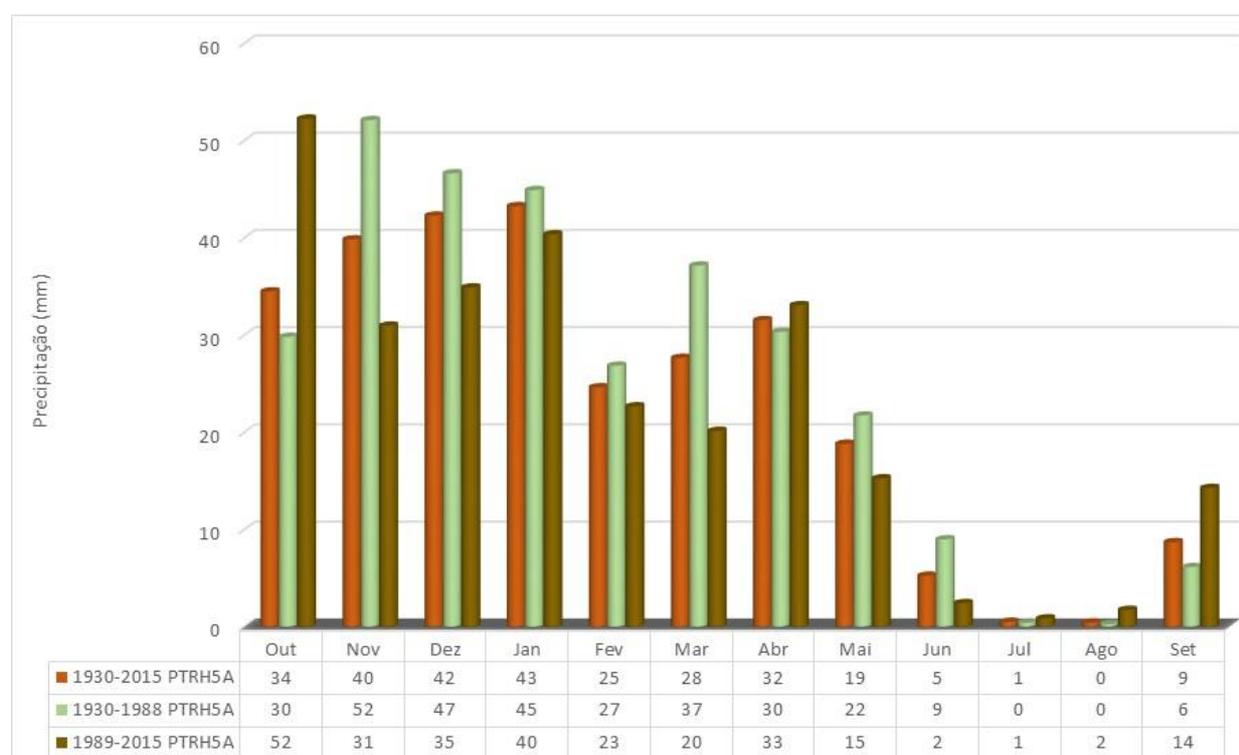


Figura 1.5 – Precipitação média mensal para o ano seco nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH

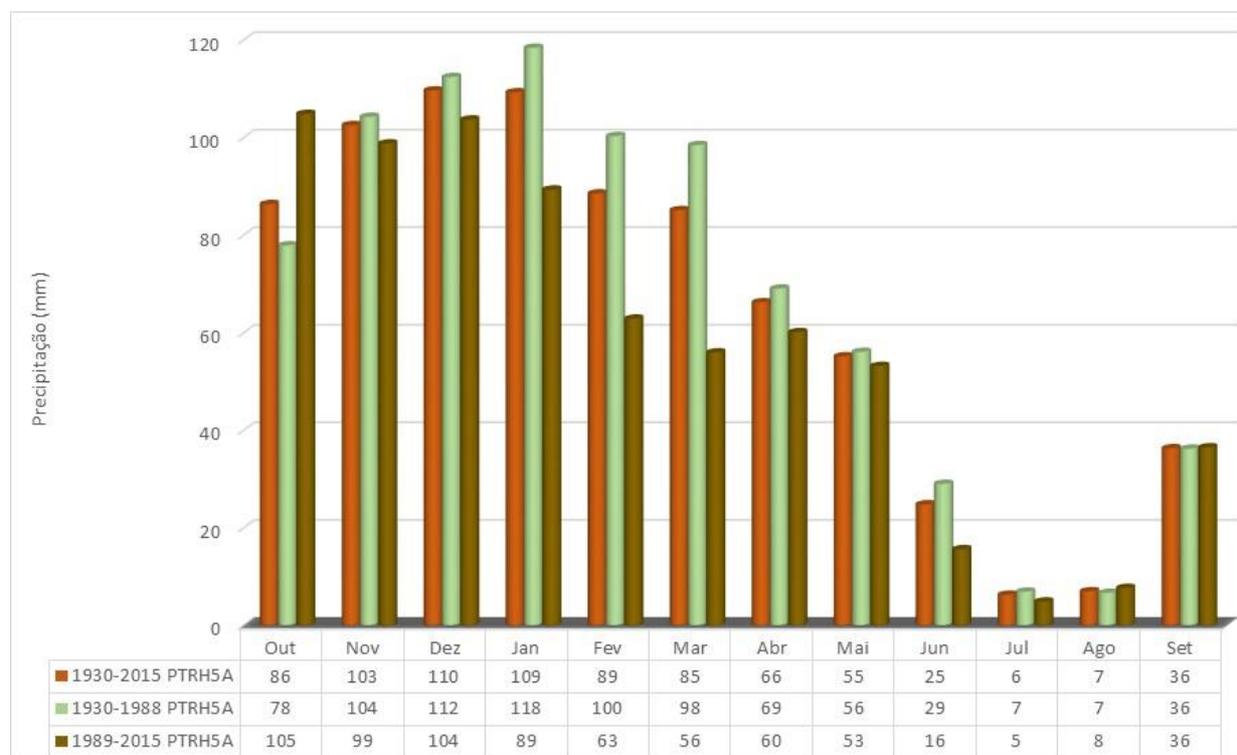


Figura 1.6 – Precipitação média mensal para o ano médio nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH

Em termos comparativos entre os períodos de análise verifica-se que, em ano seco, as precipitações mensais no período 1989-2015 são inferiores às do período 1930-1988, exceto nos meses de outubro, abril, julho, agosto e setembro. Já em ano médio essas diferenças mensais são sempre inferiores exceto no mês de outubro.

1.1.3. Evapotranspiração

A evapotranspiração potencial foi estimada a partir da temperatura do ar pelo método de Hargreaves, tendo em conta a maior disponibilidade de dados de temperatura.

O Quadro 1.7 apresenta a evapotranspiração potencial mensal média e anual por sub-bacia.

Quadro 1.7 – Evapotranspiração média mensal e anual por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	Evapotranspiração média /anual (mm)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Almansôr	79	46	35	39	48	81	105	139	166	188	171	124	1219
Costeiras do Oeste 2	73	42	33	37	45	76	98	127	148	167	152	113	1110
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	74	44	34	39	47	79	100	127	143	156	143	111	1099
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado 1	72	42	32	36	45	76	96	125	147	166	150	111	1098
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	72	42	32	36	45	75	96	126	148	167	152	111	1100
Costeiras entre o Tejo e o Sado 1	74	44	34	38	47	78	99	128	150	168	153	113	1126

Sub-bacia/RH	Evapotranspiração média / anual (mm)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Divor	78	44	34	38	47	80	103	139	169	192	174	124	1222
Erges	68	37	28	31	40	72	96	132	164	189	170	116	1142
Grande	76	42	32	36	45	78	101	138	170	194	176	122	1210
Maior	76	44	34	39	48	80	102	132	153	170	156	117	1151
Nabão	75	43	33	37	46	78	102	133	155	175	159	118	1154
Ocreza	71	40	30	33	43	75	98	132	161	184	167	117	1151
Oeste 1	74	44	34	39	47	79	100	127	144	158	145	112	1103
Oeste 2	74	44	34	39	47	79	99	127	145	160	147	112	1106
Pônsul	70	38	29	32	42	74	98	134	166	191	172	118	1164
Raia	79	45	34	38	48	81	106	142	171	195	178	126	1243
Seda	76	43	32	36	45	78	100	137	167	191	174	122	1203
Sever	68	37	28	31	41	71	94	128	158	182	165	113	1116
Sôr	81	45	35	39	48	83	104	142	170	194	178	127	1245
Sorraia	79	45	35	39	48	81	105	139	164	184	168	123	1210
Tejo	76	43	33	37	46	79	102	134	159	180	164	119	1173
Zêzere	68	38	29	32	40	71	93	127	155	178	161	114	1105
Tejo - Portugal	74	42	32	36	45	77	100	134	161	184	167	119	1 171
RH	74	42	32	36	45	77	100	133	160	181	165	119	1165
Bacias internacionais													
Tejo - Espanha	68	37	27	30	41	72	96	133	165	191	168	114	1 143
Tejo (PT+ES)	70	39	28	32	42	74	98	134	164	189	168	116	1 151

Os valores médios mensais na sub-bacia hidrográfica do Sôr são superiores aos das restantes bacias. Comparando os valores médios da evapotranspiração mensal das bacias costeiras, conclui-se que, em média, as bacias costeiras entre o Tejo e o Sado 1 apresentam valores superiores às restantes costeiras. Na RH o mês de julho é o que regista valores mais elevados da ordem dos 181 mm (Figura 1.7).

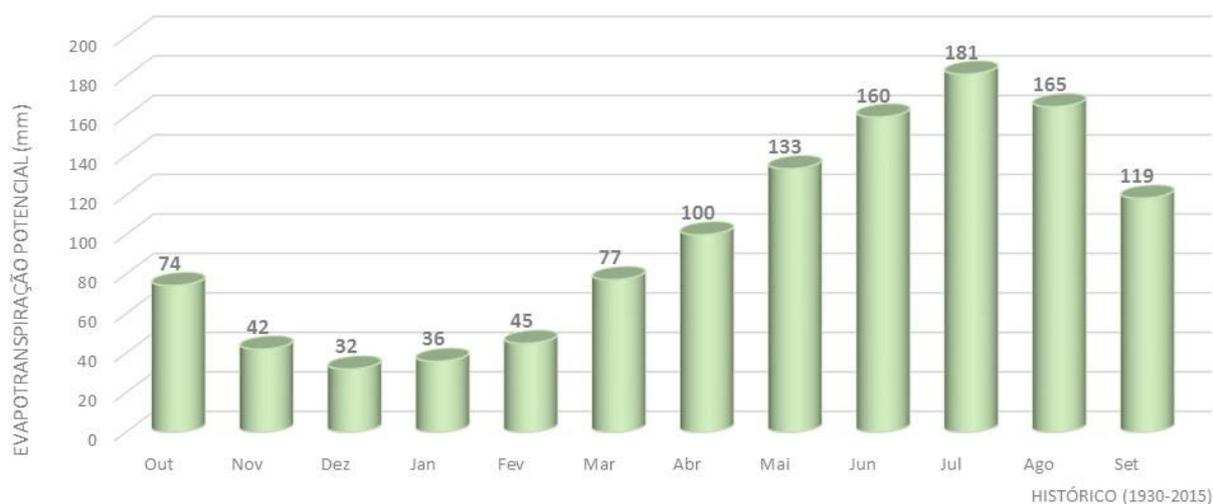


Figura 1.7 – Evapotranspiração média mensal na RH

1.2. Disponibilidades hídricas superficiais

As disponibilidades hídricas em regime natural referem-se ao volume disponível para escoamento superficial imediato à precipitação e para recarga de aquíferos, podendo ser definida como a diferença entre a precipitação e a evapotranspiração real. À escala anual, pode considerar-se que a disponibilidade hídrica natural é sensivelmente igual ao escoamento uma vez que, de um modo geral, os aquíferos, não têm capacidade de regularização inter-anual de escoamento. A transferência de volume de água entre períodos de tempo, ou regularização de afluências, permite uniformizar as disponibilidades, considerando-se neste caso as disponibilidades em regime modificado. Estas últimas são, por isso, indissociáveis da distribuição dos consumos e do esquema de operação dos reservatórios.

1.2.1. Regime natural

A avaliação das disponibilidades hídricas superficiais em regime natural foi realizada por modelação hidrológica para produzir séries de escoamento mensal a partir das séries de precipitação e de evapotranspiração potencial.

Adotou-se um modelo hidrológico distribuído matricial com uma resolução espacial de 1 km x 1 km e uma escala temporal mensal que implementa um modelo de balanço hídrico, conhecido por modelo de Temez.

Os dados do modelo são as superfícies de precipitação mensal e de temperatura média mensal, a partir das quais são calculadas as superfícies mensais de evapotranspiração potencial, evapotranspiração real, recarga dos aquíferos e escoamento total. O modelo possui 4 parâmetros:

- C – Coeficiente de excedente;
- U_{max} – Capacidade utilizável de água do solo, em mm;
- R_{max} – Taxa de recarga máxima, em mm/ Δt ;
- α – Coeficiente de esgotamento do aquífero, em 1/ Δt .

O modelo de Temez considera duas zonas da coluna litológica: uma zona superficial não saturada e uma zona subterrânea saturada, ambas simuladas através de dois reservatórios. A água armazenada no reservatório superficial corresponde à retenção de água à superfície do terreno e à humidade do solo, enquanto a água armazenada no reservatório subterrâneo corresponde ao armazenamento nos aquíferos da bacia hidrográfica. O reservatório superficial recebe água por precipitação, P, e perde por evapotranspiração, ETR, ou por excesso da sua capacidade de armazenamento. O excedente, X, infiltra-se e recarrega a zona saturada ou escoar-se superficialmente. O reservatório subterrâneo recebe água por recarga, R, e perde por esgotamento do aquífero, G. O escoamento superficial total da bacia, T, corresponde à soma do excedente superficial com a parcela proveniente do aquífero.

A Figura 1.8 apresenta o esquema proposto por Temez para representar os fluxos de água numa bacia hidrográfica.

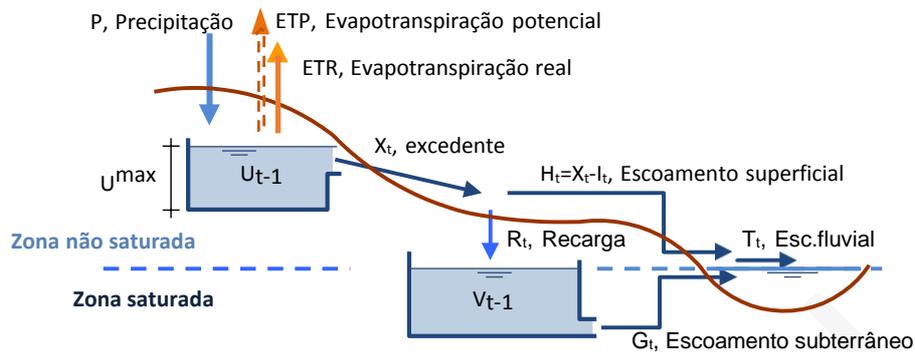


Figura 1.8 – Esquema ilustrativo do modelo proposto por Temez para representar os fluxos de água numa bacia hidrográfica

Uma vez que as variações de escoamento, como resultado da precipitação, têm sofrido grandes alterações neste século, dividiu-se o período de referência (1930-2015) entre 1930-1988 e 1989-2015 para melhor se observarem as diferenças do escoamento médio para estes períodos.

O Quadro 1.8 apresenta os valores de escoamento médio anual para os anos húmido, médio e seco, para os períodos de referência 1930-2015 e 1989-2015, obtidos por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.8 – Escoamento médio anual para o ano húmido, médio e seco, por sub-bacia (período 1930-2015 e 1989-2015)

Sub-bacia/RH	Escoamento médio anual (hm ³) (período 1930-2015)			Escoamento médio anual (hm ³) (período 1989-2015)		
	Ano húmido (80%)	Ano médio	Ano seco (20%)	Ano húmido (80%)	Ano médio	Ano seco (20%)
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	55	30	5	23	21	2
Oeste 1	30	17	3	13	12	1
Oeste 2	719	425	100	382	332	61
Costeiras do Oeste 2	35	21	4	22	17	2
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	31	18	3	18	14	1
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	18	11	2	10	8	1
Tejo	16211	10258	4120	12510	9272	3228
Maior	326	194	34	196	145	15
Nabão	521	312	87	266	224	50
Zêzere	2926	1912	756	1805	1453	355
Ocreza	744	466	171	483	390	91
Pônsul	477	302	78	403	265	38
Erges	530	353	151	472	322	84
Sever	253	150	33	169	128	24
Sorraia	251	139	12	143	108	3
Sôr	350	193	17	187	139	9
Grande	212	121	11	96	87	3
Seda	563	295	30	282	221	18
Raia	56	29	2	37	23	1
Divor	153	83	5	69	59	2
Almansôr	243	139	8	127	98	2
Costeiras entre o Tejo e o Sado	31	17	2	22	16	1
RH	24735	15483	5633	17732	13354	3991

No período 1930-2015 observa-se que o valor de escoamento em ano seco representa, em média, uma redução de cerca de 64% relativamente ao ano médio e de 77% relativamente ao ano húmido. Uma análise análoga para o período 1989-2015, permite verificar que essas variações são mais acentuadas, com valores de escoamento em ano seco, em média, de menos 70% relativamente ao ano médio e de menos 77% relativamente ao ano húmido.

A Figura 1.9 apresenta os valores de escoamento médio anual para os anos húmido, médio e seco por região hidrográfica, obtidos para os três períodos de referência 1930-2015, 1930-1989 e 1989-2015.

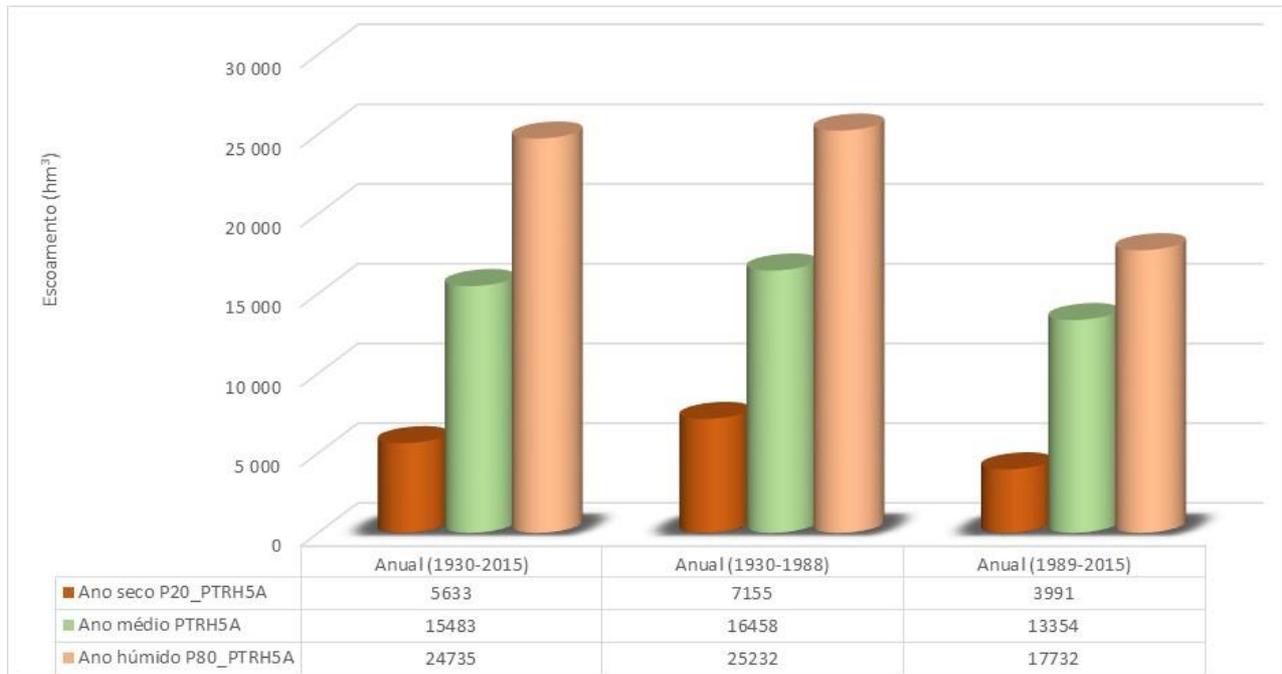


Figura 1.9 – Escoamento médio anual para os anos húmido, médio e seco na RH, para os três períodos de referência

Comparando os vários períodos, verifica-se uma redução generalizada do escoamento no período 1989-2015 em relação ao período anterior de 1930-1988, sendo essa diminuição, em ano seco de 44%, em ano médio de 19% e em ano húmido de 30%.

O Quadro 1.9 e o Quadro 1.10 apresentam os valores de escoamento médio mensal e anual para os anos médio e seco para o período 1930-2015, respetivamente, obtidos por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.9 – Escoamento médio mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	Escoamento médio/anual (hm ³)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	1	2	4	6	6	5	3	2	1	1	0,5	0,3	30
Oeste 1	0,4	1	2	3	3	3	2	1	1	0,5	0,3	0,2	17
Oeste 2	10	27	58	82	82	67	40	25	15	9	6	4	425
Costeiras do Oeste 2	1	1	3	4	4	3	2	1	1	0,4	0,2	0,1	21
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	0,4	1	2	3	3	3	2	1	1	0,4	0,2	0,1	18
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	0,3	1	1	2	2	2	1	1	0,4	0,2	0,1	0,1	11
Tejo	684	1059	1558	1756	1553	1366	860	617	323	185	118	179	10258

Sub-bacia/RH	Escoamento médio/anual (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Maior	4	9	21	32	34	32	23	16	10	6	4	2	194
Nabão	7	16	38	57	56	49	33	23	14	9	5	4	312
Zêzere	70	176	336	425	340	288	138	82	27	14	8	9	1912
Ocreza	18	41	82	104	86	75	29	16	6	3	2	2	466
Pônsul	12	29	52	67	55	48	19	10	4	3	2	1	302
Erges	23	40	62	73	57	50	23	14	5	2	1	4	353
Sever	6	13	25	33	29	25	10	5	2	1	1	1	150
Sorraia	3	7	13	21	25	24	18	12	8	5	3	2	139
Sôr	5	13	24	35	36	32	20	13	8	5	3	2	193
Grande	3	9	19	26	24	21	9	5	3	2	1	1	121
Seda	9	24	47	63	61	49	20	11	6	3	2	1	295
Raia	1	2	3	5	5	5	3	2	1	1	1	0,3	29
Divor	2	5	12	15	16	14	8	5	3	2	1	1	83
Almansôr	4	9	19	26	27	23	13	8	5	3	2	1	139
Costeiras entre o Tejo e o Sado	0,3	1	2	3	3	3	2	1	1	0,5	0,3	0,2	17
RH	861	1484	2382	2840	2509	2186	1277	871	444	255	160	215	15483
Bacias internacionais													
Tejo – Espanha	640	953	1354	1471	1276	1119	723	530	272	154	99	167	8757
Tejo – Portugal*	848	1451	2309	2737	2406	2101	1226	839	424	243	153	210	14946

*Inclui o escoamento proveniente de Espanha.

Os valores médios mensais na sub-bacia hidrográfica do Tejo são superiores aos das restantes sub-bacias. Comparando os valores médios do escoamento mensal das bacias costeiras, conclui-se que a bacia costeira entre o Lis e o Oeste 2 é a que apresenta valores mais elevados. Na RH o mês de janeiro é que apresenta os valores médios de escoamento mensal mais elevados com 2840 hm³.

Quadro 1.10 – Escoamento médio mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	Escoamento médio/anual (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	0,1	0,1	0,1	1	1	1	1	1	0,5	0,3	0,2	0,1	5
Oeste 1	0,1	0,1	0,1	0,3	0,4	0,4	1	0,5	0,3	0,2	0,1	0,1	3
Oeste 2	1	1	2	8	11	11	11	7	4	3	2	1	100
Costeiras do Oeste 2	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,4	0,4	0,3	0,2	0,1	0,1	0,1	4
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	0,04	0,04	0,05	0,1	0,2	0,3	0,3	0,2	0,1	0,1	0,04	0,03	3
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	0,03	0,03	0,03	0,1	0,2	0,2	0,3	0,2	0,1	0,1	0,04	0,03	2
Tejo	119	234	244	279	258	315	331	268	171	97	69	63	4120
Maior	1	1	1	3	4	4	4	3	2	1	1	1	34
Nabão	2	2	3	8	8	8	9	8	5	3	2	1	87
Zêzere	4	9	15	49	41	37	36	25	13	8	5	4	756
Ocreza	1	1	3	9	9	9	8	6	3	2	1	1	171
Pônsul	1	1	1	4	4	5	4	3	2	1	1	0,5	78
Erges	3	4	5	7	5	6	5	4	2	1	1	1	151
Sever	0,2	0,3	1	1	2	2	2	1	1	0,5	0,3	0,2	33
Sorraia	0,4	0,5	1	1	1	1	1	1	1	0,4	0,2	0,2	12
Sôr	0,4	1	1	1	1	2	2	2	1	1	0,4	0,4	17
Grande	0,1	0,2	0,2	0,3	0,5	0,4	1	1	1	0,4	0,2	0,1	11

Sub-bacia/RH	Escoamento médio/anual (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Seda	0,4	0,5	1	1	2	2	4	3	2	1	1	0,4	30
Raia	0,04	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,04	0,02	2
Divor	0,1	0,2	0,3	0,3	0,4	0,4	1	1	0,3	0,2	0,1	0,1	5
Almansôr	0,2	0,4	0,5	0,5	0,4	1	1	0,5	0,4	0,3	0,2	0,2	8
Costeiras entre o Tejo e o Sado	0,02	0,1	0,1	0,1	0,1	0,3	0,2	0,1	0,1	0,1	0,03	0,02	2
RH	133	255	277	375	348	405	424	333	209	120	83	74	5633

Para o período 1930-2015 verifica-se que, em ano seco, o escoamento mensal diminui em todos os meses em relação ao ano médio, variando essa redução entre menos 88% em dezembro e menos 48% em agosto.

A Figura 1.10 apresenta os valores de escoamento médio mensal e anual para os anos húmido, médio e seco para o período de referência 1930-2015 na RH.

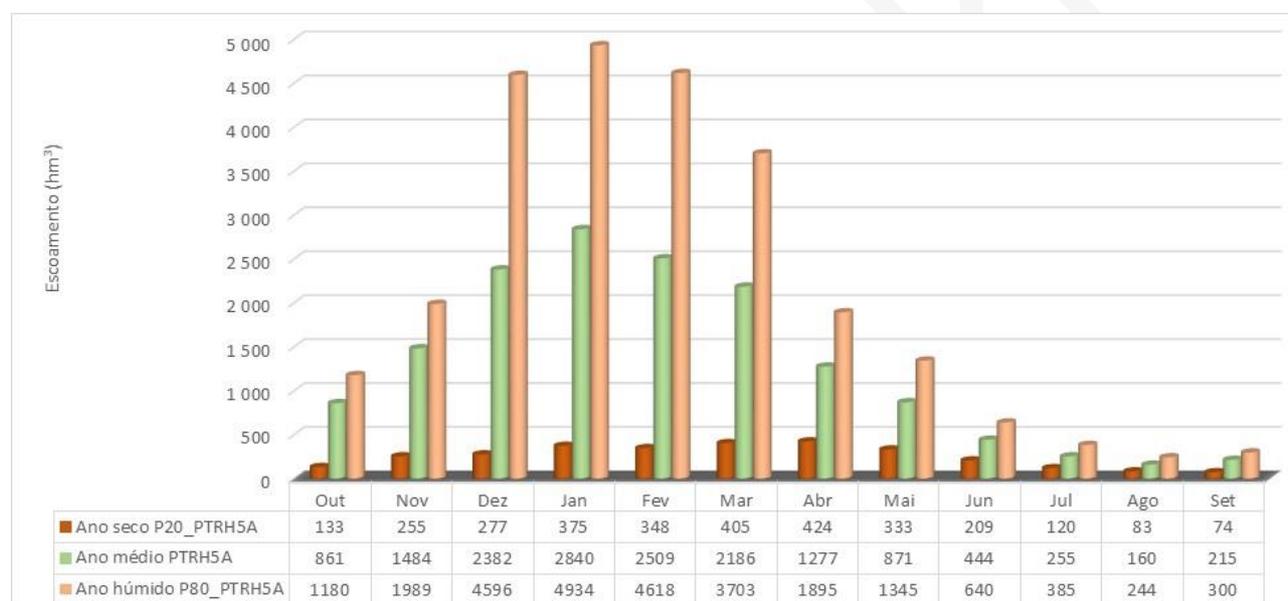


Figura 1.10 – Escoamento médio mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1930-2015

O Quadro 1.11 e o Quadro 1.12 e o apresentam os valores de escoamento médio mensal e anual para os anos médio e seco, respetivamente, obtidos para o período de 1989-2015, por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.11 – Escoamento médio mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1989-2015)

Sub-bacia/RH	Escoamento médio/anual (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	1	2	3	4	3	3	2	1	1	0,5	0,3	0,2	21
Oeste 1	0,3	1	2	2	2	1	1	1	0,5	0,3	0,2	0,1	12
Oeste 2	11	38	62	69	50	38	24	16	10	6	4	2	332
Costeiras do Oeste 2	1	2	4	4	3	2	1	1	0,5	0,3	0,2	0,1	17
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	0,5	1	3	3	2	2	1	1	0,5	0,3	0,2	0,1	14

Sub-bacia/RH	Escoamento médio/anual (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	0,3	1	2	2	1	1	1	0,4	0,3	0,2	0,1	0,1	8
Tejo	924	1182	1762	1559	1065	980	660	530	239	141	91	139	9272
Maior	4	12	23	27	22	19	14	10	6	4	2	2	145
Nabão	7	19	38	43	33	28	20	14	9	6	3	2	224
Zêzere	88	183	324	310	190	153	96	70	17	10	6	5	1453
Ocreza	28	50	91	80	50	44	21	15	5	3	2	2	390
Pônsul	15	39	65	55	32	30	12	9	3	2	1	1	265
Erges	29	45	75	61	36	34	16	15	3	2	1	4	322
Sever	9	14	30	25	19	15	6	6	1	1	1	0,5	128
Sorraia	3	9	17	20	17	15	11	7	4	3	2	1	108
Sôr	6	15	27	28	20	17	10	7	4	3	2	1	139
Grande	4	10	22	19	12	10	4	3	2	1	1	0,4	87
Seda	12	27	53	48	32	25	9	7	3	2	1	1	221
Raia	1	2	4	5	4	3	2	1	1	1	0,3	0,2	23
Divor	3	6	13	12	8	7	4	3	2	1	1	0,3	59
Almansôr	5	10	21	20	13	12	7	5	3	2	1	1	98
Costeiras entre o Tejo e o Sado	1	1	3	3	2	2	1	1	1	0,4	0,2	0,1	16
RH	1152	1670	2642	2399	1618	1441	923	724	315	188	119	164	13354

Quadro 1.12 – Escoamento médio mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1989-2015)

Sub-bacia/RH	Escoamento médio/anual (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	0,1	0,05	0,1	0,1	0,1	0,1	0,3	0,2	0,1	0,1	0,04	0,02	2
Oeste 1	0,03	0,03	0,04	0,05	0,1	0,1	0,1	0,1	0,05	0,03	0,02	0,01	1
Oeste 2	1	2	1	5	5	4	4	4	2	1	1	1	61
Costeiras do Oeste 2	0,04	0,1	0,04	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,1	0,1	0,03	0,02	2
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	0,02	0,1	0,03	0,04	0,1	0,05	0,1	0,1	0,1	0,03	0,02	0,01	1
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	0,01	0,02	0,01	0,04	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,03	0,02	0,01	1
Tejo	151	238	237	279	143	153	218	183	114	64	51	63	3228
Maior	0,2	1	0,5	1	1	2	2	1	1	1	0,4	0,3	15
Nabão	1	2	2	4	3	3	4	3	2	1	1	1	50
Zêzere	4	12	14	30	18	19	26	17	10	6	4	2	355
Ocreza	1	1	3	7	4	3	4	3	2	1	1	0,5	91
Pônsul	1	1	2	2	2	1	3	2	1	1	0,4	0,2	38
Erges	5	4	4	5	4	3	4	3	1	1	1	1	84
Sever	0,3	1	1	1	1	0,5	1	1	0,4	0,2	0,1	0,1	24
Sorraia	0,1	0,5	0,4	0,3	0,3	0,2	0,1	0,1	0,1	0,04	0,03	0,02	3
Sôr	0,3	1	0,5	1	1	1	0,3	0,3	0,2	0,1	0,1	0,04	9
Grande	0,1	0,3	0,3	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,04	0,02	0,02	3
Seda	0,4	1	1	1	1	1	1	1	1	0,3	0,2	0,1	18
Raia	0,03	0,1	0,1	0,1	0,03	0,02	0,02	0,05	0,03	0,02	0,01	0,01	1
Divor	0,1	0,2	0,1	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1	0,05	0,03	0,02	0,01	2
Almansôr	0,1	0,4	0,3	0,3	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,04	0,02	0,03	2
Costeiras entre o Tejo e o Sado	0,01	0,1	0,05	0,1	0,03	0,02	0,02	0,03	0,02	0,01	0,01	0,01	1
RH	165	263	267	338	183	191	268	220	135	76	59	69	3991

Para o período 1989-2015 em ano seco, o escoamento mensal diminui em todos os meses em relação ao ano médio, variando entre menos 90% em dezembro até menos 50% em agosto.

A Figura 1.11 apresenta os valores mensais do escoamento médio para os anos húmido, médio e seco para o período de 1989-2015.

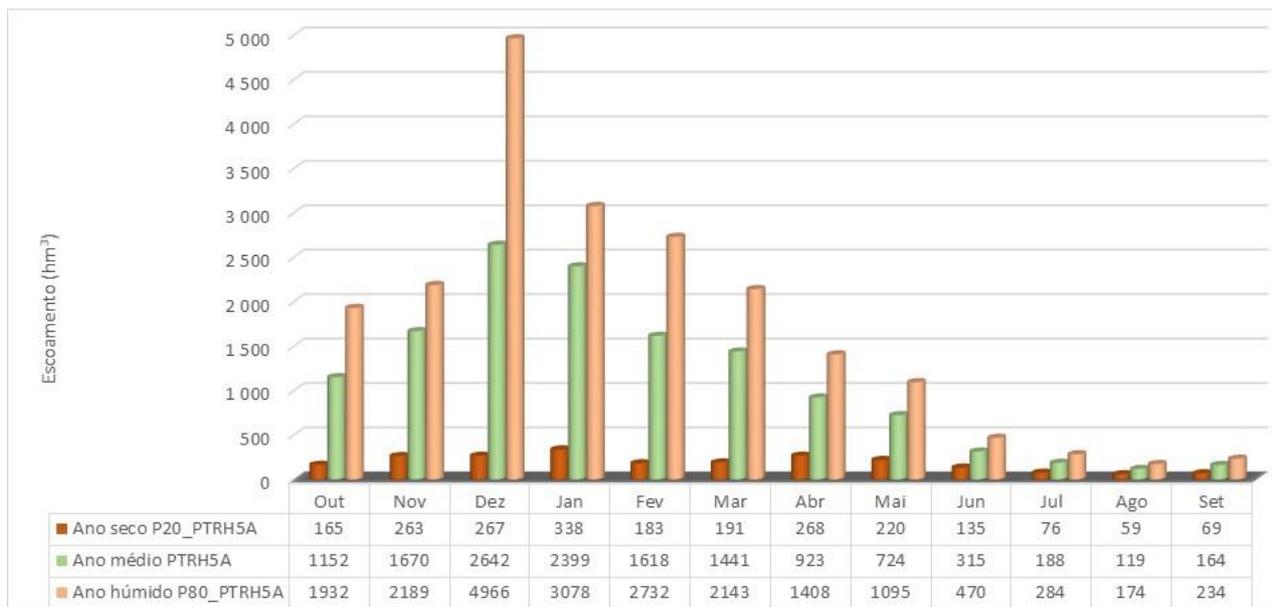


Figura 1.11 – Escoamento médio mensal para os anos húmido, médio e seco para o período de 1989-2015, na RH

Comparando os períodos de 1930-2015 e 1989-2015, verifica-se que, em regra, os valores de escoamento médio referentes ao período entre 1989-2015 sofrem uma redução quer em ano médio quer em ano seco e húmido.

Para melhor se observarem as diferenças do escoamento médio nos anos médio e seco para os três períodos de referência (1930-2015, 1930-1989 e 1989-2015) apresenta-se na Figura 1.12 o escoamento em ano seco e na Figura 1.13 o escoamento em ano médio.

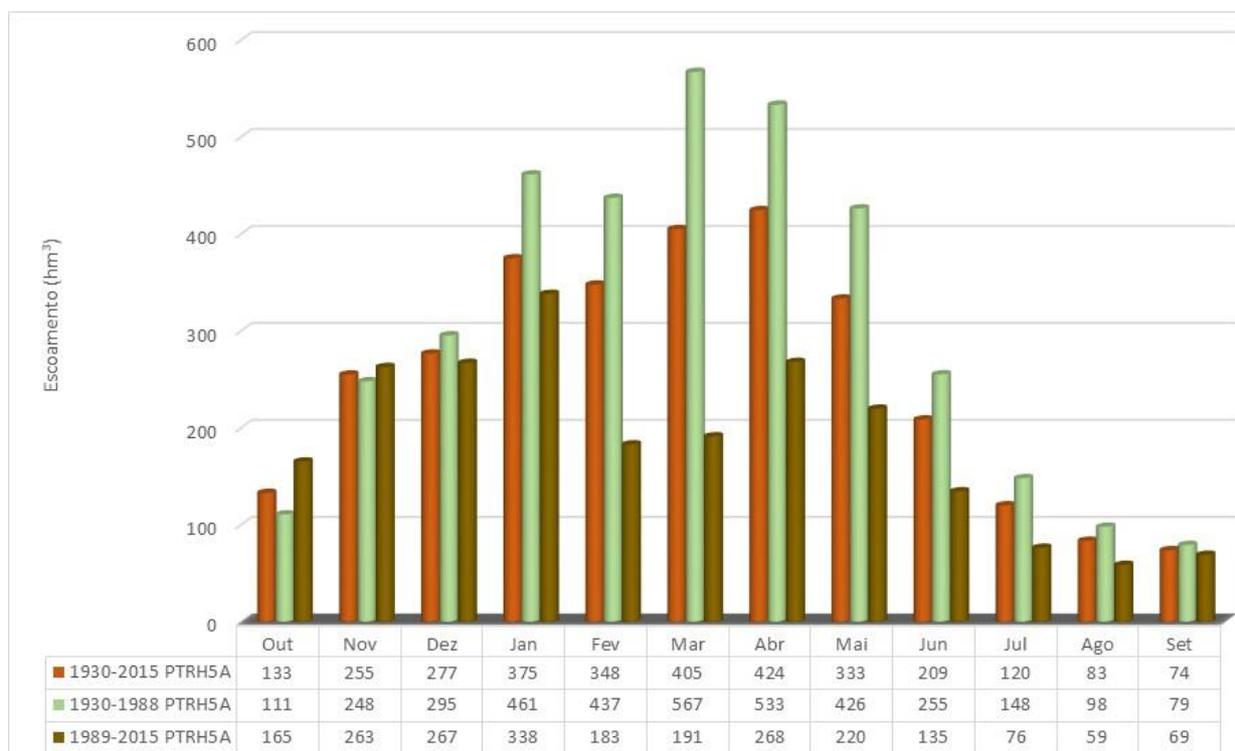


Figura 1.12 – Escoamento médio mensal para o ano seco nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH

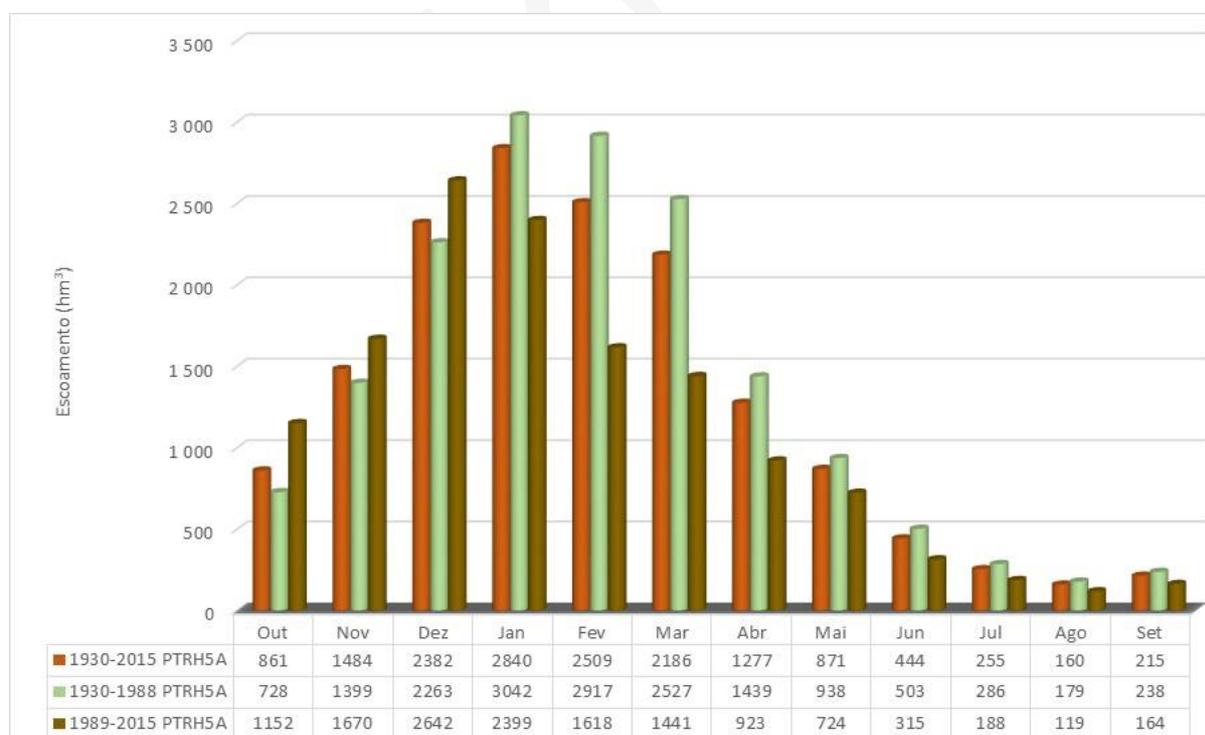


Figura 1.13 – Escoamento médio mensal para o ano médio nos três períodos de análise (1930-2015, 1930-1988 e 1989-2015) na RH

Em termos comparativos entre os períodos de análise verifica-se que, em ano seco, os escoamentos mensais no período 1989-2015 são sempre inferiores aos do período 1930-1988, exceto em outubro e novembro. Em ano médio verifica-se uma redução geral exceto entre outubro e janeiro.

O caudal ecológico corresponde ao regime de caudais que permite assegurar a conservação e a manutenção dos ecossistemas aquáticos naturais, o desenvolvimento e a manutenção das espécies aquícolas, assim como a conservação e manutenção dos ecossistemas ripícolas associados ao regime hidrológico natural.

O regime de caudal ecológico (RCE) é uma série temporal de caudais que deve ser mantido consoante as diferentes necessidades dos ecossistemas aquáticos ao longo do ano hidrológico, flexível em função das condições hidrológicas naturais que se verificam em cada ano (húmido ou seco). O RCE pode ser assumido como um valor de 10% das disponibilidades hídricas superficiais em regime natural. Este deve ser garantido em todas as massas de água e é fundamental para assegurar o cumprimento dos objetivos ambientais.

Para a determinação do RCE associado a infraestruturas hidráulicas foi elaborado um Guia Metodológico, anexo a este PGRH, que apresenta os métodos recomendados, a utilizar em Portugal Continental e em diferentes cenários, para a definição, aprovação e implementação de RCE.

1.2.2. Regime modificado

As disponibilidades potenciais de água em regime modificado foram estimadas através de um modelo simples que tem em conta a capacidade de armazenamento instalada a montante de cada secção. Este modelo agrega numa única albufeira toda a capacidade de armazenamento instalada a montante da secção de interesse e considera que as aflúências de água geradas em regime natural nessa bacia hidrográfica confluem, na sua totalidade, para essa albufeira.

Para efeitos de modelação consideram-se as aflúências a jusante de cada secção, às quais já foram retirados os volumes captados na secção a montante, obtendo-se assim as disponibilidades hídricas efetivamente disponíveis em cada seção modelada.

O Quadro 1.13 apresenta os valores de escoamento anual em regime modificado (hm^3) para os anos húmido, médio e seco, para os períodos de referência 1930-2015 e 1989-2015, obtidos por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.13 – Escoamento anual em regime modificado para o ano húmido, médio e seco, por sub-bacia (período 1930-2015 e 1989-2015)

Sub-bacia/RH	Escoamento médio anual (hm^3) (período 1930-2015)			Escoamento médio anual (hm^3) (período 1989-2015)		
	Ano húmido (80%)	Ano médio	Ano seco (20%)	Ano húmido (80%)	Ano médio	Ano seco (20%)
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	54	29	3	42	20	1
Oeste 1	30	16	2	24	12	1
Oeste 2	636	359	43	462	273	27
Costeiras do Oeste 2	32	18	2	26	15	1
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	28	15	1	23	12	0,3
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	16	9	1	13	7	0,4
Tejo	11073	7464	3086	9666	6613	2665
Maior	279	162	18	194	119	8
Nabão	507	304	79	371	216	43
Zêzere	2753	1727	672	1905	1309	299
Ocreza	700	442	153	518	369	78
Pônsul	406	252	53	343	219	24
Erges	530	353	151	490	322	83
Sever	252	149	31	220	127	22
Sorraia	218	118	11	131	88	9

Sub-bacia/RH	Escoamento médio anual (hm ³) (período 1930-2015)			Escoamento médio anual (hm ³) (período 1989-2015)		
	Ano húmido (80%)	Ano médio	Ano seco (20%)	Ano húmido (80%)	Ano médio	Ano seco (20%)
Sôr	234	115	24	91	81	10
Grande	185	104	5	81	70	3
Seda	164	87	2	66	57	3
Raia	214	99	1	75	61	-5
Divor	139	73	2	72	50	1
Almansôr	168	94	7	85	61	6
Costeiras entre o Tejo e o Sado	29	15	1	28	14	0,3
RH	18646	12006	4347	14925	10113	3280

No período 1930-2015 observa-se que o valor de escoamento em ano seco representa, em média, uma redução de cerca de 64% relativamente ao ano médio e de 77% relativamente ao ano húmido. Uma análise análoga para o período 1989-2015, permite verificar que essas variações são maiores, com valores de escoamento em ano seco, em média, de cerca de menos 68% relativamente ao ano médio e de menos 68% relativamente ao ano húmido, embora menos acentuadas quando comparadas com o regime natural. O valor negativo que se verifica na sub-bacia do Raia em ano seco para o período 1989-2015, deve-se ao facto de terem sido considerados, para efeitos de modelação, os consumos mensais do ano de 2018, considerado um ano médio, o que implica que, em anos secos, as disponibilidades não assegurariam os usos, caso os volumes captados fossem os mesmos.

A Figura 1.14 apresenta os valores de escoamento anual em regime modificado para os anos húmido, médio e seco para a região hidrográfica, obtidos para os três períodos de referência 1930-2015, 1930-1989 e 1989-2015.

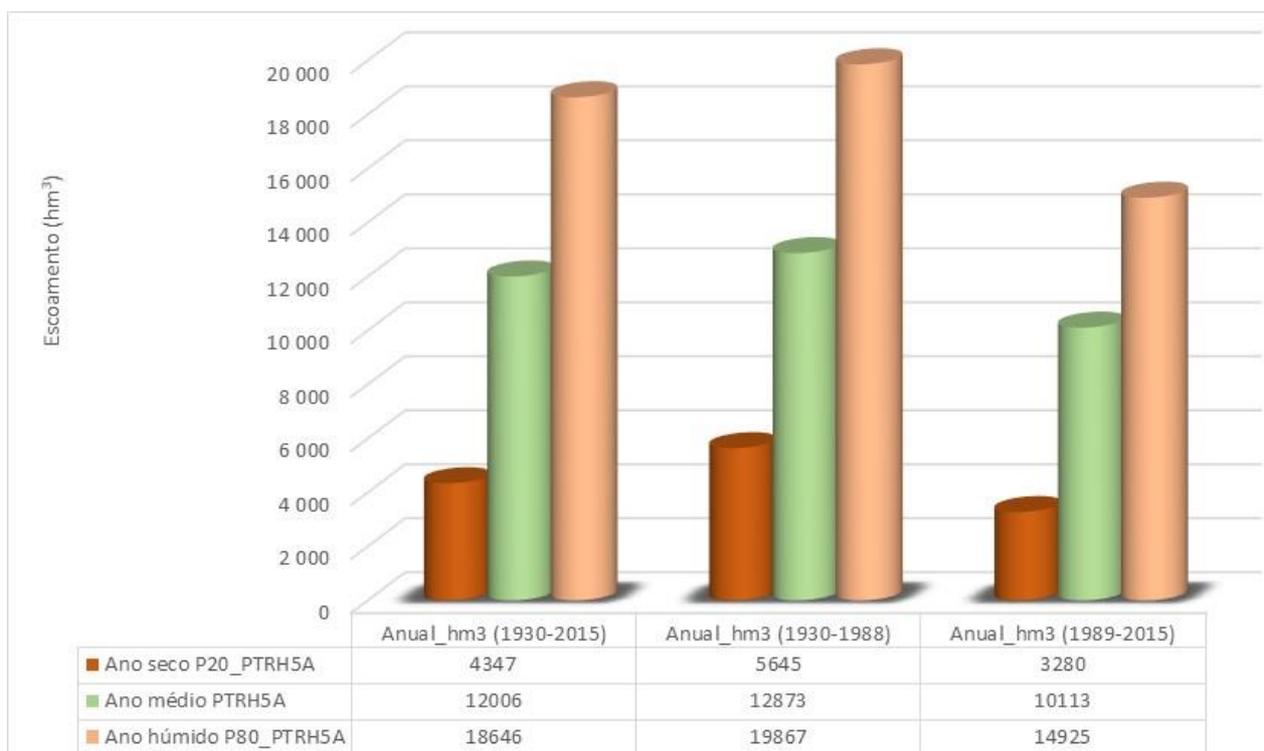


Figura 1.14 – Escocamento anual para o regime modificado para os anos húmido, médio e seco na RH, para os três períodos de referência

Comparando os vários períodos, verifica-se uma redução do escoamento no período 1989-2015 em relação ao período anterior de 1930-1988, sendo essa diminuição, em ano seco de cerca de 42%, em ano médio de cerca de 21% e em ano húmido de 25%.

O Quadro 1.14 e o Quadro 1.15 apresentam os valores de escoamento em regime modificado mensal e anual para os anos médio e seco para o período 1989-2015, respetivamente, obtidos por sub-bacia hidrográfica.

Quadro 1.14 – Escocamento em regime modificado mensal e anual para o ano médio, por sub-bacia (período 1989-2015)

Sub-bacia/RH	Escocamento médio (hm³)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	0,4	2	3	4	3	3	2	1	1	0,3	0,1	0,1	20
Oeste 1	0,3	1	2	2	2	1	1	1	0,4	0,2	0,1	0,1	12
Oeste 2	8	32	56	64	45	33	18	9	3	2	1	1	273
Costeiras do Oeste 2	0,4	2	3	3	2	2	1	0,5	0,2	0,1	0,1	0,03	15
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	0,3	1	2	3	2	2	1	1	0,3	0,1	0,04	0,02	12
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	0,2	1	1	2	1	1	1	0,3	0,1	0,1	0,02	0,02	7
Tejo	215	696	1408	1297	896	805	582	363	116	69	65	101	6613
Maior	2	10	21	26	21	17	12	6	2	1	1	1	119
Nabão	6	18	38	43	33	28	19	14	8	5	2	1	216
Zêzere	31	108	226	273	156	167	83	70	45	43	25	84	1309
Ocreza	19	46	93	74	48	48	16	11	3	3	2	6	369
Pônsul	12	30	56	51	27	25	9	6	2	1	1	0,4	219

Sub-bacia/RH	Escoamento médio (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Erges	29	45	75	62	36	34	16	15	3	2	1	4	322
Sever	9	14	30	25	19	15	6	6	1	1	0,3	0,3	127
Sorraia	2	6	13	17	14	13	9	6	4	2	2	1	88
Sôr	2	4	10	21	12	12	6	3	3	3	3	3	81
Grande	4	9	21	17	9	8	1	1	0,5	1	0,5	0,3	70
Seda	-3	2	11	24	6	9	3	1	1	1	1	1	57
Raia	3	8	19	16	9	6	2	0,3	-1	-1	-1	-0,2	61
Dívor	2	5	12	11	7	6	3	2	1	0,3	0,2	0,1	50
Almansôr	3	6	14	13	8	7	3	2	1	1	1	1	61
Costeiras entre o Tejo e o Sado	0,4	1	3	3	2	2	1	1	1	0,3	0,1	0,1	14
RH	346	1047	2116	2051	1358	1242	794	519	195	134	105	205	10113

Quadro 1.15 – Escoamento em regime modificado mensal e anual para o ano seco, por sub-bacia (período 1989-2015)

Sub-bacia/RH	Escoamento médio (hm ³)												Anual
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	0,002	0,001	0,002	0,01	0,1	0,1	0,2	0,1	0,02	0,02	0,02	0,01	1
Oeste 1	0,04	0,04	0,04	0,04	0,1	0,0	0,1	0,1	0,05	0,04	0,04	0,04	1
Oeste 2	1	1	1	2	1	1	1	1	1	2	1	1	27
Costeiras do Oeste 2	0,01	0,001	0,001	0,01	0,003	0,005	0,01	0,03	0,1	0,1	0,1	0,02	1
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	0,01	0,003	0,001	0,002	0,002	0,005	0,02	0,02	0,03	0,04	0,03	0,02	0,3
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,4
Tejo	150	225	389	396	209	196	171	27	46	35	42	61	2665
Maior	0,5	0,5	0,5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8
Nabão	0,3	1	1	3	2	3	4	2	1	0,4	0,4	0,4	43
Zêzere	9	15	23	30	26	22	14	11	8	8	5	6	299
Ocreza	3	7	9	11	9	8	4	2	1	1	1	1	78
Pônsul	0,2	0,4	1	1	1	1	1	0,4	0,4	0,5	0,4	0,3	24
Erges	5	4	4	5	4	3	4	3	1	1	0	1	83
Sever	0,1	1	1	1	1	0,4	1	0,4	0,2	0,1	0,1	0,0	22
Sorraia	0,5	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	1	1	1	2	2	1	9
Sôr	1	0,5	0,4	0,3	0,2	0,5	0,4	0,4	0,4	0,4	0,5	0,5	10
Grande	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,3	0,5	1	0,5	0,3	3
Seda	-5	-2	-1	2	2	3	1	1	1	2	1	0,2	3
Raia	-0,3	-0,1	0,02	0,03	-0,003	-0,2	-1	-1	-1	-1	-1	-0,3	-5
Dívor	0,1	0,03	0,03	0,02	0,03	0,04	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,1	1
Almansôr	0,4	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3	0,4	1	1	1	1	1	6
Costeiras entre o Tejo e o Sado	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,03	0,03	0,04	0,04	0,03	0,3
RH	165	253	428	454	256	238	203	51	64	52	55	73	3280

Para o período 1989-2015 verifica-se que, em ano seco, o escoamento mensal diminui em todos os meses em relação ao ano médio, variando essa redução entre menos 81,1% em fevereiro e menos 48% em agosto. Para efeitos de modelação foram considerados os consumos mensais do ano 2018, estimado como um ano médio, tendo-se concluído que as disponibilidades hídricas em ano seco não permitiriam assegurar estes

usos, tal como demonstra o Quadro 1.15 apresentando um défice (valores negativos) nas sub-bacias do Seda e do Raia.

A Figura 1.15 apresenta os valores de escoamento em regime modificado mensal e anual para os anos húmido, médio e seco para o período de referência 1989-2015 na RH.

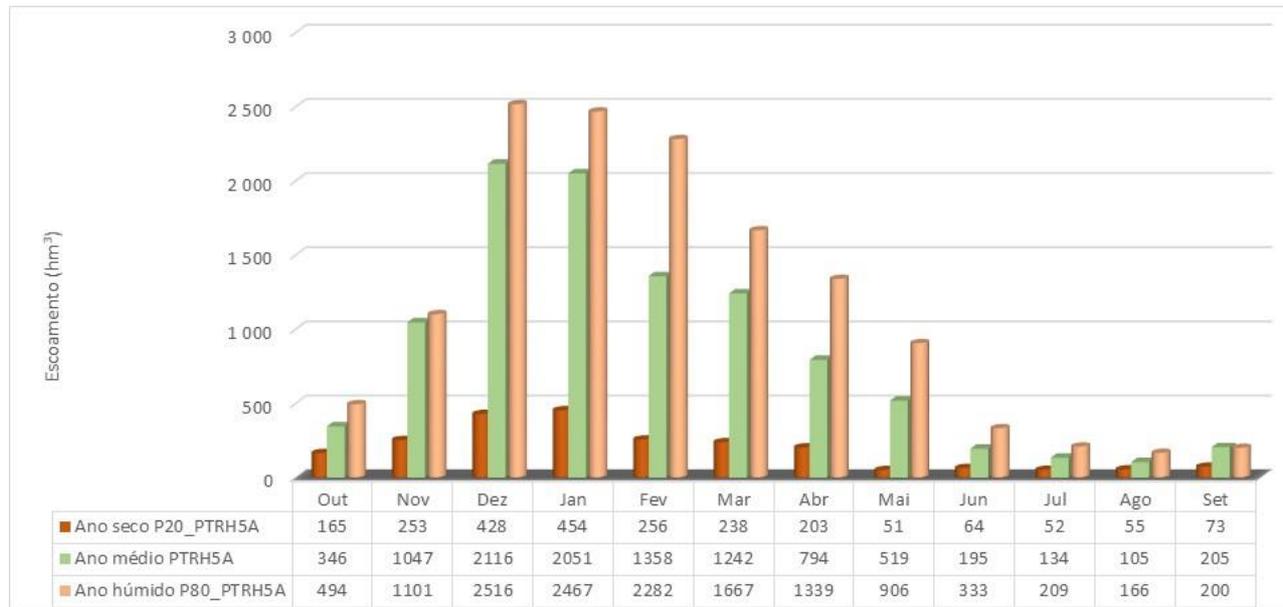


Figura 1.15 – Escoamento em regime modificado mensal para os anos húmido, médio e seco na RH, para o período de referência 1989-2015

1.3. Transferências de água entre bacias hidrográficas Luso-Espanholas

Historicamente, os governos de Espanha e de Portugal têm assinado acordos bilaterais, em benefício mútuo, sobre o uso e aproveitamento dos rios transfronteiriços. As bacias hidrográficas a que se referem as convenções são as dos rios Minho, Lima, Douro, Tejo e Guadiana. Desde 2000 que os dois países fazem cumprir a designada Convenção de Albufeira, que está traduzida pelas normas contidas na Resolução da Assembleia da República n.º 66/99, de 17 de agosto e na Resolução da Assembleia da República n.º 62/2008, de 14 de novembro.

O artigo 16.º da convenção dispõe, no seu n.º 1, que “as Partes, no seio da Comissão, definem, para cada bacia hidrográfica, de acordo com métodos adequados à sua especificidade, o regime de caudais necessário para garantir o Bom estado das águas, os usos atuais e futuros (versão da revisão operada em 2008)”. O mesmo artigo estipula no seu n.º 5 que, “até que se defina o regime de caudais a que se refere o n.º 1 do presente artigo, aplica-se o constante do Protocolo Adicional a esta Convenção”. Este regime foi aprofundado em 2008 quando teve lugar a referida revisão daquele Protocolo Adicional, revisão essa que fixou valores para os caudais mínimos trimestrais e semanais em secções de referência à entrada em Portugal (obrigação da Parte espanhola – ES) e do estuário (obrigação da Parte portuguesa – PT).

De acordo com os Relatórios Hidrometeorológicos Anuais - Regime de Caudais (dos anos hidrológicos entre 2015/16 a 2019/20) foram alcançadas afluências mínimas que comprovam o cumprimento generalizado da Convenção de Albufeira. A garantia de cumprimento destes volumes afluentes acordados na referida Convenção apesar de serem caudais mínimos, têm um peso considerável perante os recursos hídricos superficiais médios gerados nas bacias nacionais, sendo um contributo relevante para as disponibilidades.

O Quadro 1.16 apresenta as afluências anuais na RH de acordo com a Resolução da Assembleia da República n.º 66/99, de 17 de agosto.

Quadro 1.16 – Afluências nos últimos cinco anos hidrológicos na RH

Bacia hidrográfica	Estações	Ano Hidrológico	Volume afluente anual (hm3)	Relação ao mínimo anual estabelecido na Convenção (%)	Volume afluente mínimo anual estabelecido na Convenção (hm3)
Tejo	Cedillo	2015/16	5491	203	2700
		2016/17	4314	160	
		2017/18	5507	204	
		2018/19	2701	100	
		2019/20	3153	117	
	Ponte Muge*	2015/16	2985	230	1300
		2016/17	1516	117	
		2017/18	2247	173	
		2018/19	1361	104	
		2019/20	2324	179	

Fonte: Relatórios Hidrometeorológicos do Regime de Caudais - Ano Hidrológico 2015/16; 2016/17; 2017/18; 2018/19 e 2019/20 – CADC.

* Incluem-se os valores associados aos contributos da parte portuguesa da bacia sendo que nesta seção devem passar também os volumes definidos para a seção de Cedillo.

O Quadro 1.17 apresenta as afluências mensais e semanais na RH de acordo com a Resolução da Assembleia da República n.º 62/2008, de 14 de novembro.

Quadro 1.17 – Afluências mensais e semanais nos últimos cinco anos hidrológicos na RH

Bacia hidrográfica	Estações	Ano Hidrológico	Trimestres	Volume afluente trimestral (hm3)	Volume mínimo trimestral estabelecido na Convenção (hm3)	Volume afluente mínimo semanal estabelecido na Convenção (hm3)
Tejo	Cedillo	2015/16	1º T	943	295	7 Os caudais semanais registados foram sempre superiores ao mínimo semanal, exceto em 1 semana de 2017/18, mas estava em exceção
			2.ºT	773	350	
			3.ºT	2463	220	
			4.ºT	1313	130	
		2016/17	1º T	1757	295	
			2.ºT	1509	350	
			3.ºT	847	220	
			4.ºT	202	130	
		2017/18	1º T	461	295	
			2.ºT	1835	350	
	3.ºT		1487	220		
	4.ºT		1724	130		
	2018/19	1º T	707	295		
		2.ºT	571	350		
		3.ºT	461	220		
		4.ºT	963	130		
	2019/20	1º T	547	295		
		2.ºT	661	350		
		3.ºT	659	220		
		4.ºT	1286	130		
Ponte Muge*	2015/16	1º T	199	150	3 Os caudais semanais registados foram sempre superiores ao mínimo semanal, exceto em 1 semana de 2016/17, mas estava em exceção e em 1 semana de 2017/18, mas estava em exceção	
		2.ºT	1139	180		
		3.ºT	1339	110		
		4.ºT	307	60		
	2016/17	1º T	375	150		
		2.ºT	709	180		
		3.ºT	167	110		
		4.ºT	265	60		
	2017/18	1º T	224	150		
		2.ºT	1036	180		
3.ºT		626	110			
4.ºT		308	60			
2018/19	1º T	538	150			
	2.ºT	238	180			
	3.ºT	272	110			
	4.ºT	314	60			
2019/20	1º T	883	150			
	2.ºT	814	180			
	3.ºT	520	110			
	4.ºT	107	60			

Fonte: Relatórios Hidrometeorológicos do Regime de Caudais - Ano Hidrológico 2015/16; 2016/17; 2017/18; 2018/19 e 2019/20 – CADC.

* Incluem-se os valores associados aos contributos da parte portuguesa da bacia sendo que nesta seção devem passar também os volumes definidos para a seção de Cedillo.

No ano hidrológico 2016/2017 foram registadas condições de exceção para o cumprimento do regime de caudal anual na parte portuguesa da bacia, bem como no terceiro e quarto trimestre, mas os volumes previstos em caso de não exceção foram cumpridos.

No ano hidrológico 2017/2018 foram registadas condições de exceção na parte espanhola da bacia no primeiro e segundo trimestre mas os volumes previstos em caso de não exceção foram cumpridos. No ano hidrológico 2017/2018 foram registadas condições de exceção para o cumprimento do regime de caudal

anual na parte portuguesa da bacia, bem como no primeiro e segundo trimestre, mas os volumes previstos em caso de não exceção foram cumpridos.

No ano hidrológico 2018/2019 para atingir o volume anual integral definido da Convenção, Espanha fez descer, durante o mês de setembro, o nível da água da albufeira de Cedillo em cerca de 20 m, com as respetivas consequências, nomeadamente em termos dos usos existentes no plano de água e da qualidade da água. No ano hidrológico 2018/2019 foram registadas condições de exceção na parte espanhola da bacia no terceiro trimestre mas os volumes previstos em caso de não exceção foram cumpridos. No ano hidrológico 2018/2019 foram registadas condições de exceção para o cumprimento do regime de caudal anual na parte portuguesa da bacia, bem como no terceiro trimestre, mas os volumes previstos em caso de não exceção foram cumpridos.

Projeto PGRH

1.4. Disponibilidades hídricas subterrâneas

As disponibilidades hídricas subterrâneas correspondem ao volume de água que uma massa de água subterrânea pode fornecer, anualmente, em condições naturais. Este volume está, estreitamente, relacionado com a recarga que constitui a quantidade de água que atinge o nível freático e que contribui para o aumento da quantidade de água armazenada. A recarga ocorre, maioritariamente, devido à infiltração da precipitação, mas podem ocorrer outros processos, tais como as trocas de água com outras massas de água e por drenagem. Estes dois últimos processos são muito difíceis de se conhecer e quantificar sem se recorrer a estudos aplicados e aprofundados de campo, pelo que se considera que a recarga provem da precipitação.

A recarga pode ocorrer naturalmente ou por indução, isto é, devido à ação humana, mas apenas se abordará a recarga natural como variável do ciclo hidrológico.

No decurso do terceiro ciclo de planeamento decorreu um projeto do Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP) com a APA, I.P., intitulado “Desenvolvimento de métodos específicos para a avaliação da recarga das massas de água subterrâneas, para melhorar a avaliação do estado quantitativo”, com *términus* em julho de 2017. Este trabalho definiu uma metodologia para quantificar a recarga das massas de água subterrânea para os diferentes meios litológicos e, conseqüentemente, hidrogeológicos, a nível nacional. No documento “Critérios para a classificação das massas de água” encontra-se uma descrição mais detalhada.

Foi desenvolvido um Índice de Potencial de Infiltração (IPI), em que as áreas com maior potencial de infiltração correspondem a áreas que reúnem um conjunto de condições favoráveis à infiltração, tais como a litologia, a estrutura, o grau de alteração das rochas, a densidade de lineamentos tectónicos, a ocupação do solo, a densidade da rede hidrográfica, o declive e a precipitação. A cada um destes fatores foi atribuído um peso de ponderação e um peso específico que foram calculados de acordo com o método AHP – Analytical Hierarchy Process (ISEP, 2017).

Este IPI foi convertido numa taxa de infiltração e com o cálculo da precipitação média, por ano hidrológico, de uma série de 86 anos de dados (1930 a 2016), calculou-se a recarga por massa de água.

Uma vez que o meio hidrogeológico (poroso, cársico e fissurado) influencia os parâmetros que vão contribuir para a taxa de recarga, o estudo do ISEP desenvolveu diferentes Índices de Potencial de Infiltração, conforme o meio hidrológico presente.

Esta questão da heterogeneidade dos meios está relacionada com a principal diferença entre as massas de água que estão associadas a sistemas aquíferos e aquelas que estão associadas a sistemas aquíferos indiferenciados. Por esta razão, deve-se ter em conta o grau de incerteza associado à disponibilidade por unidade de área diferenciando-se, desta forma, a importância da disponibilidade hídrica subterrânea por massa de água, e, conseqüentemente, por região hidrográfica, atendendo aos diferentes meios hidrogeológicos, Quadro 1.18.

Quadro 1.18 – Classificação da heterogeneidade do meio

	Massas de água subterrânea indiferenciadas	Massas de água subterrânea diferenciadas		
		Aquíferos cársicos	Aquíferos fissurados	Aquíferos porosos
Heterogeneidade do meio	Alta	Média		Baixa

Da análise efetuada verifica-se que as massas de água subterrânea indiferenciadas são as que apresentam a maior incerteza espacial. Esta incerteza não está só relacionada com a disponibilidade hídrica, mas também

com a produtividade das captações e com a qualidade da água. No geral são formações com fraca capacidade hidrogeológica, de importância local e por vezes com formações geológicas de várias naturezas.

Atribuiu-se o grau de variabilidade médio às massas de água associadas a sistema aquíferos, essencialmente, cársicos, fissurados ou mistos. Estas massas de água correspondem a formações hidrogeológicas mais ou menos contínuas, de importância regional, embora, a sua natureza geológica possa levar a importantes variações de comportamento a nível local.

Foi atribuído o grau de variabilidade mais baixo às massas de água subterrânea associadas a sistemas aquíferos constituídos, essencialmente, por formações porosas. Apesar de ocorrerem também vários graus de incerteza entre estes aquíferos, teoricamente, estas serão as massas de água mais homogêneas no que se refere à dispersão espacial das suas características hidrogeológicas.

A disponibilidade hídrica subterrânea, por unidade de área, associada ao grau de variabilidade é apresentada no Quadro 1.19 e na Figura 1.16.

Quadro 1.19 – Disponibilidade hídrica subterrânea na RH

Disponibilidade hídrica subterrânea total (hm ³ /ano)	Disponibilidade hídrica subterrânea média por unidade de área (hm ³ /km ² ano)	Disponibilidade hídrica subterrânea associada ao grau de variabilidade (hm ³ /ano)		
		Grau de variabilidade baixo	Grau de variabilidade médio	Grau de variabilidade alto
2643,28	0,09	1454,04	270,96	918,29

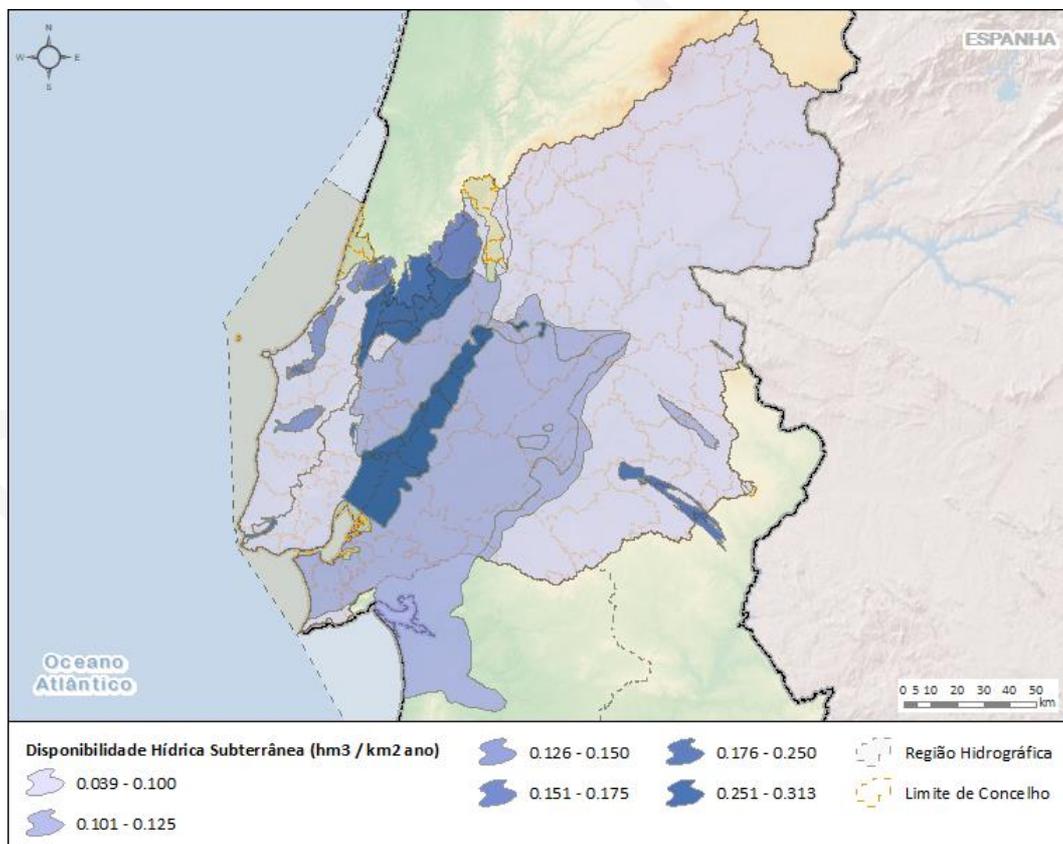


Figura 1.16 – Disponibilidade hídrica subterrânea por unidade de área na RH

Nas massas de água subterrânea da RH a disponibilidade de água está, associada a meios hidrogeológicos com grau de variabilidade alto, médio e baixo.

O Quadro 1.20 apresenta a disponibilidade hídrica subterrânea, por massa de água, nesta RH.

Quadro 1.20 – Disponibilidade hídrica das massas de água subterrânea na RH

Massa de água		Disponibilidade hídrica subterrânea anual (hm ³ /ano)	Disponibilidade hídrica subterrânea por unidade de área (hm ³ /km ² ano)	Heterogeneidade do meio
PTA2	Escusa	2,22	0,29	Média
PTA3	Monforte – Alter do Chão	10,56	0,11	Média
PTA4	Estremoz - Cano	35,71	0,18	Baixa
A0X1RH5	Maçiço Antigo Indiferenciado da Bacia do Tejo	562,65	0,04	Alta
PTO15	Ourém	51,74	0,16	Baixa
PTO18	Maceira	1,54	0,30	Média
PT19	Alpedriz	15,30	0,17	Baixa
PTO20_C2	Maçiço Calcário Estremenho	246,38	0,31	Média
PTO23	Paço	0,96	0,15	Baixa
PTO24	Cesareda	2,75	0,16	Média
PTO25	Torres Vedras	10,06	0,13	Baixa
PTO26	Ota - Alenquer	2,19	0,23	Média
PTO28	Pisões - Atrozela	5,32	0,24	Média
PTO33	Caldas da Rainha - Nazaré	23,30	0,14	Baixa
PTO04RH5	Orla Ocidental Indiferenciado das Bacias das Ribeiras do Oeste	135,17	0,08	Alta
PTO01RH5_C2	Orla Ocidental Indiferenciado da Bacia do Tejo	114,09	0,08	Alta
PTT1_C2	Bacia do Tejo-Sado / Margem Direita	203,30	0,12	Baixa
PTT3	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda	820,86	0,12	Baixa
PTT7	Aluviões do Tejo	292,83	0,26	Baixa
PTT01RH5	Bacia do Tejo-Sado Indiferenciado da Bacia do Tejo	106,38	0,11	Alta

Da análise do quadro, observa-se que as massas de água subterrânea que apresentam maior disponibilidade hídrica subterrânea por unidade de área, estão associadas a diferentes formações litológicas, com predomínio das formações calcárias.

2. BALANÇO ENTRE DISPONIBILIDADES E NECESSIDADES



A assimetria das disponibilidades hídricas em Portugal é bastante elevada, tanto em termos espaciais, como sazonais e anuais. Como consequência desta variabilidade, é fundamental dispor da capacidade de armazenamento das albufeiras e dos aquíferos em exploração, de forma a dar resposta às necessidades hídricas dos diferentes setores. Porém, em situações extremas, a disponibilidade de água pode não ser suficiente para garantir a manutenção do abastecimento de água às utilizações, dando origem a situações de escassez.

A escassez hídrica define-se por um desequilíbrio entre a procura e a oferta de água em condições sustentáveis, com base em análises efetuadas a longo prazo. A forma mais expedita de proceder à sua avaliação passa pela realização de um balanço hídrico, aferindo-se assim os níveis de garantia ou de vulnerabilidade. A escassez hídrica pode ser um fenómeno conjuntural, quando associada a curtos períodos de tempo e motivada pela redução temporal das disponibilidades ou aumento da procura, ou estrutural, quando a procura de modo cíclico ou frequente excede o recurso mobilizável.

Uma análise de balanço hídrico deve, por norma, estar associada à realização de um balanço hidrológico uma vez que boa parte dos consumos é também, de modo mais ou menos direto, função de variáveis meteorológicas (e.g. necessidade de água para rega / evapotranspiração). Por definição, uma equação do balanço hidrológico relaciona as afluências e efluências ocorridas num determinado espaço e durante um certo período de tempo, com a variação do volume no interior desse espaço.

A realização do balanço com base apenas nas disponibilidades hídricas anuais tem a vantagem de permitir não só analisar de forma integrada as necessidades de água supridas por origem superficial e subterrânea, como também identificar eventuais situações de escassez de água. Porém, este tipo de análise não considera as situações de escassez hídrica derivadas da variabilidade sazonal dos recursos hídricos ou da eventual desadequação dos sistemas de captação ou adução à própria disponibilidade de água. Neste âmbito realiza-se um balanço hídrico, com desagregação mensal, entre disponibilidades e volumes captados de água. O crescimento contínuo dos consumos de água face às disponibilidades limitadas pode levar a situações críticas quando estas disponibilidades diminuem em consequência da ocorrência de secas.

A informação apresentada neste item resulta do trabalho desenvolvido para a APA, I.P. pelo Consórcio NEMUS – Gestão e Requalificação Ambiental, Lda. / BLUEFOCUS – Unipessoal, Lda. / HIDROMOD – Modelação em Engenharia, Lda.

2.1. Índice de escassez WEI+

O índice de escassez WEI+ surge no seguimento do WEI (*Water Exploitation Index*), que corresponde à razão entre a procura média anual de água e os recursos médios disponíveis a longo prazo e permite assim avaliar o *stress* hídrico a que se encontra sujeito um território. O WEI+ tem por objetivo complementar o WEI, incorporando no cálculo da vulnerabilidade a situações de escassez, os retornos de água ao meio hídrico, bem como os caudais ambientais ecológicos. O WEI+ é assim definido como a razão entre o volume total de água captado e as disponibilidades hídricas renováveis, calculadas através da expressão:

$$\text{Disponibilidades hídricas renováveis} = \text{Precipitação} - \text{Evapotranspiração} + \text{Afluências externas} - \text{Necessidades hídricas} + \text{Retornos}$$

As necessidades hídricas incluem não só os caudais ambientais, como também os volumes que devem estar disponíveis de forma a cumprir outros requisitos como, por exemplo, a navegação ou tratados internacionais em rios transfronteiriços. Estes volumes, calculados no âmbito do WEI+, correspondem a 10% do valor do escoamento de cada região hidrográfica. Por retorno entende-se o volume de água que é devolvido ao meio hídrico após utilização pelos setores e que se encontra disponível para ser reutilizado. A avaliação da escassez, baseado no cálculo do WEI, divide-se em seis categorias (Quadro 2.1).

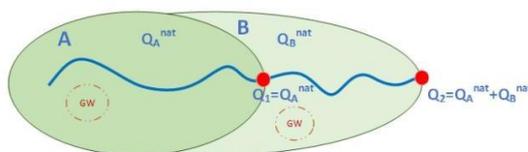
Quadro 2.1 – Categorias do índice WEI+

WEI+ inferior a 10% - Sem escassez
WEI+ entre 10% e 20% - Escassez baixa
WEI+ entre 20% e 30% - Escassez moderada
WEI+ entre 30% e 50% - Escassez elevada
WEI+ entre 50% e 70% - Escassez severa
WEI+ superior a 70% - Escassez extrema

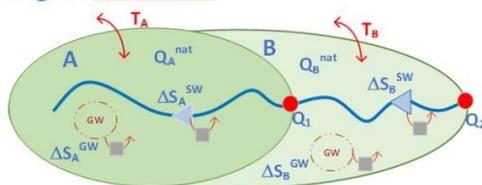
A Figura 2.1 mostra as duas metodologias de cálculo do índice de escassez WEI+. Optou-se por calcular o índice a partir dos resultados do modelo Mike Hydro Basin, para permitir o seu cálculo para qualquer ponto da rede de simulação. Para tal, foi necessário dar especial atenção à integração no modelo das disponibilidades de água subterrânea e dos usos satisfeitos por essa origem.

Cálculo do WEI+

Regime natural



Regime modificado



$$WEI+ = \text{Water use} / RWR$$

- RWR = Renewable water resources
- Water use = Abstractions – Returns

$$Q_1 = Q_A^{nat} + T_A - \Delta S_A - Ev_A - (Abst-Ret)_A$$

$$Q_2 = Q_1 + Q_B^{nat} + T_B - \Delta S_B - Ev_B - (Abst-Ret)_B$$

Duas formas de calcular RWR:

$$RWR_B = Q_1 + Q_B^{nat} + T_B - \Delta S_B - Ev_B$$

$$RWR_B = Q_2 + (Abst-Ret)_B$$

Figura 2.1 – Metodologia de cálculo do WEI+

O Quadro 2.2 e o Quadro 2.3 apresentam os valores do WEI+ a nível mensal e anual por sub-bacia e por RH, para os períodos de referência 1930-2015 e 1989-2015, respetivamente.

Quadro 2.2 – Valores do WEI+ mensal e anual por sub-bacia (período 1930-2015)

Sub-bacia/RH	WEI+ (%)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Almansor	86%	75%	59%	49%	46%	44%	62%	80%	95%	100%	100%	100%	75%
Divor	84%	74%	56%	45%	40%	34%	39%	58%	83%	95%	99%	100%	67%
Erges	24%	24%	29%	21%	22%	19%	4%	6%	6%	11%	16%	19%	17%
Grande	87%	79%	63%	53%	53%	54%	76%	90%	100%	100%	100%	100%	79%
Maior	91%	65%	55%	40%	34%	33%	39%	63%	90%	99%	100%	100%	67%
Nabão	59%	53%	39%	24%	21%	19%	13%	17%	25%	39%	51%	54%	35%
Ocreza	63%	21%	29%	34%	37%	29%	26%	48%	57%	69%	74%	66%	46%
Pônsul	74%	60%	54%	43%	37%	43%	53%	79%	97%	100%	100%	99%	70%
Raia	63%	74%	61%	55%	44%	35%	32%	32%	36%	42%	42%	33%	46%
Seda	92%	81%	66%	58%	49%	52%	69%	92%	100%	100%	100%	99%	80%
Sever	71%	55%	50%	36%	35%	35%	27%	39%	54%	77%	92%	94%	56%
Sôr	79%	78%	85%	72%	63%	58%	65%	90%	100%	100%	98%	82%	81%

Sub-bacia/RH	WEI+ (%)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Sorraia	66%	47%	31%	20%	20%	22%	36%	51%	69%	80%	83%	79%	50%
Zêzere	51%	45%	42%	31%	30%	28%	28%	34%	39%	44%	57%	52%	40%
Oeste 1	76%	60%	46%	32%	28%	27%	23%	25%	31%	43%	58%	72%	43%
Oeste 2	82%	60%	52%	36%	32%	29%	31%	44%	63%	84%	96%	98%	59%
Costeiras do Oeste 2	82%	63%	53%	36%	30%	29%	31%	51%	74%	94%	100%	99%	62%
Costeiras entre o Lis e o Oeste 2	69%	50%	40%	26%	22%	22%	18%	24%	35%	52%	68%	74%	42%
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	84%	68%	55%	39%	35%	32%	35%	49%	69%	88%	98%	100%	63%
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	84%	65%	53%	40%	35%	32%	37%	49%	68%	88%	98%	99%	62%
Costeiras entre o Tejo e o Sado	84%	70%	54%	42%	37%	31%	29%	38%	50%	67%	82%	90%	56%
Tejo	28%	12%	6%	6%	7%	10%	13%	35%	64%	80%	84%	59%	34%
RH	30%	13%	7%	7%	8%	11%	14%	36%	65%	81%	85%	61%	35%

Quadro 2.3 – Valores do WEI+ mensal e anual por sub-bacia (período 1989-2015)

Sub-bacia/RH	WEI+ (%)												
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	Anual
Almansor	79%	71%	68%	70%	62%	68%	81%	91%	99%	100%	100%	100%	82%
Dívor	75%	72%	64%	61%	57%	55%	61%	75%	94%	99%	100%	100%	76%
Erges	5%	26%	33%	26%	30%	38%	8%	11%	10%	16%	23%	20%	20%
Grande	81%	75%	70%	67%	61%	74%	94%	98%	100%	100%	100%	100%	85%
Maior	87%	65%	58%	59%	55%	57%	61%	78%	95%	100%	100%	100%	76%
Nabão	61%	52%	52%	38%	36%	31%	23%	29%	41%	58%	69%	74%	47%
Ocreza	67%	19%	28%	47%	47%	40%	39%	51%	72%	75%	83%	75%	54%
Pônsul	64%	57%	57%	50%	42%	61%	62%	80%	99%	100%	100%	100%	73%
Raia	64%	74%	67%	75%	59%	58%	53%	49%	46%	51%	51%	40%	57%
Seda	87%	79%	72%	79%	60%	77%	85%	98%	100%	100%	100%	98%	86%
Sever	60%	51%	50%	45%	41%	49%	37%	44%	61%	83%	95%	96%	59%
Sôr	83%	83%	84%	82%	75%	71%	81%	97%	100%	99%	96%	82%	86%
Sorraia	64%	43%	37%	28%	23%	36%	51%	66%	80%	87%	88%	83%	57%
Zêzere	64%	56%	57%	47%	50%	44%	41%	49%	53%	58%	69%	65%	54%
Oeste 1	76%	60%	60%	55%	47%	50%	41%	41%	48%	63%	78%	85%	59%
Oeste 2	77%	57%	60%	52%	47%	52%	51%	64%	79%	91%	99%	99%	69%
Costeiras do Oeste 2	76%	60%	59%	48%	39%	50%	48%	68%	86%	97%	100%	99%	69%
Costeiras entre o Lis e o Oeste 2	72%	52%	56%	48%	44%	45%	34%	40%	53%	71%	83%	86%	57%
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	78%	62%	63%	56%	52%	52%	53%	64%	80%	92%	99%	100%	71%
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	79%	61%	59%	57%	54%	51%	57%	68%	82%	94%	100%	100%	72%
Costeiras entre o Tejo e o Sado	76%	62%	58%	60%	53%	48%	42%	50%	62%	75%	87%	93%	64%
Tejo	30%	10%	6%	7%	9%	14%	19%	47%	74%	86%	88%	64%	38%
RH	31%	11%	7%	9%	11%	16%	20%	48%	75%	86%	89%	65%	39%

Para Portugal continental foi obtido um índice WEI+ de 27% para o período 1930-2015 e de 29% para o período 1989-2015 o que indica que Portugal continental se encontra em situação de escassez moderada.

Considerando o escoamento em regime natural correspondente aos valores médios, verifica-se que a RH apresenta escassez elevada nos dois períodos analisados. No entanto, a mesma análise efetuada à escala das sub-bacias mostra diferenças, decorrentes sobretudo da distribuição dos recursos hídricos. As sub-bacias do Almansor, Divor, Grande, Maior, Pônsul, Seda, Sôr, Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado e Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo apresentam escassez extrema no período de 1989-2015.

O gráfico da Figura 2.2 apresenta os valores do WEI+ mensais para a RH, nos períodos de referência 1930-2015 e 1989-2015.

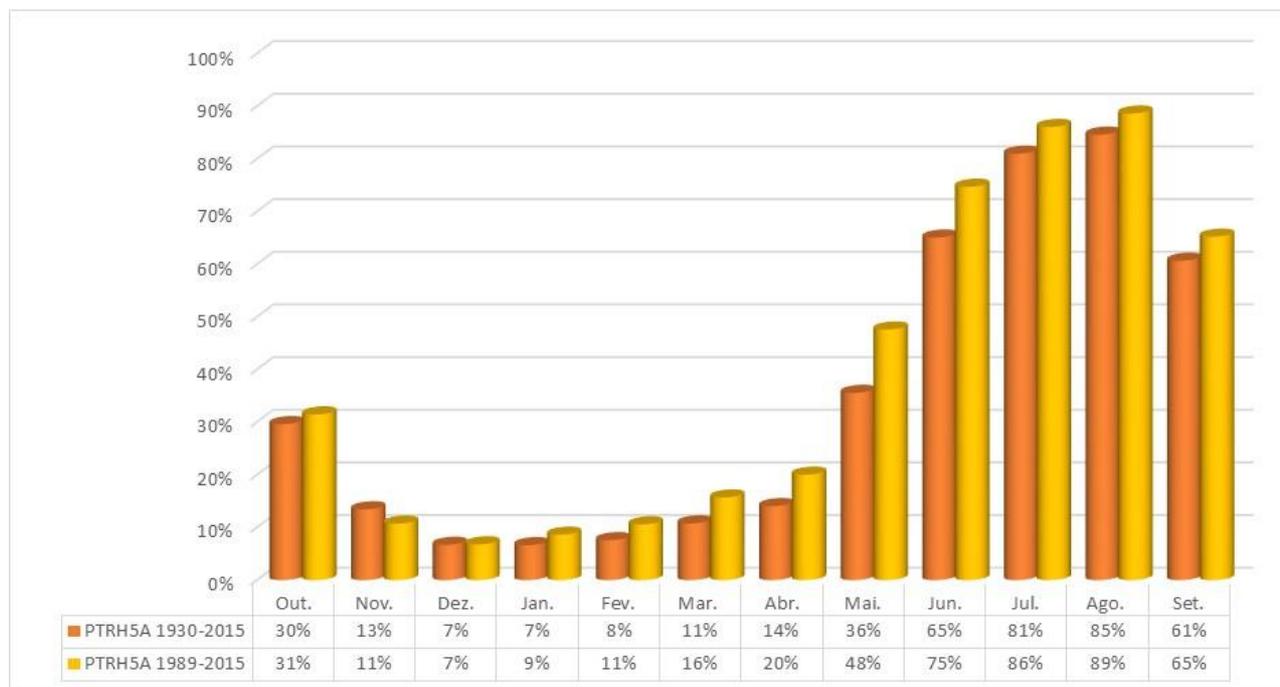


Figura 2.2 – Valores do WEI+ mensal para os períodos de referência 1930-2015 e 1989-2015, na RH

Verifica-se que os valores do WEI+ para o período 1989-2015 são superiores aos do período 1930-2015 à exceção do mês de novembro sendo que os meses de julho e agosto são os que registam valores mais elevados de escassez.

No mapa da Figura 2.3 apresenta-se os valores de WEI+ anual por sub-bacia, para o período de referência 1989-2015.

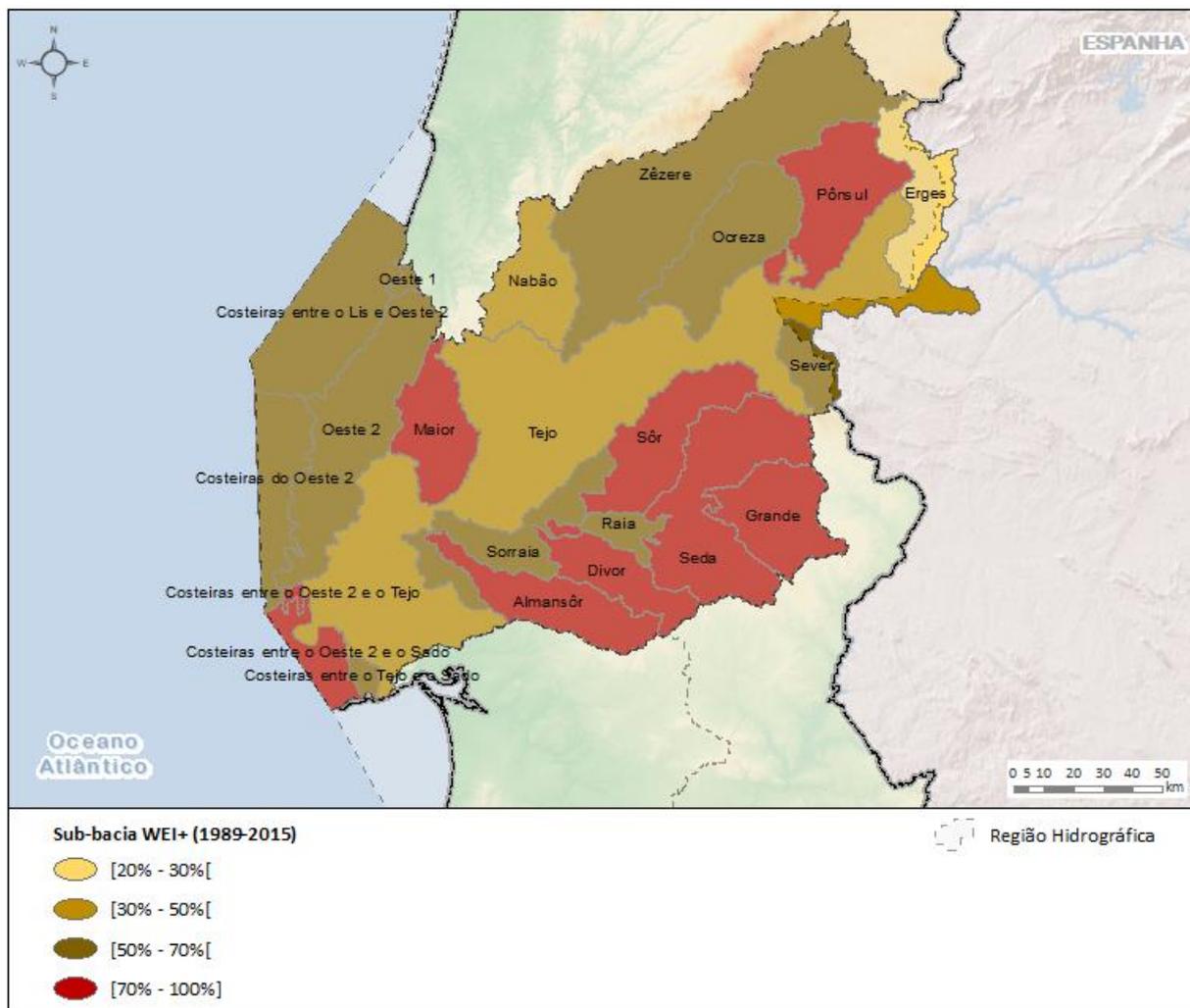


Figura 2.3 – WEI+ anual por sub-bacia para o período de referência 1989-2015, na RH

2.1. Coeficiente de escassez a aplicar na Taxa de Recursos Hídricos

A taxa de recursos hídricos (TRH), criada pela Lei da Água e concretizada pelo já referido Decreto -Lei n.º 97/2008, de 11 de junho, assume-se como um instrumento económico e financeiro essencial para a racionalização do aproveitamento dos recursos hídricos e assenta num princípio de equivalência, ou seja, na ideia fundamental de que o utilizador dos recursos hídricos deve contribuir na medida do custo que imputa à comunidade ou na medida do benefício que a comunidade lhe proporciona. Na Parte 3 do PGRH relativa à “Análise Económica das Utilizações da Água” é possível encontrar uma descrição detalhada sobre a sua aplicação.

Os efeitos das alterações climáticas evidenciam a necessidade de reduzir drasticamente o uso de água, apostando em origens alternativas, intensificando a cooperação e o envolvimento dos setores, sobretudo os mais dependentes deste recurso, a fim de garantir que a resiliência seja alcançada de forma justa e equitativa. A intensificação das secas prolongadas e consequentemente da escassez de água implica que se acentue a carência de recursos hídricos disponíveis, face à comparação entre o que seriam os suficientes para atender às necessidades de uso da água numa determinada região e os recursos efetivamente disponíveis. É por isso

fundamental apostar na eficiência estimulando a diminuição do consumo das águas naturais, garantindo a manutenção dos caudais ecológicos que permitam a conservação dos ecossistemas aquáticos e terrestres deles dependentes. Nesse sentido, a alteração efetuada pela Lei n.º 82-D/2014, de 31 de dezembro, determina que, após a delimitação de sub-bacias hidrográficas, nos planos de gestão de bacia hidrográfica (PGRH) sejam aplicados coeficientes de escassez diferenciados a cada uma delas, devendo esses coeficientes variar entre 1 e 1,5, nos termos a fixar em portaria a aprovar pelo membro do Governo responsável pela área do Ambiente.

Na sequência do estudo realizado “*Avaliação das disponibilidades hídricas por massa de água e aplicação do Índice de escassez WEI+, visando complementar a avaliação do estado das massas de água*”, promovido pela APA para avaliação das disponibilidades hídricas, atuais e futuras, e cálculo do respetivo índice de escassez WEI+, apresentado nos capítulos anteriores foram definidas as sub-bacias a considerar para aplicação desta disposição legal e que melhor representem as especificidades existentes sobre esta temática em cada Região Hidrográfica.

À escala de valores definidos para o índice WEI+ foram associados os respetivos coeficientes de escassez atendendo à sua variação proposta na referida norma legal, que se ilustra no Quadro 2.4

Quadro 2.4 – Valores das classes do índice de escassez WEI+ e a sua correspondência com a variação do coeficiente de escassez a aplicar na TRH

Índice escassez WEI+	Coefficiente de escassez - TRH
Classes	
WEI+ inferior a 10% - Sem Escassez	1,0
WEI+ entre 10% a 20% - Escassez Baixa	1,1
WEI+ entre 20% a 30% - Escassez Moderada	1,2
WEI+ entre 30% a 50% - Escassez Elevada	1,3
WEI+ entre 50% a 70% - Escassez Severa	1,4
WEI+ superior 70% - Escassez Extrema	1,5

Assim no Quadro 2.5 apresentam-se os valores associados ao cálculo do WEI+, associados aos períodos 1930-2015 e 1989-2015, para as sub-bacias a considerar na RH, bem como os coeficientes de escassez a associar. Salienta-se que sempre que o valor do WEI+ para o período mais recente (1989-2015) era indicador de uma classe superior de escassez (maior escassez) foi adotado este valor para associar o coeficiente de escassez atendendo à tendência de agravamento da situação nas últimas décadas.

Quadro 2.5 – Valores do coeficiente de escassez a associar às sub-bacias na RH

Sub-bacia	WEI+ (1930-2015)	WEI+ (1989-2015)	Coefficiente escassez - TRH
Almansôr	75%	82%	1,5
Divor	67%	76%	1,5
Erges	17%	20%	1,2
Grande	79%	85%	1,5
Maior	67%	76%	1,5
Nabão	35%	47%	1,3
Ocreza	46%	54%	1,4
Pônsul	70%	73%	1,5

Sub-bacia	WEI+ (1930-2015)	WEI+ (1989-2015)	Coefficiente escassez - TRH
Raia	46%	57%	1,4
Seda	80%	86%	1,5
Sever	56%	59%	1,4
Sôr	81%	86%	1,5
Sorraia	50%	57%	1,4
Tejo	34%	38%	1,3
Zêzere	40%	54%	1,4
Oeste 1	43%	59%	1,4
Oeste 2	59%	69%	1,4
Costeiras do Oeste 2	62%	69%	1,4
Costeiras entre o Lis e Oeste 2	42%	57%	1,4
Costeiras entre o Oeste 2 e o Sado	63%	71%	1,5
Costeiras entre o Oeste 2 e o Tejo	62%	72%	1,5
Costeiras entre o Tejo e o Sado	56%	64%	1,4

Projeto PGRH

3. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA



3.1. Temperatura

Segundo dados do *Copernicus Climate Change Service*, 2020 foi o ano mais quente a nível global, igualando o ano de 2016, e na Europa, registando uma anomalia de +0,6 °C em relação à normal 1981-2010 e cerca de +1,25 °C em relação ao período pré-industrial 1850-1900, no que respeita à temperatura do ar média anual.

Na Europa, verificou-se uma anomalia de +1,6 °C em relação à normal 1981-2010 e de +0,4 °C em relação a 2019. A década de 2011-2020 foi a mais quente desde que há registos, com os seis anos mais quentes a ocorrerem todos desde 2015: 2020, 2016, 2019, 2015, 2017, 2018 (IPMA, 2021).

Na Figura 3.1 são apresentadas as anomalias da temperatura média do ar em 2020, em relação à normal de 1981-2010, a nível global.

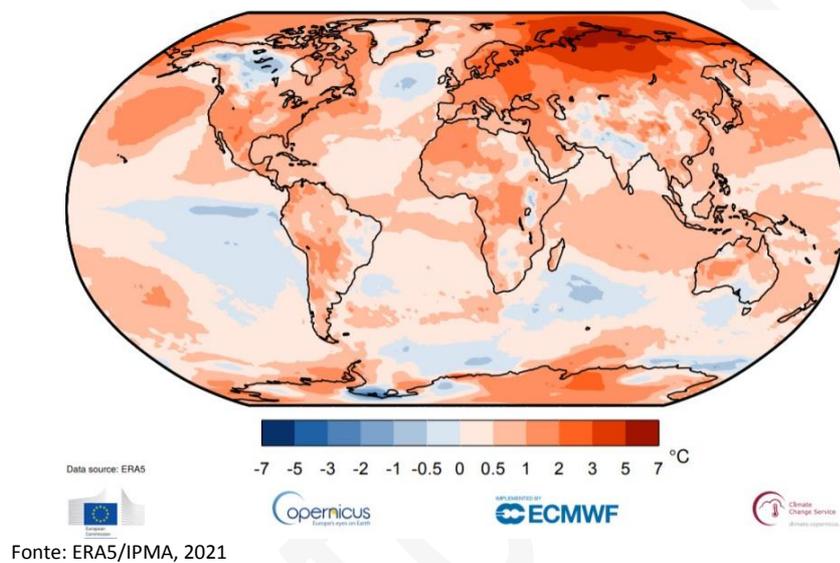


Figura 3.1 – Anomalias da temperatura média do ar em 2020, em relação à normal de 1981-2010

A Figura 3.2 apresenta as anomalias da temperatura média global por décadas desde a era pré-industrial, considerando diferentes conjuntos de dados.

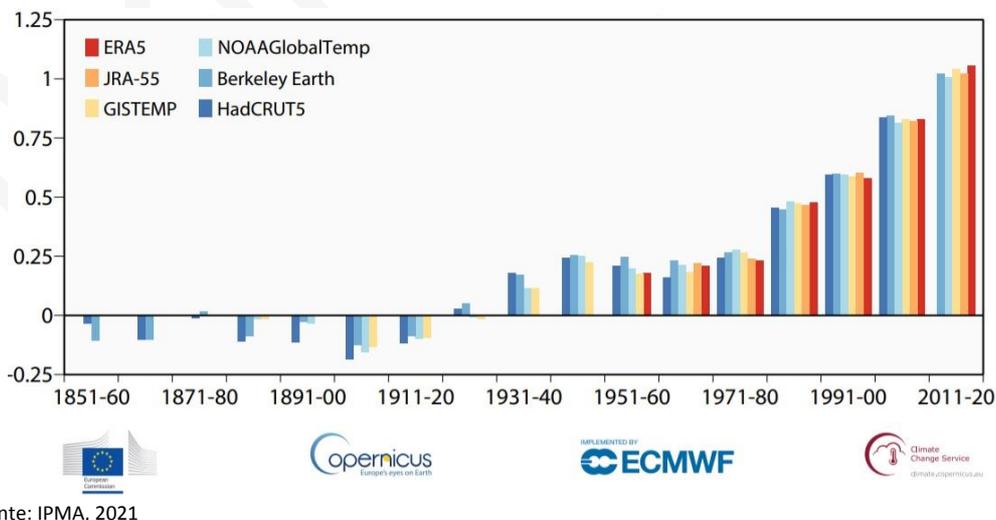


Figura 3.2 – Anomalias da temperatura media global por décadas desde a era pré-industrial, considerando diferentes conjuntos de dados

A Figura 3.3 ilustra as anomalias que se verificam nas temperaturas do ar observadas no verão ao nível da Europa, indicando que o verão de 2021 foi o mais quente de sempre na Europa.

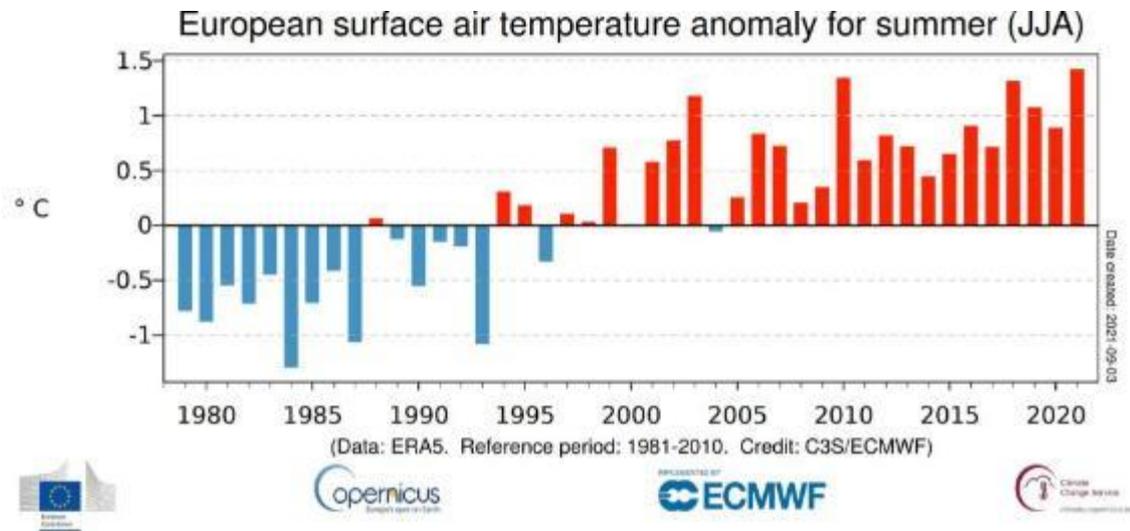
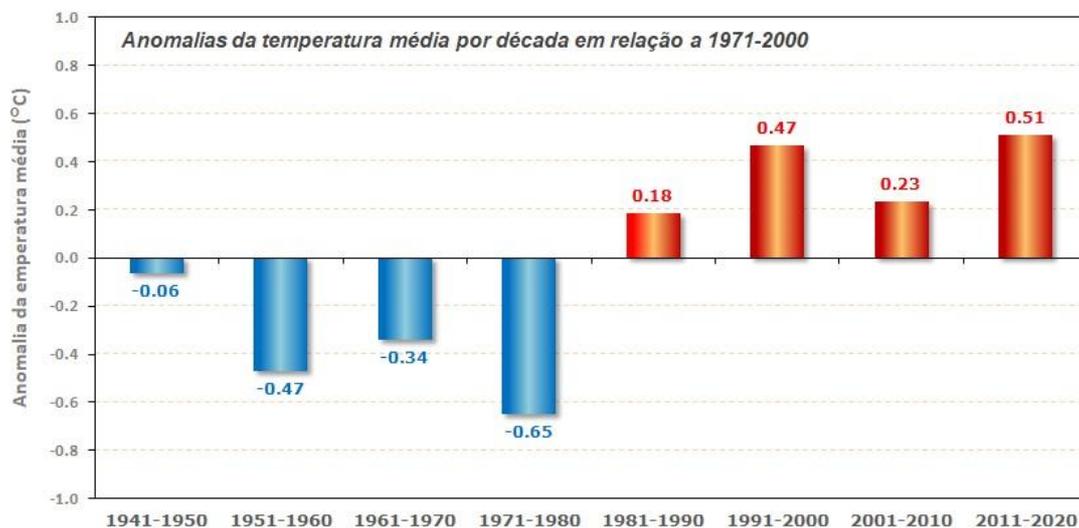


Figura 3.3 – Anomalias observadas na temperatura do ar no período de verão na Europa

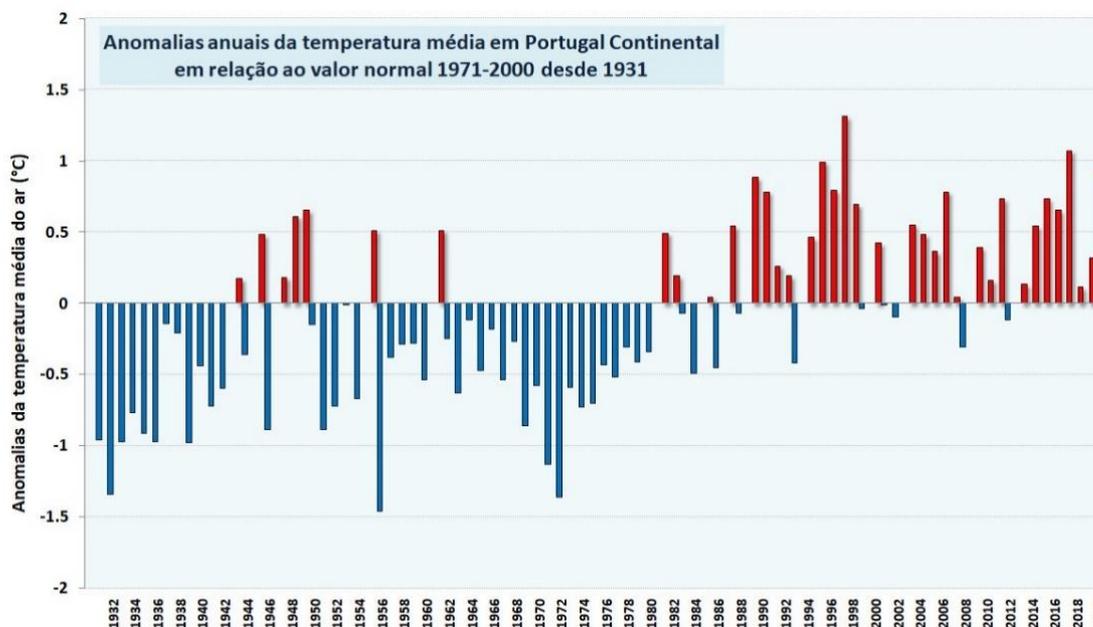
Em Portugal continental, a década de 2011-2020 foi a mais quente desde o ano de 1931, ultrapassando o anterior valor mais elevado que se verificou na década de 1991-2000. Na Figura 3.4 são apresentadas as anomalias da temperatura média do ar por décadas, em relação ao valor normal 1971-2000.



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.4 – Anomalias da média da temperatura do ar média por décadas, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000

Na Figura 3.5 apresentam-se as anomalias anuais da temperatura média em Portugal continental desde 1931, relativamente ao valor normal 1971-2000.



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.5 – Anomalias anuais da temperatura média em Portugal continental em relação ao valor normal 1971-2000, desde 1931

Os 30 anos mais quentes registados em Portugal continental no período compreendido entre 1931 e 2020 são apresentados na Figura 3.6. Observa-se que destes 30 anos, 21 ocorreram depois de 1990 e 13 desde 2000. O ano mais quente foi o de 1997, seguido pelo ano de 2017.

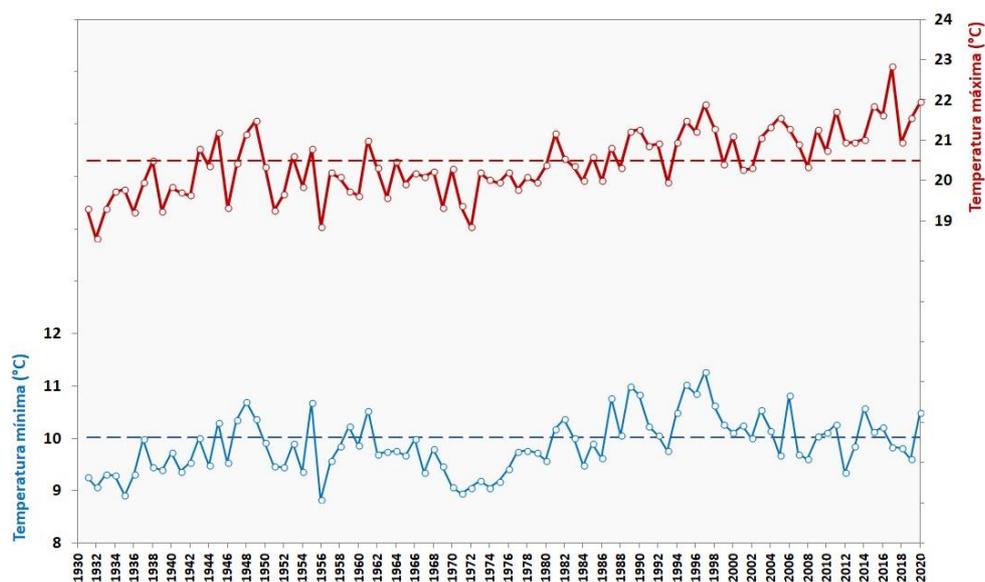
Relativamente ao valor médio anual da média da temperatura máxima do ar, 21,95 °C, o ano de 2020 foi o segundo mais alto desde 1931 (Figura 3.7), com uma anomalia de +1,45 °C (o mais elevado foi o ano de 2017, com um valor médio anual da média da temperatura máxima do ar de 22,82 °C e uma anomalia de +2,32 °C).



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.6 – Ranking dos 30 maiores valores da temperatura média do ar entre 1931 e 2020

Na Figura 3.7 apresenta-se a variabilidade da temperatura do ar máxima e mínima anual, em Portugal continental, desde 1931 (as linhas a tracejado representam a média no período 1971-2000).



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.7 – Variabilidade da temperatura do ar máxima e mínima anual, em Portugal continental no período 1931-2020

Em 2020, o valor médio anual da média da temperatura mínima do ar, 10,49 °C, também registou um valor superior à normal, +0,47 °C, sendo o quarto valor mais elevado dos últimos 20 anos (mais altos desde 2000: 2006, 2014 e 2003).

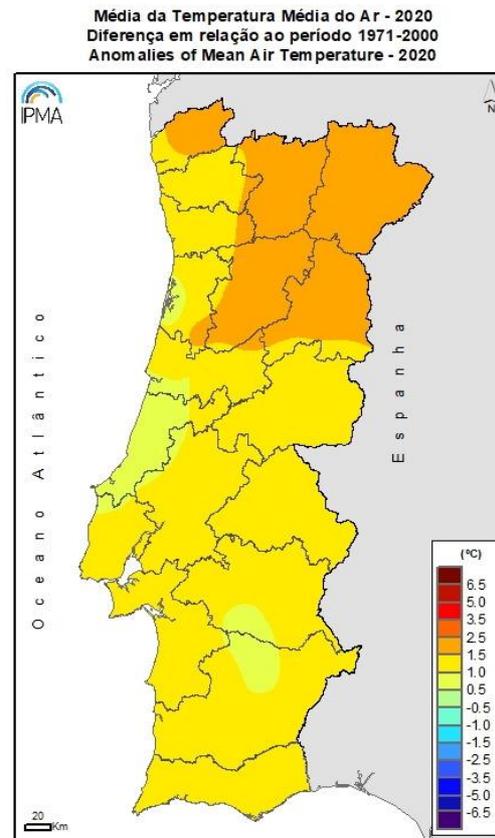
O Quadro 3.1 mostra os 10 anos com os maiores valores da temperatura máxima desde 1931 e respetiva anomalia. Note-se que dos 10 anos com os maiores valores da temperatura máxima, sete ocorreram já no decorrer do século XXI.

Quadro 3.1 – Dez anos com a temperatura máxima mais alta em Portugal continental (1931-2020)

Classificação	Ano	Anomalia (°C)
1	2017	2,32
2	2020	1,45
3	1997	1,38
4	2015	1,35
5	2011	1,21
6	2016	1,12
7	2005	1,05
8	2019	1,04
9	1949	0,97
10	1995	0,97

Fonte: IPMA, 2021

No ano de 2020 ocorreram 7 ondas de calor em Portugal continental podendo-se observar Figura 3.8 a distribuição espacial das anomalias da temperatura média do ar em 2020, em relação ao valor normal 1971-2000.

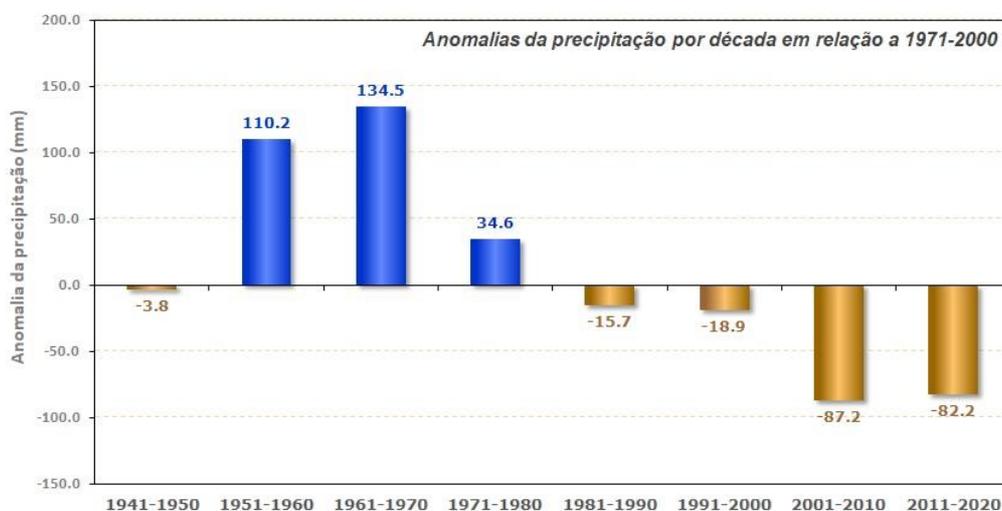


Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.8 – Distribuição espacial das anomalias da temperatura média do ar em 2020, em relação ao valor normal 1971-2000

3.2. Precipitação

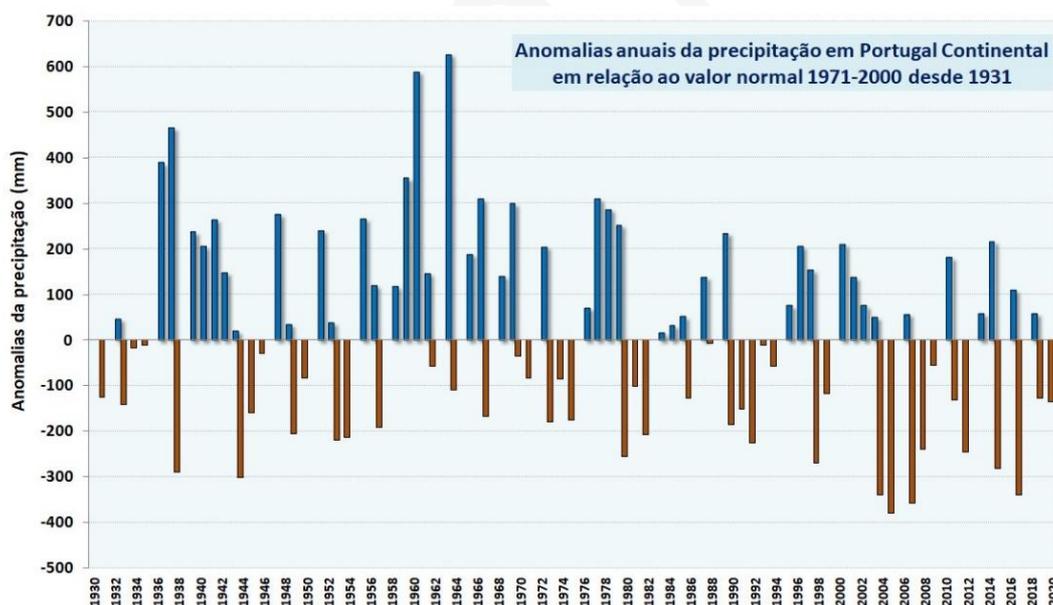
Relativamente à precipitação, as anomalias por décadas, em relação ao valor normal 1971-2000, em Portugal continental, são as apresentadas na Figura 3.9. A década 2011-2020 foi a segunda mais seca desde 1931, com uma diferença de apenas 5 mm em relação à década mais seca, que foi a de 2001-2010.



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.9 – Anomalias da precipitação por décadas, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000

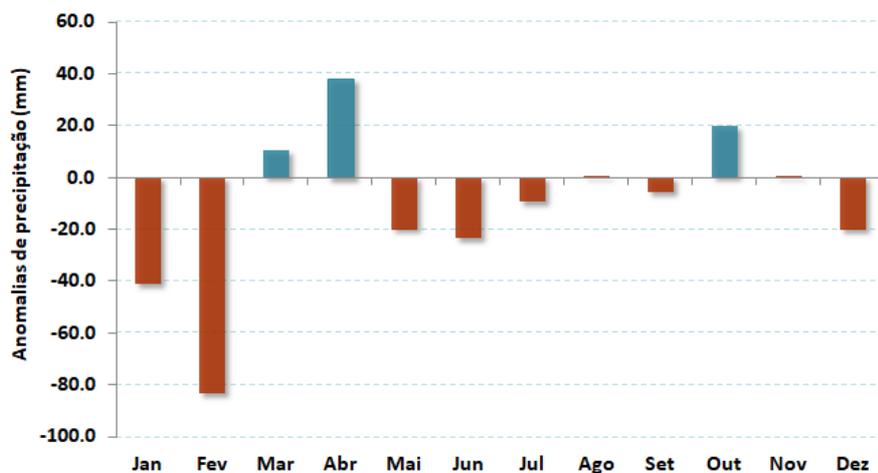
No ano de 2020 o valor médio de precipitação total anual, 746,8 mm, corresponde a cerca de 85% do valor normal. Valores de precipitação inferiores aos registados em 2020 ocorreram em cerca de 30% dos anos desde 1931. Na Figura 3.10 apresentam-se as anomalias anuais da precipitação em Portugal continental desde 1931, relativamente ao valor normal 1971-2000.



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.10 – Anomalias da quantidade de precipitação anual em Portugal continental, em relação ao valor médio no período 1971-2000

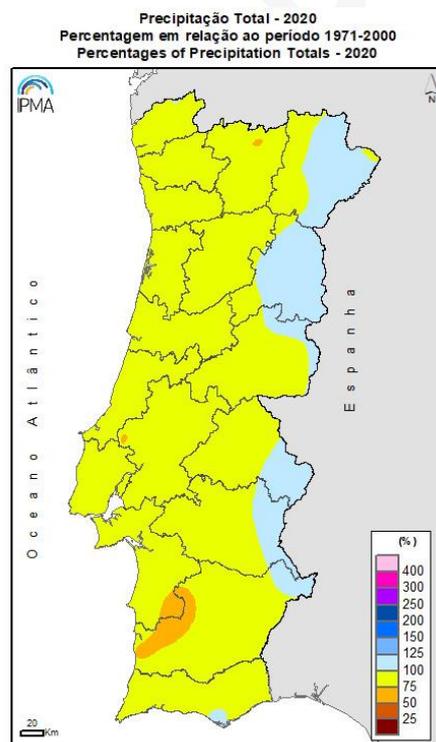
Ao longo de 2020 (Figura 3.11), apenas os meses de abril, maio e outubro registaram valores de precipitação superiores ao normal. Destacam-se as anomalias negativas dos meses de janeiro e fevereiro que contribuíram para o inverno de 2019/2020 ter sido mais seco que o normal.



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.11 – Desvios (em relação ao valor médio 1971-2000) do total de precipitação anual em 2020

Em relação à distribuição espacial (Figura 3.12), os valores foram inferiores ao normal em quase todo o território, exceto nalgumas regiões do interior do território.



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.12 – Distribuição espacial da percentagem da precipitação em 2020, em relação ao valor normal 1971-2000

O ano de 2020, em Portugal Continental, classificou-se como muito quente e seco (Figura 3.13).



Fonte: IPMA, 2021

Figura 3.13 – Temperatura média do ar e precipitação em Portugal continental entre 1931 e 2020

No que se refere à RH os desvios da precipitação mensal para o ano hidrológico de 2020/21 face à precipitação média anual relativo ao período de 1940/41 a 1997/98, é a que se apresenta na Figura 3.14. Salienta-se o mês de março com uma anomalia significativa face ao histórico da RH.

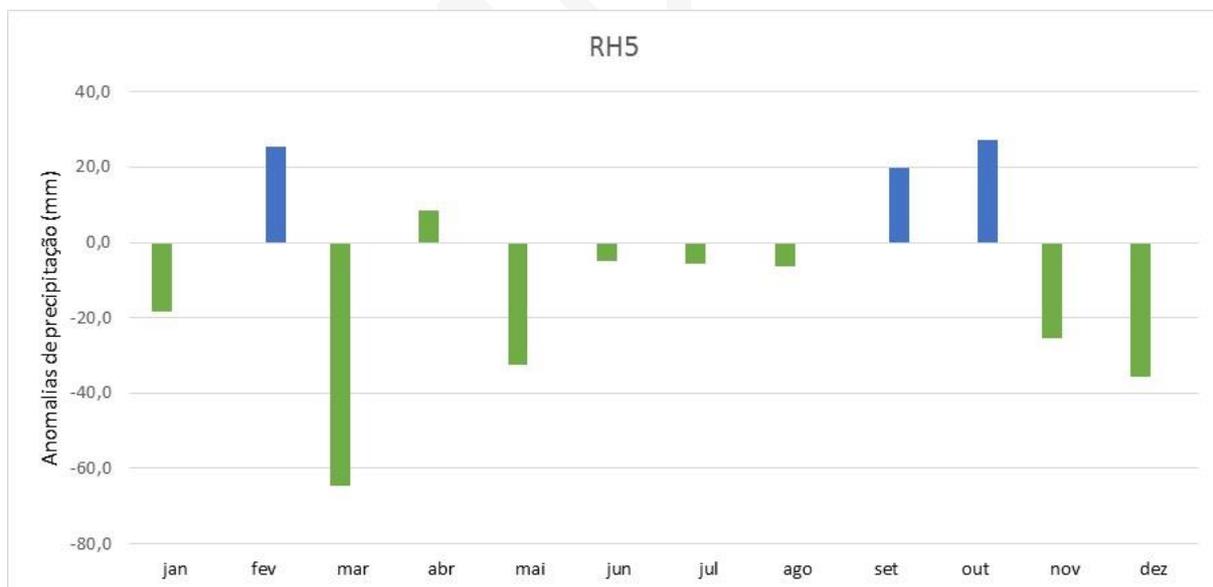


Figura 3.14 – Desvio da precipitação mensal no ano hidrológico 2020/21 para a RH

4. RISCOS



Um risco materializa um processo ou ação, natural ou tecnológico, com relevância socioeconómica e expressão territorial para o qual é preciso avaliar a sua probabilidade de ocorrência e estimar o seu impacto.

Podendo os riscos ter origem em fenómenos meteorológicos e hidrológicos extemos, ou em acidentes, infraestruturas e atividades, em função da sua origem podem ser divididos em riscos naturais e tecnológicos.

Ao nível da gestão dos recursos hídricos a variabilidade aleatória, temporal e espacial tornam particularmente importante a avaliação e prevenção de riscos que lhe estão associados.

A garantia da disponibilidade de água, em quantidade e qualidade, a proteção de pessoas e bens contra ameaças de origem natural ou provocadas pela atividade antropogénica, o equilíbrio dos ecossistemas aquáticos e de outros ecossistemas deles dependentes têm de estar sempre presentes numa estratégia de gestão destes recursos. Como principais riscos naturais e tecnológicos que podem afetar o estado das massas de água existem:

- Naturais
 - Secas;
 - Inundações, incluindo galgamentos costeiros;
 - Erosão costeira - Recuo e instabilidade de arribas;
 - Incêndios florestais;
 - Tsunamis;
- Tecnológicos
 - Acidentes no transporte terrestre de mercadorias perigosas;
 - Acidentes em infraestruturas fixas de transporte de produtos perigosos;
 - Colapso de pontes e aquedutos;
 - Rutura de barragens;
 - Acidentes em instalações fixas com substâncias perigosas.

A ocorrência de incêndios rurais relacionada com fenómenos atmosféricos foi classificada na Avaliação Nacional de Riscos (2019, ANEPC) como um risco misto.

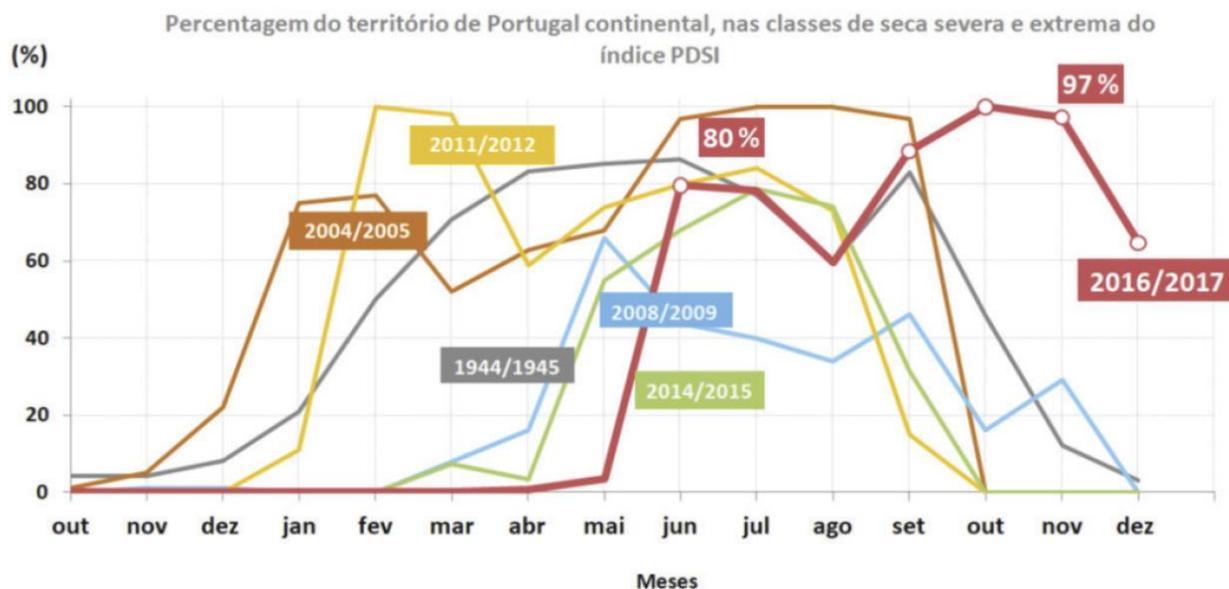
Nos capítulos seguintes faz-se uma breve caracterização dos principais riscos que podem afetar os recursos hídricos na RH.

4.1. Riscos Naturais

4.1.1. Secas

As secas e a escassez de água são problemas crescentes na Europa, como consequência dos efeitos das alterações climáticas, que têm implicado tanto o aumento da temperatura média global como o aumento da frequência e intensidade dos fenómenos climáticos extremos, tais como inundações e secas.

Note-se que esta tendência têm-se registado nos últimos anos, sendo que já neste século ocorreram cinco períodos de seca (2004/05, 2008/09, 2011/12, 2014/15 e 2016/17), alguns dos quais comparáveis com o mais grave que ocorreu no século XX, a seca de 1944/45 (Figura 4.1).



Fonte: IPMA, in Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca, dezembro de 2017

Figura 4.1 – Evolução mensal da percentagem do território em seca severa e extrema, de acordo com a classificação do índice PDSI, para várias situações de seca (histórica: 1944/45; após 2000: 2004/05, 2008/09, 2011/12, 2014/15 e 2016/17)

Durante a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia no primeiro semestre de 2021 foi colocada no topo da agenda política europeia a problemática da escassez de água e das secas no contexto da adaptação às alterações climáticas e da necessidade de se acordar medidas concretas para fazer face a essa situação e mobilizar financiamento para tornar essas mesmas medidas possíveis. Da reunião informal dos ministros do ambiente da Europa realizada a 23 de abril de 2021 importa salientar algumas das conclusões:

- Tornou-se evidente que a escassez e, mesmo, as secas decorrentes dos efeitos das alterações climáticas deixaram de ser apenas um problema dos países do sul, e que é preciso reduzir significativamente o uso de água. Para isso, é urgente melhorar a eficiência e aumentar a reutilização da água;
- Ficou clara a necessidade de garantir, por parte de todos os setores, o uso sustentável da água e a resiliência aos efeitos das alterações do clima, melhorando a articulação e convergência dos planos e estratégias setoriais com os planos de gestão de região hidrográfica, promovendo um licenciamento mais eficaz, considerando as disponibilidades existentes e futuras e a necessidade de se atingirem os objetivos da DQA;
- O desenvolvimento harmonizado para uma implementação comum de planos de gestão da seca e escassez por região hidrográfica, que vão ser desenvolvidos em 2022, assume particular relevo para dotar este fenómeno extremo de mecanismos e instrumentos de gestão comum mais eficazes e com maior pro-atividade na minimização dos seus efeitos.

Com efeito, a água tem um papel ímpar nos impactes da mudança do clima. É um elemento estruturante em diversos domínios, tais como a agricultura, as florestas, a biodiversidade, a indústria, a energia, as pescas, as cidades, a saúde e o turismo, pelo que a mudança tem de envolver todos.

Nesse sentido, a 17 de junho de 2021, foi lançado o Relatório Especial sobre as Secas do Gabinete das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNDRR), que explora a natureza sistémica das secas e os seus

impactes na realização do Quadro de Sendai para redução do risco de desastres, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e na saúde e bem-estar humano e dos ecossistemas.

As mudanças nos padrões de precipitação, conjugadas com o aumento das temperaturas médias, já estão a agravar significativamente as pressões existentes sobre a qualidade e a disponibilidade dos recursos hídricos, situação que será previsivelmente exacerbada num futuro não muito longínquo.

O desenvolvimento económico, a saúde humana e os ecossistemas estão inseparavelmente ligados à disponibilidade e à qualidade da água. O Pacto Ecológico Europeu e as suas iniciativas vieram estabelecer o quadro e dar o ímpeto necessário para a UE avançar com uma agenda ambiciosa sobre a gestão da quantidade de água, com base nas conclusões das avaliações recentes da água e na aplicação da nova legislação neste domínio.

Na sequência da adoção da nova Estratégia da UE para a Adaptação às Alterações Climáticas, e por solicitação do Parlamento Europeu, foi lançado pela Comissão Europeia o projeto Observatório Europeu da Seca para a Resiliência e Adaptação (EDORA, no acrónimo em inglês), com o objetivo principal de melhorar a resiliência e a adaptação às secas em toda a UE.

A posição geográfica de Portugal continental é propícia à ocorrência de situações de seca. Efetivamente tem-se assistido a um incremento da frequência e da intensidade das situações de seca, sobretudo nas duas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI.

Dos 30 anos mais quentes em Portugal continental no período de 1931 a 2020, verifica-se que 21 ocorreram depois de 1990 e 13 desde de 2000. O ano de 1997 foi o mais quente seguido pelo ano de 2017. O aumento da temperatura e a diminuição do número de anos húmidos nas últimas duas décadas têm provocado:

- Menor reposição dos volumes de água armazenados quer nas albufeiras quer nas águas subterrâneas;
- Dificuldades em atingir o Bom estado das massas de água;
- Aumento da temperatura e intensificação das atividades têm implicado um aumento dos consumos.

4.1.1.1. Metodologia e critérios

A seca e, conseqüentemente, a escassez são uma preocupação crescente na Europa, com particular relevância nas regiões desertificadas do interior sudeste de Portugal e Espanha, onde a sua duração, frequência e severidade são cada vez maiores e os seus efeitos se mantêm muito para além do seu término. Um dos impactos mais gravosos das alterações climáticas é precisamente o que respeita ao aumento da frequência e severidade de períodos de seca e escassez de água. Aliás, de acordo com Copernicus Climate Change Service, o ano de 2019 na Europa foi o mais quente alguma vez registado, com uma anomalia de temperatura média do ar de 1.24 °C.

A experiência acumulada durante os períodos de secas ocorridos em 2012 e em 2017, assim como em situações anteriores, com particular destaque para a seca de 2004-2005, permitiram concluir que é essencial dotar o país de instrumentos e disposições que regulem a preparação para futuras ocorrências de um fenómeno que se está a verificar com maior frequência em Portugal, em resultado das mudanças climáticas. Efetivamente, as alterações climáticas terão provavelmente impactos significativos na distribuição temporal e espacial dos recursos hídricos, na qualidade da água e na ocorrência, mais frequente, de secas significativas.

O Decreto-Lei n.º 21/98, de 3 de fevereiro, cria a Comissão de Gestão de Albufeiras, coordenada pela APA, tendo como atribuição a coordenação do planeamento e da exploração de albufeiras. Em situações de emergência provocadas por iminência ou ocorrência de cheias ou rotura de barragens, a Comissão constitui-se em Comité Permanente para tomar as medidas adequadas ao acompanhamento da sua evolução. Esta Comissão e as suas sub-comissões regionais têm sido determinantes na definição e implementação das

medidas de contingência e de preparação para as situações de seca que se têm verificado desde então, analisando não só o armazenamento de água nas albufeiras, mas também nas águas subterrâneas.

A RCM nº. 80/2017, de 7 de junho, criou a Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca, constituída pelos membros do Governo responsáveis pelas áreas do Ambiente e da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural que coordenam conjuntamente, das Finanças, da Administração Interna, da Administração Local, do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, da Saúde, da Economia e do Mar, e pelo grupo de Trabalho que integra os diferentes organismos do Estado, coordenado pela APA e pelo GPP.

No dia 19 de julho de 2017 realizou-se a primeira reunião da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca, criada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 80/2017, de 7 de junho, tendo sido aprovado o Plano de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca. Posteriormente houve mais 5 reuniões, (30 de outubro de 2017, 7 de fevereiro de 2018, 20 de março de 2019, 8 de maio de 2019 e 20 de novembro de 2019). Desde junho de 2017 que são realizados relatórios mensais que podem ser consultados através do seguinte link <https://www.apambiente.pt/agua/grupo-de-trabalho>.

Sendo a seca um fenómeno natural com início e fim mal definidos, de progressão lenta, com duração temporal de meses e anos, podendo atingir grandes regiões, a sua caracterização, tal como noutros fenómenos naturais, pode ser feita pela sua severidade, duração e localização. Assim importa monitorizar diferentes variáveis hidrometeorológicas, recorrer a diferentes índices e indicadores de seca que permitam antecipar a sua ocorrência.

A utilização do SPI como indicador de impactos em vários setores da água constitui um indicador de alerta precoce de secas. A ausência ou diminuição da precipitação tem impacto nos processos do ciclo hidrológico – escoamento, infiltração, evapotranspiração e restantes. É no entanto importante escolher a escala temporal adequada do SPI e o momento do ano hidrológico em que essa análise é realizada. Assim, e segundo a documento “WMO nº 1090 – Standardized Precipitation Index – User Guide” é possível considerar:

- SPI-3 meses, que reflete as condições de humidade no solo a curto e médio prazo;
- SPI-6 meses, que indica tendências da precipitação entre estações de médio prazo;
- O SPI-9 meses com valores inferiores a -1,5 é considerado um bom indicador de que a seca está a ter um impacto significativo na agricultura e pode estar a afetar também outros sectores. Esta é, ainda, a escala de tempo em que o SPI permite verificar a presença ou não de uma seca prolongada;
- O SPI-12 meses e escalas temporais superiores, que reflete o impacto nas reservas hídricas quer superficiais quer subterrâneas.

A escala de valores utilizada inclui as classes indicadas no Quadro 4.1.

Quadro 4.1 – Escala de valores de precipitação associados à classificação do SPI (European Drought Observatory)

Classificação do SPI (Precipitação)	
>2	chuva extrema
1.50 to 1.99	chuva severa
1.0 to 1.49	chuva moderada
-.99 to .99	normal
-1.0 to -1.49	seca moderada
-1.5 to -1.99	seca severa
<-2	seca extrema

As secas normalmente desenvolvem-se ao longo de uma estação do ano ou por mais tempo. Os valores que o SPI-9 meses assume, permitem uma avaliação do impacto da seca em sectores como a agricultura. Valores de SPI-9 inferiores a 1,5 demonstram já impactos significativos neste sector, em particular se estes valores forem observados no mês de março, fim do semestre húmido.

É também aplicado um índice às séries de volume armazenado, o índice DSIR (Drought State Index for Reservoirs) [3], dado ser um bom indicador do estado de armazenamento nas albufeiras, e assim permitir avaliar a situação de seca na região, podendo assumir valores da escala indicada no Quadro 4.2.

Quadro 4.2 – Escala de valores associado índice Drought State Index for Reservoirs (DSIR)

Classificação do DSIR	
≥ 0.5	Normalidade
$0.5 > DSIR \geq 0.3$	Pré-alerta
$0.3 > DSIR \geq 0.1$	Alerta
< 0.1	Emergência

4.1.1.2. Secas na década de 2010 a 2021

A monitorização da seca meteorológica realizada pelo IPMA, cuja análise está disponível nos Boletins Climatológicos, permite verificar que na última década ocorreram vários episódios de seca meteorológica, de duração média e curta, de intensidade variável, com abrangência nacional ou de maior incidência nas bacias hidrográficas a sul do rio Tejo. A precipitação anual observada, quando acima da média de referência, apresenta valores que não atingem os percentis mais elevados da séries históricas. Importa ainda referir que uma das secas mais gravosas quer em extensão territorial (100%) quer em intensidade, ocorreu há relativamente pouco tempo, de 2004 a 2006. Estas alterações no regime de precipitação têm conduzido a secas hidrológicas, com elevados impactos ambientais e económicos.

No gráfico da Figura 4.2 apresenta-se a percentagem do território de Portugal Continental em situação da seca para as principais secas ocorridas até 2017, conjuntamente com os anos secos registados até 2021. Verifica-se nos últimos cinco anos uma persistência de uma percentagem significativa do território em situação de seca meteorológica.

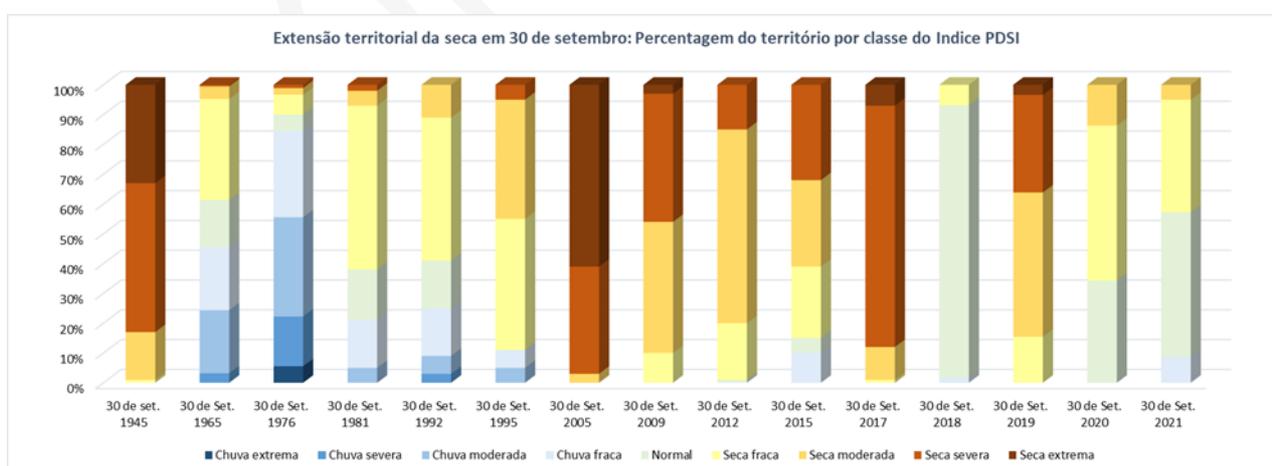


Figura 4.2 – Principais secas em Portugal Continental e sua extensão territorial, anos secos no período de 2011 a 2021 (Adaptado do Boletim de Seca de setembro de 2017 do IPMA)

A análise do índice SPI-12 para o histórico da série de precipitações observadas nesta RH permite verificar uma ausência, nos últimos 20 anos, de anos húmidos ou muito húmidos e uma maior ocorrência de períodos que atingem níveis de seca, como o ocorrido no ano hidrológico de 2016/17 (Figura 4.3).

Os resultados obtidos evidenciam algumas tendências que aqui se destacam:

- Ausência de anos húmidos após 2001 e aumento de anos hidrológicos consecutivos com precipitação muito abaixo da média;
- Após 2000/01 é possível observar a ocorrência de um ano hidrológico classificado com seca extrema e que a frequência de anos hidrológicos abaixo da média aumentou relativamente ao período entre 1959/60 e 1999/2000;

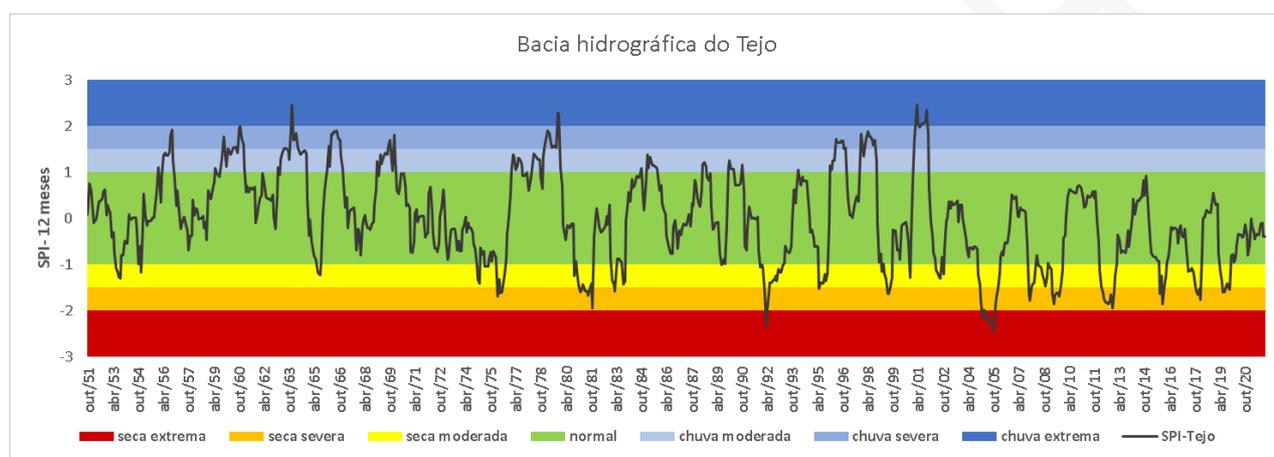


Figura 4.3 – Índice SPI-12 para a Bacia Hidrográfica do Tejo

Relativamente ao impacto das secas meteorológicas mais severas nas reservas hídricas superficiais, pela análise da série de valores do índice DSIR na bacia hidrográfica do Tejo (Figura 4.4), observa-se que a seca de 2016/17 foi a que teve maior impacto na última década. Nesta bacia, salienta-se ainda o ano hidrológico de 2018/19 onde foi atingido o nível de Alerta.

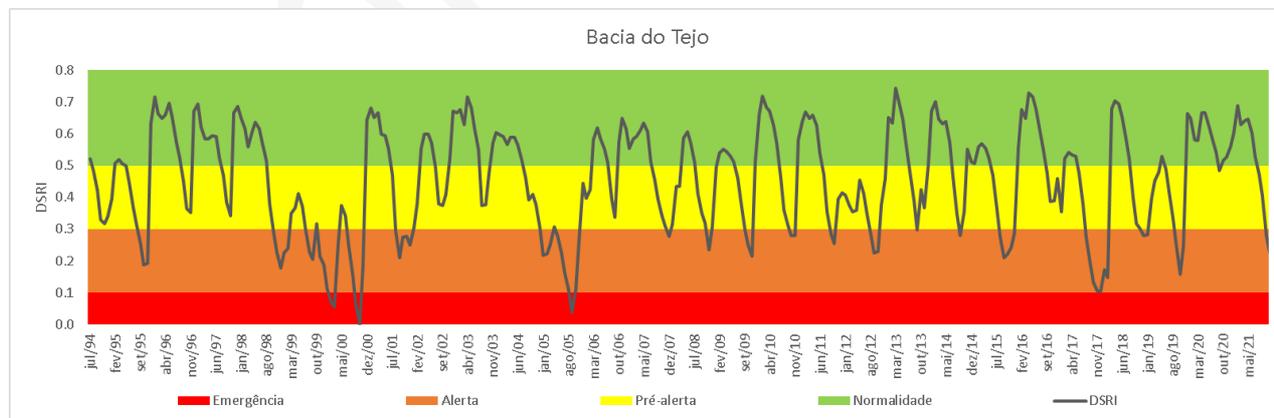


Figura 4.4 – Aplicação do índice Drought State Index for Reservoirs na Bacia Hidrográfica do Tejo

A existência da Comissão Interministerial e respetivo Grupo de Trabalho de assessoria técnica, enquanto fórum de debate e de integração de todos os aspetos relevantes para a gestão de situações de seca, e as ações que desde julho de 2017 foram tomadas, permitiram um melhor acompanhamento da situação, uma maior resiliência e gestão das disponibilidades existentes, minimizando, de forma mais efetiva e progressiva, a diminuição significativa das disponibilidades hídricas devido às condições meteorológicas. Do que foi realizado importa salientar:

- Aprovação do Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca;
- Elaboração de relatórios de monitorização mensais, podendo a frequência ser aumentada em caso de contingência, com incremento da monitorização;
- Acompanhamento regular permitiu, nas situações de seca, a adoção mais célere e atempada de ações que permitiram a mitigação dos seus efeitos nas atividades económicas e garantir sempre o abastecimento público, em quantidade e qualidade;
- Reforço da monitorização e da sua disponibilização;
- Promoção de uma melhor articulação entre os diferentes utilizadores, nomeadamente nos sistemas menos resilientes;
- Implementação de um caudal mínimo diário em Belver, que se mantém desde junho de 2017;
- Realização de campanhas de sensibilização para poupança nos consumos urbanos;
- Implementação de medidas nas áreas ardidas para garantir a proteção dos recursos hídricos 867 protocolos investimento de 16,42 M€ (Fundo Ambiental);
- Restrições no licenciamento para uma melhor proteção das águas subterrâneas e reforço da fiscalização;
- No âmbito do Programa de Desenvolvimento Rural 2014- 2020 (PDR 2020) apoiaram-se em 2017 «Pequenos Investimentos na Exploração Agrícola», para mitigar os efeitos da seca severa e extrema enquanto fenómeno climático adverso, através do apoio a investimentos específicos nas explorações agrícolas em que a escassez de água comprometia o manejo do efetivo pecuário, em particular o seu abeberamento, permitindo dotar um grande número de explorações, naturalmente as que se situam em locais mais críticos, de meios para fazer frente a uma situação de seca;
- Articulação com os municípios e entidades gestoras para diminuir os consumos urbanos;
- Remoção e limpeza de sedimentos acumulados em 8 albufeiras (2,36 M€ do Fundo Ambiental);
- De acordo com o preconizado no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para situações de seca, embora por vezes não no seu pleno, estão atualmente a ser aplicados planos de contingência específicos nos aproveitamentos hidroagrícolas pelas associações de regantes;
- Identificar e investir na eficiência dos consumos e na redução das perdas na distribuição;

4.1.2. Inundações

As inundações são fenómenos hidrológicos extremos, de frequência variável, naturais ou induzidos pela ação humana, que consistem na submersão de uma área usualmente emersa (Ramos, 2011).

Na sequência das cheias ocorridas na Europa Central, entre 1998 e 2005, cuja magnitude afetou gravemente as atividades económicas europeias, a União Europeia decidiu iniciar um processo de avaliação dos prejuízos e análise do fenómeno e dos procedimentos de mitigação e adaptação, visando a definição de uma estratégia para diminuir as vulnerabilidades da Europa, face à ocorrência de cheias, e, conseqüentemente permitir reduzir as conseqüências prejudiciais.

Neste contexto, a Comissão Europeia iniciou o desenvolvimento de uma estratégia comunitária que culminou com a publicação da Diretiva 2007/60/CE, de 23 de outubro, relativa à avaliação e gestão dos riscos de inundações (DAGRI) com a sua transposição para o direito nacional através do Decreto-Lei nº 115/2010, de 22 de outubro. Esta norma legal estabelece um quadro nacional para a avaliação e gestão dos riscos de inundações, com o objetivo de reduzir as conseqüências prejudiciais associadas a este fenómeno para a saúde humana (incluindo perdas humanas), o ambiente, o património cultural, as infraestruturas e as atividades económicas.

O âmbito de aplicação da Diretiva n.º 2007/60/CE define como inundações *“cobertura temporária por água de uma terra normalmente não coberta por água. Inclui as cheias ocasionadas pelos rios, pelas torrentes de montanha e pelos cursos de água efémeros mediterrânicos, e as inundações ocasionadas pelo mar nas zonas costeiras, e pode excluir as inundações com origem em redes de esgotos.”* Neste sentido, as inundações a considerar são aquelas que pelos seus efeitos negativos podem provocar a perda de vidas, a deslocação de populações, danos no ambiente e no património cultural, ser prejudiciais para a saúde humana, comprometer o desenvolvimento económico e prejudicar todas as atividades da comunidade.

Os tipos de inundações que ocorrem no território nacional são de origem fluvial, cheias repentinas, inundações pluviais e inundações marítimas em zonas costeiras. Os danos causados pelas inundações variam no território, dependendo da sua ocupação quer em termos populacionais, quer em atividades.

Em termos de conceitos é importante estabelecer que:

Inundação fluvial - Fenómeno gerado pela ocorrência de precipitação durante vários dias ou semanas, por fenómenos intensos durante um curto período de tempo, ou pelo rápido degelo de massas de gelo, resultando no alagamento das áreas circundantes, com impacto na sua ocupação. A inundação fluvial pode ainda resultar da falha de uma estrutura de defesa, tal como um dique ou uma barragem.

Inundação pluvial - Resultam de eventos de precipitação intensa que saturam o sistema de drenagem, passando o excesso de água a fluir para as ruas e estruturas próximas.

Inundações repentinas – Inundações causadas pelo rápido aumento do nível da água em riachos, rios ou outros cursos de água, normalmente leitos secos, ou em áreas urbanas, geralmente como resultado de chuvas intensas numa área relativamente pequena ou de chuvas moderadas a intensas sobre superfícies terrestres impermeáveis, ocorrendo geralmente dentro de minutos a várias horas do evento de precipitação.

Inundação costeira - Fenómeno gerado pela subida temporária do nível do mar acima da amplitude normal da maré devido à ocorrência em simultâneo ou pontualmente de sobre elevação marítima, ondas, ventos ou *tsunamis*, levando ao galgamento da linha de costa e à inundação de zonas geralmente secas.

4.1.2.1. Metodologia e critérios

A implementação da Diretiva e do Decreto-Lei, mencionados anteriormente, passa pela realização de três etapas, a executar de acordo com um calendário pré-definido:

- 1ª Fase: elaboração da avaliação preliminar dos riscos de inundações e identificação das zonas com riscos potenciais significativos;
- 2ª Fase: elaboração de cartas de zonas inundáveis e de riscos de inundações;
- 3ª Fase: elaboração e implementação dos Planos de Gestão dos Riscos de Inundações (PGRI).

As etapas são executadas de seis em seis anos, visando a respetiva reavaliação da informação. Nos Planos de Gestão dos Riscos de Inundações (PGRI), em vigor até dezembro de 2021, foram identificadas 22 áreas de risco de inundação em Portugal Continental, todas de origem fluvial. O programa de medidas definido nos PGRI, com investimento executado superior a 100,32 M€, está ainda em execução (consultar planos em <https://www.apambiente.pt/agua/1o-ciclo-de-planeamento-2016-2021>).

Para o 2.º ciclo a Avaliação Preliminar dos Riscos de Inundações (APRI) considerou as seguintes etapas:

- Etapa 1 – Levantamento e análise dos eventos de inundações ocorridos desde o início do ciclo anterior até ao presente;
- Etapa 2 – Reanálise das Áreas de Risco Potencial Significativo de Inundações (ARPSI) identificadas no ciclo anterior;
- Etapa 3 – Definição de novas ARPSI.

A realização da Etapa 1 inclui a caracterização de inundações quer sobre o seu mecanismo, origem, quer no que respeita aos impactos negativos significativos nos quatro recetores definidos na diretiva: População, Ambiente, Atividades Económicas e Turismo. A análise da informação recolhida é realizada tendo em conta os indicadores definidos, que mediante a aplicação de um sistema de ponderação permitem classificar os eventos relativamente à severidade dos seus impactos negativos.

A avaliação realizada na Etapa 1 é também o suporte para verificar se existem ocorrências de inundações que demonstrem necessidade de alterar as ARPSI do ciclo anterior. As alterações podem ser de diferentes tipos: extensão, redução, eliminação, divisão ou agregação (Etapa 2). Simultaneamente permitem verificar a necessidade de definir novas ARPSI (Etapa 3).

Na fase de avaliação preliminar de risco de inundação é ainda possível definir ARPSI que resultam de inundações sem impactos significativos conhecidos, mas com uma probabilidade não nula de produzirem consequências adversas significativas, caso voltem a ocorrer eventos futuros. O risco associado a eventuais alterações climáticas poderá ser um dos aspetos que permite suportar a existência de eventos futuros.

Foram selecionados indicadores que foram agregados por recetor: **população, atividades económicas, ambiente e património classificado** estabeleceram-se diferentes classes, que foram valoradas desde o efeito insignificante da cheia até um prejuízo muito elevado.

Para informação complementar consultar os trabalhos associados à implementação da Diretiva Inundações <https://www.apambiente.pt/agua/2o-ciclo-de-planeamento-2022-2027>.

4.1.2.2. Áreas de Risco Potencial Significativo de Inundações

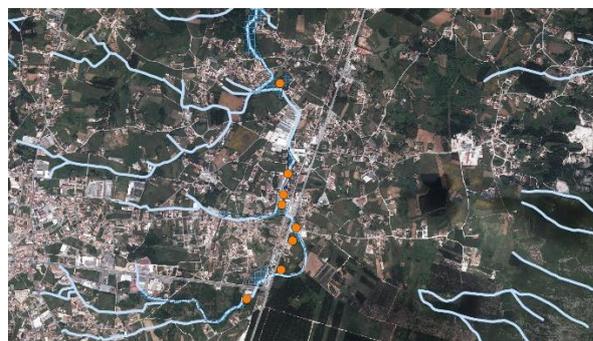
No 2.º ciclo de planeamento da Diretiva Inundações a Avaliação Preliminar de Riscos de Inundações (APRI) teve em consideração as zonas de risco identificadas no primeiro ciclo de implementação da Diretiva n.º 2007/60/CE, de 23 de outubro, os eventos de inundação conhecidos desde dezembro 2011, potenciais eventos futuros face a riscos associados a alterações climáticas e a cooperação com o Reino de Espanha, de acordo com as determinações na diretiva em questão.

Para a RH, a APRI efetuada no âmbito do 2.º ciclo de planeamento identificou, entre 2011 e 2018, os eventos que se apresentam no Quadro 4.3. e sobre os quais se juntam algumas fotos exemplificativas (Figura 4.5).

Quadro 4.3 – Eventos reportados na RH, entre 2011 e 2018

Data evento	Municípios mais afetados	Origem da cheia	Causa	Entidade
19/02/2011	Alenquer			CM Alenquer
06/01/2011	Alenquer e Azambuja	Pluvial	Forte precipitação, Subida do rio	CM Alenquer
06/01/2011	Torres Vedras	Fluvial	Forte precipitação	CM Torres Vedras
19/02/2011	Alenquer	Pluvial	Forte precipitação, Subida do rio	CM Alenquer
19/02/2011	Alenquer e Azambuja	Pluvial	Forte precipitação, Subida do rio	CM Alenquer
19/02/2011	Torres Vedras	Fluvial	Forte precipitação, Deficiente drenagem	CM Torres Vedras
18/05/2011	Arraiolos	Rutura de Infraestruturas	Forte precipitação	CIMAC
18/05/2011	Évora e Montemor-o-Novo ¹¹	Pluvial	Forte precipitação	CIMAC
13/11/2011	Torres Vedras	Fluvial	Forte precipitação	CM Torres Vedras
04/11/2012	Évora, Estremoz, Vila Viçosa e Borba ¹¹	Fluvial e Pluvial	Forte precipitação	CIMAC
17/11/2012	Estremoz, Évora, Montemor, Vila Viçosa, Borba e Arraiolos ¹¹	Fluvial, Rutura de Infraestruturas e Incerteza sobre a origem da cheia	Forte precipitação	CIMAC
17/11/2012	Évora, Estremoz, Vila Viçosa e Alandroal ¹¹	Fluvial e Pluvial	Forte precipitação	CIMAC
11/01/2013	Caldas da Rainha	Pluvial	Forte precipitação	CM Caldas da Rainha
23/01/2013	Alcobaça (benedita)	Fluvial e Pluvial	Forte precipitação, Deficiente drenagem, Subida do rio	CM Alcobaça
27/03/2013	Montemor-o-Novo	Incerteza sobre a origem da cheia	Forte precipitação	CIMAC
31/03/2013	Torres Vedras	Fluvial	Forte precipitação	CM Torres Vedras
27/09/2013	Estremoz	Pluvial	Forte precipitação	CIMAC
14/01/2014	Caldas da Rainha	Pluvial	Forte precipitação	CM Caldas da Rainha
11/02/2014	São Martinho do Porto	Fluvial	Forte precipitação, Subida do rio	CM Alcobaça
11/02/2014	Torres Vedras	Fluvial	Forte precipitação	CM Torres Vedras
03/05/2014	Montemor-o-Novo	Pluvial	Forte precipitação	CIMAC
24/09/2014	Lourinhã	Fluvial	Forte precipitação	
24/09/2014	Vimeiro			
19/11/2014	Seixal	Pluvial e Rutura de Infraestruturas	Forte precipitação, Deficiente drenagem	CM Seixal
24/10/2015	Montemor-o-Novo	Fluvial	Forte precipitação	CIMAC
27/10/2015	Caldas da Rainha	Pluvial	Forte precipitação	CM Caldas da Rainha
08/01/2016	Caldas da Rainha	Pluvial	Forte precipitação	CM Caldas da Rainha
08/05/2016	Alcobaça	Costeira	Marés vivas	CM Alcobaça
01/01/2018	Cadaval	Fluvial e Pluvial	Forte precipitação, Subida do rio	CM Cadaval
10/04/2018	Alcobaça	Fluvial e Pluvial	Forte precipitação, Deficiente drenagem, Subida do rio	CM Alcobaça
	Dois Portos			ARH Tejo
12/02/2014	Samora Correia			ARH Tejo
10/02/2014	Coruche	Fluvial		ARH Tejo

⁽¹⁾Municípios localizados em mais do que uma Região Hidrográfica



Evento 23/01/2013 em Benedita, Alcobaca



Evento 29/03/2013 em Peniche



Evento 11/02/2014 em Amieira, Alcobaca



Evento 11/02/2014 em Baça, Alcobaca

Figura 4.5 – Eventos de inundação na RH

No rio Tejo apesar de não terem sido identificadas ARPSI transfronteiriças, a articulação com Espanha é fundamental atendendo que na parte portuguesa da Bacia não existem infraestruturas que permitam o controlo de cheias e existe a ARPSI de Abrantes (Estuário do Tejo) que depende fortemente da gestão das barragens em Espanha.

Nesta RH houve alterações resultantes da reavaliação das opções tomadas no 1º ciclo tendo sido identificadas 11 novas ARSPI Quadro 4.4 e Figura 4.6).

Quadro 4.4 – Lista de ARPSI para a RH

Designação	1.º Ciclo	Origem	
		Costeira	Pluvial/Fluvial
Abrantes (Estuário do Tejo)	X		X
Alcobaca			X
Alcobaca (Benedita)			X
Alenquer			X
Areia Branca		X	
Caldas da Rainha			X
Coruche			X
Cova do Vapor – Fonte da Telha		X	
Loures e Odivelas	X		x
Lourinhã			X
São Martinho do Porto			x
Seixal			X
Tomar	X		

Designação	1.º Ciclo	Origem	
		Costeira	Pluvial/Fluvial
Vimeiro			X
Torres Vedras (Dois Portos)	X		X

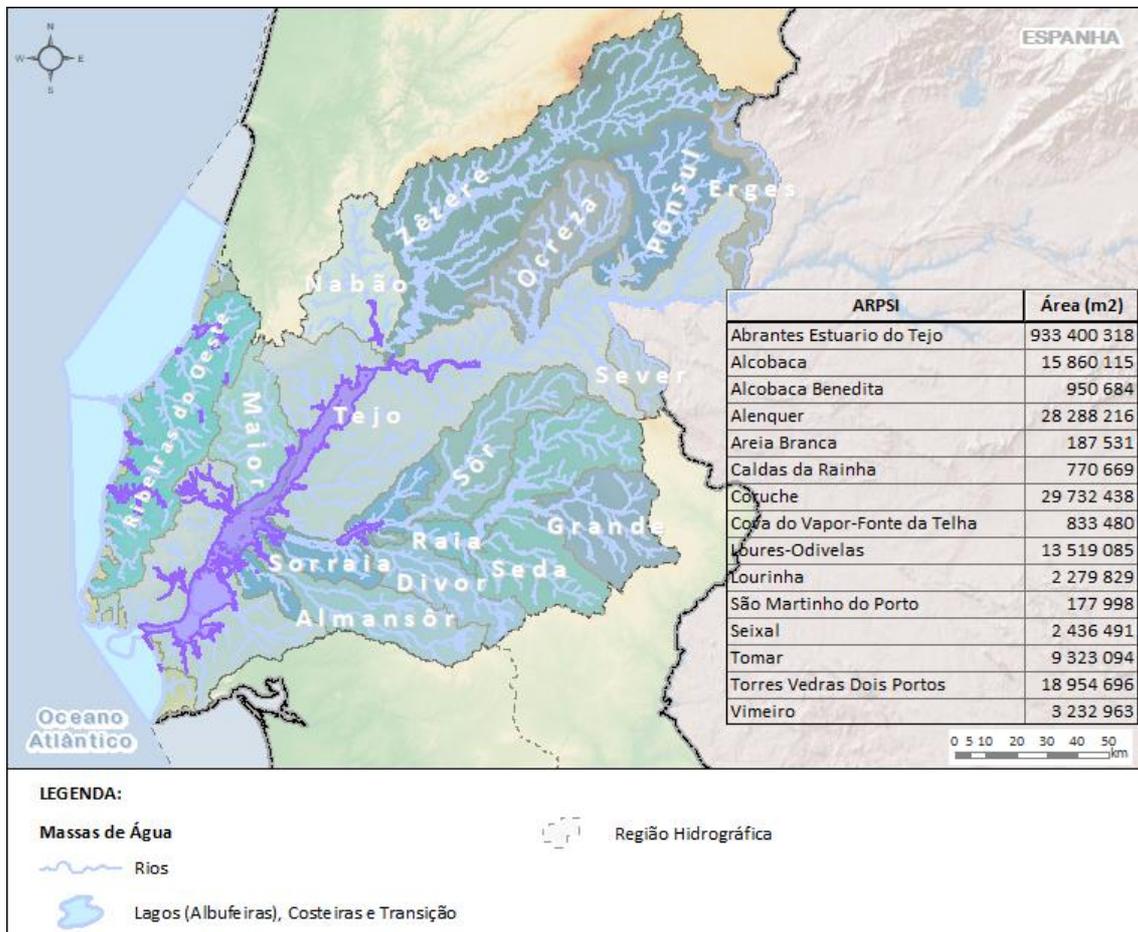


Figura 4.6 – Localização das ARPSI para a RH – 2.º ciclo

Para cada uma destas ARPSI foi elaborada a cartografia sobre inundações, considerando no caso das inundações fluviais/pluviais três cenários hidrológicos (associados aos períodos de retorno de 20, 100 e 1000 anos) e considerando os seguintes parâmetros:

- Limite - extensão da inundação;
- Profundidade – altura do escoamento (d);
- Velocidade - velocidade do escoamento (v);
- Critérios adotados para valoração das consequências em função dos elementos expostos;
- Perigosidade - função da altura e velocidade de escoamento;
- Risco – combinação entre a perigosidade e a natureza dos elementos expostos.

No caso das ARPSI associadas a inundações de origem costeira a modelação realizada permitiu a simulação dos fenómenos de galgamento e inundação para cada um dos locais considerando: o cálculo do nível máximo do mar, a cartografia das zonas inundáveis e a cartografia de risco para o período de retorno de 100 anos.

A inundação costeira é geralmente causada por uma combinação de níveis de água elevados (marés e sobrelevações) e ação das ondas. O nível total de água junto à costa é o resultado de diferentes contribuições.

As inundações e galgamentos costeiros afetam praias, dunas costeiras, arribas, barreiras detríticas, tómbolos, sapais, faixa terrestre de proteção costeira, águas de transição e respetivos leitos e faixas de proteção, bem como estruturas e infraestruturas existentes na orla costeira.

Os cenários de alterações climáticas apontam para uma subida no nível médio do mar que, nalguns modelos globais de clima apontam como podendo ser superior a 1 metro, associado a um aumento do número de tempestades marítimas e, conseqüentemente dos riscos de galgamento costeiro e de erosão da linha de costa. Este risco acrescido representa, não só custos económicos significativos mas também riscos para a população residente nas zonas costeiras.

4.1.2.3. Articulação entre PGRH e PGRI

A implementação da DAGRI decorre em estreita articulação com a Diretiva-Quadro da Água, na medida em que ambas visam a proteção do ambiente e da saúde humana. As inundações estão diretamente relacionadas com vários aspetos que são relevantes para o estado da massa de água, por este motivo são também identificadas as massas de água que podem ser afetadas pelas inundações, nas ARPSI e para os cenários modelados. O número e a categoria das massas de água identificadas na RH nas respetivas ARPSI, são as indicadas no Quadro 4.5. No Anexo I identificam-se as massas de água associadas às ARPSI definidas.

Quadro 4.5 – Número de massas de água identificadas nas ARPSI, na RH

ARPSI	Origem da Inundação	N.º Massas de água / Categoria			
		Rio	Albufeira	Transição	Costeira
Abrantes (Estuário do Tejo)	Pluvial/Fluvial	45	1	4	
Alcobaça	Pluvial/Fluvial	6			1
Alcobaça (Benedita)	Pluvial/Fluvial	1			
Alenquer	Pluvial/Fluvial	3		1	
Areia Branca	Costeira	1			1
Caldas da Rainha	Pluvial/Fluvial	1			
Coruche	Pluvial/Fluvial	5			
Cova do Vapor – Fonte da Telha	Costeira			1	1
Loures e Odivelas	-	1		1	
Lourinhã	Pluvial/Fluvial	2			1
São Martinho do Porto		1			1
Seixal	Pluvial/Fluvial	1		1	
Tomar	-	2			
Vimeiro	Pluvial/Fluvial	2			1
Torres Vedras (Dois Portos)	Pluvial/Fluvial	1			1

4.1.3. Erosão costeira e instabilidade de arribas

4.1.3.1. Litoral baixo e arenoso

Cerca de 20% da totalidade da faixa costeira de Portugal Continental (com uma extensão de 987 km) apresenta tendência erosiva de longo prazo medida e confirmada, afetando o litoral baixo-arenoso constituído por sistemas praia-duna. Estima-se que cerca de 45 % do litoral baixo-arenoso (que ocorre em quase metade com comprimento total da faixa costeira) seja afetado por erosão costeira (Figura 4.7).



Figura 4.7 – Linha de costa em erosão (evolução de longo prazo)

Entre 1958 e 2021 ocorreu uma perda de território costeiro de Portugal Continental devido à erosão costeira de 13.2 Km² (1320 hectares). Existem locais onde o recuo da linha costa neste período ascendeu a mais de 300m, tais como entre Cortegaça – Furadouro (concelho de Ovar), Costa Nova (concelho de Ílhavo) – Vagueira (concelho de Vagos) e Costa de Caparica (Concelho de Almada). Entre a Cova-Gala e Lavos (concelho da Figueira da Foz) o recuo foi próximo de 200 m em igual período. No Algarve, no mesmo período (1958-2021), destaca-se o recuo entre 50 m a 100 m ocorrido no troço costeiro entre a Praia do Forte Novo (concelho de Loulé) e a Praia de Faro (concelho de Faro).

No curto prazo, atendendo aos dados mais recentes de monitorização da evolução costeira do Programa COSMO (Programa de Monitorização da Faixa Costeira de Portugal Continental), é de destacar a evolução verificada no período 2018-2021 nos seguintes troços:

- Entre Ofir/Bonança – Pedrinhas/Cedovém (2018 a 2021), com uma extensão de 2,9 km, 95% do troço encontra-se em erosão, grande parte categorizado como em situação de “Erosão Intensa”, tendo por base o esquema de classificação adotado. O recuo máximo observado neste troço foi de -10 m, com um recuo médio da ordem dos 2,5 m/ano.
- Entre a Praia de Cortegaça – Torrão do Lameiro (2018 a 2021), com uma extensão de 13,6 km, 94% do troço encontra-se em erosão, sendo metade categorizado como em situação de “Erosão Severa” ou “Erosão Extrema”. O recuo máximo observado neste troço foi de -35 m, com um recuo médio da ordem dos 5 m/ano.
- Entre a Praia de Cova-Gala – Costa de Lavos (2018 a 2021), com uma extensão de 4 km, 82% do troço encontra-se em erosão, sendo que destes 66% são categorizados como em situação de “Erosão Severa” ou “Erosão Extrema”. O recuo máximo observado neste troço foi de -42,5 m, com um recuo médio da ordem dos 4 m/ano.

Nos troços costeiros entre a Praia da Barra – Praia de Mira e Costa de Caparica, apesar da tendência erosiva de médio e longo prazo, observa-se uma aparente estabilidade no curto prazo (2018 – 2021), em parte devido aos efeitos positivos das sucessivas alimentações artificiais de praia efetuadas nos últimos anos. No Algarve, observa-se comportamento idêntico no troço entre o Forte Novo e a Praia de Faro, o qual apresenta atualmente uma situação estabilidade relativa, fruto das três intervenções de alimentação artificial efetuadas entre 1998 e 2010 em Vale do Lobo e Forte Novo-Garrão.

As situações reportadas de estabilidade devem ser enquadradas unicamente numa perspetiva de evolução no curto prazo, mantendo-se como áreas de elevada vulnerabilidade e suscetibilidade a situações de risco costeiro, com tendência erosiva de médio e longo prazo.

4.1.3.2. Litoral de arriba

Da estimativa de erosão costeira ficam excluídos os eventos de recuo das arribas rochosas por movimentos de massa de vertente de diferentes tipos (e.g. queda de blocos, escorregamentos planares, tombamentos) e dimensões, dado que o processo evolutivo que as caracteriza, de carácter irregular e descontínuo no espaço e no tempo, é substancialmente diferente do que se verifica para o litoral baixo-arenoso. Em Portugal Continental, praticamente todo o litoral de arriba rochosa é afetado por movimentos de massa de vertente, com magnitude e frequência variáveis, função das características geológicas, geotécnicas, geomorfológicas e hidrogeológicas locais.

Desde 1995, a monitorização por observação e registo *in situ* permitiu identificar até à data, cerca de 1200 ocorrências de movimentos de massa de vertente ao longo da faixa costeira limitada por arribas rochosas. Os volumes mobilizados variam entre 1 e 30 000 m³, tendo resultado em 28 acidentes com consequências para a vida humana (19 feridos e 9 mortos) (Figura 4.8).

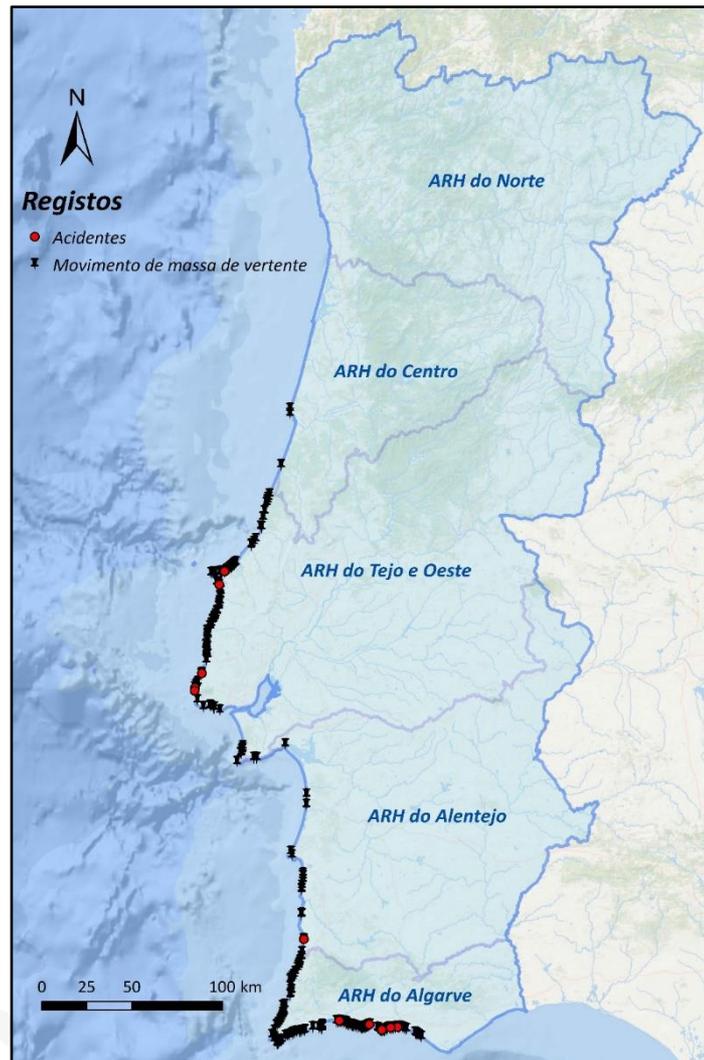


Figura 4.8 – Distribuição espacial das ocorrências de movimentos de massa de vertente em arriba e dos respectivos acidentes com pessoas

A distribuição das ocorrências de movimentos de massa por Administração de Região Hidrográfica consta no Quadro 4.6.

Quadro 4.6 – Ocorrências de movimentos de massa de vertente por ARH

ARH	Intervalo de tempo	N.º de Movimentos de Massa
Centro	2009-2021	18
Tejo e Oeste	2006-2021	644
Alentejo	2016-2021	82
Algarve	1995-2021	434

4.1.4. Incêndios florestais

Em Portugal os incêndios florestais têm destruído, nos últimos anos, milhares de hectares afetando o edificado e vastas áreas florestais. Apresenta-se na Figura 4.9, a carta de perigosidade estrutural 2020-2030 desenvolvida pelo ICNF para dar resposta a ações estruturantes.

Em termos de consequências ambientais que importa salientar:

- Erosão, devido a alterações na estrutura dos solos, levando a que mais facilmente ocorram contaminações dos mesmos e consequentemente do meio hídrico;
- Arrastamento e lixiviação de cinzas com elevado risco de alteração da qualidade da água.

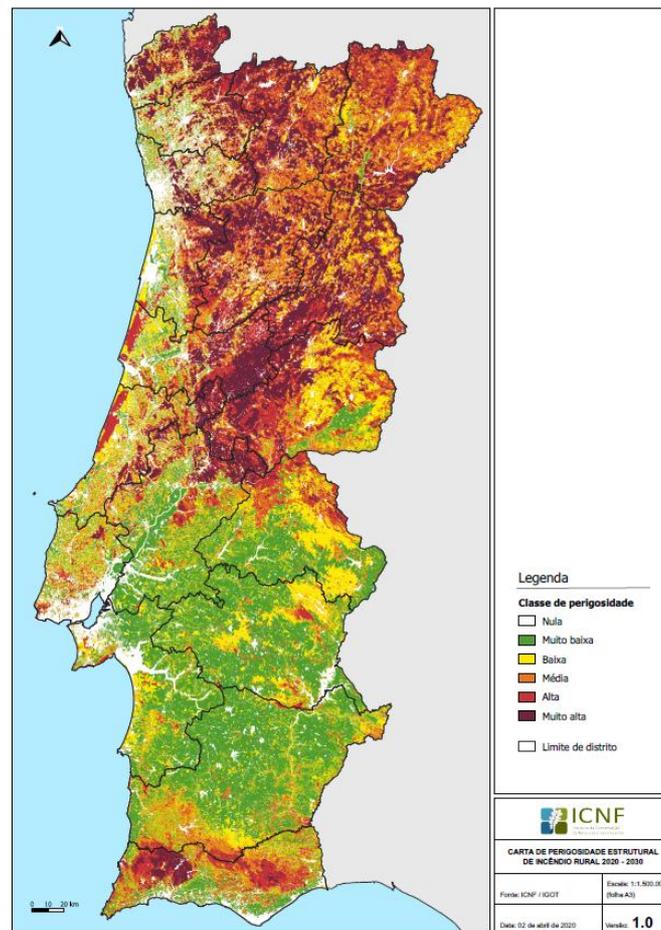


Figura 4.9 – Carta de perigosidade de incêndio florestal

Na Figura 4.10 é apresentada a evolução dos incêndios rurais em Portugal continental em termos de número de ocorrências e da correspondente área ardida.

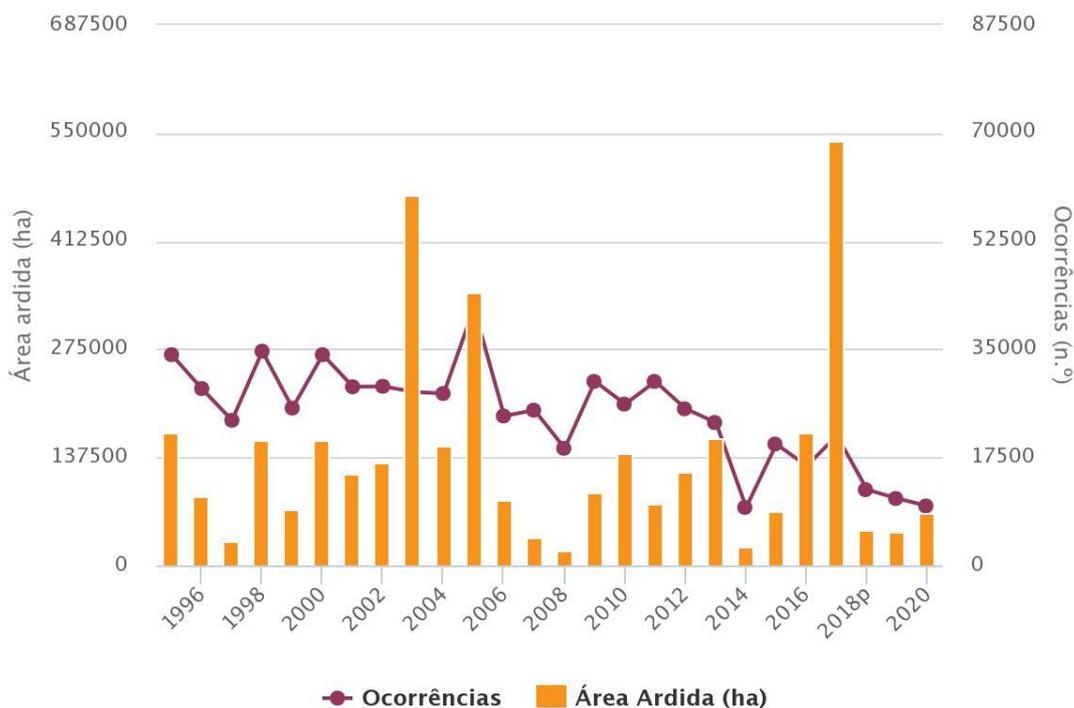


GRÁFICO INTERATIVO

Fonte: ICNF, 2021/REA

Figura 4.10 – Incêndios rurais em Portugal Continental: ocorrências e área ardida

Segundo dados do ICNF publicados no Relatório do Estado Ambiente no que respeita à evolução do número de ocorrências e da área ardida desde 1995, observa-se uma tendência de diminuição no número de ocorrências (fogachos e incêndios rurais) desde 2006, em relação aos anos anteriores. A base de dados nacional de incêndios rurais regista para o ano de 2020, um total de 9 619 incêndios rurais que resultaram em 67 170 hectares de área ardida, entre povoamentos (31 725 hectares), matos (28 954 hectares) e agricultura (6 491 hectares). O ano de 2020 registou o valor mais reduzido em número de incêndios e o quarto valor mais reduzido de área ardida, da década 2011-2020.

Na Figura 4.11 é apresentada a distribuição da área ardida por tipo de ocupação do solo entre 1995 e 2020.

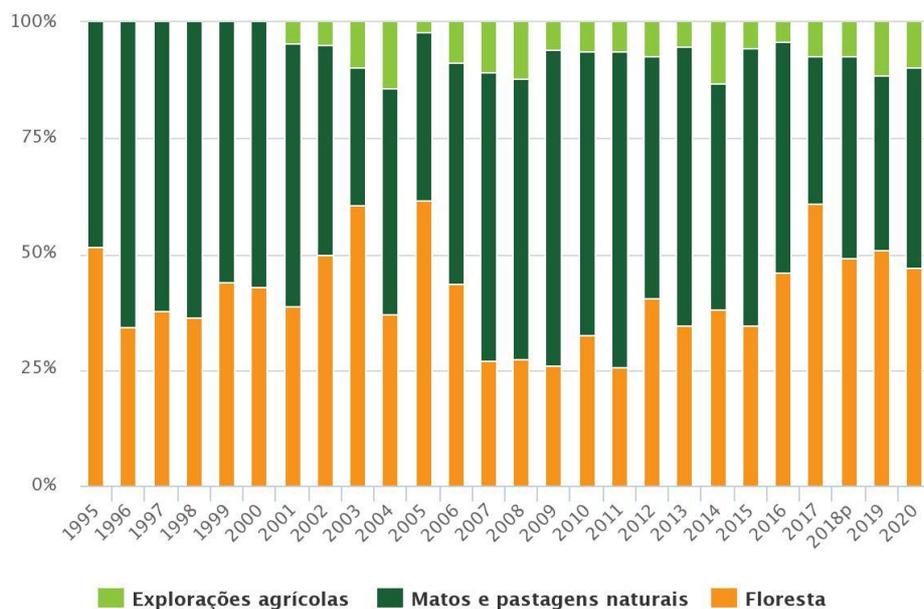


GRÁFICO INTERATIVO

Fonte: ICNF, 2021/REA

Figura 4.11 – Incêndios rurais em Portugal Continental: ocupação do solo

Ainda de acordo com dados do ICNF publicados no Relatório do Estado Ambiente, a distribuição da área ardida por tipo de ocupação do solo entre 1995 e 2020, mostra que, com pequenas exceções, os incêndios consomem mais áreas de matos e pastagens do que florestas. No entanto nos cinco últimos anos registou-se uma tendência para o aumento da proporção de floresta afetada coincidente com o ciclo de 2003, onde também se registou um aumento significativo da extensão total de área ardida.

4.1.5. Tsunamis

Os tsunamis, eventos raros associados à ocorrência de um sismo submarino forte, quando ocorrem podem ser responsáveis por impactes significativos nas zonas costeiras dependendo os estragos da intensidade com que atingem a costa. Os estragos passíveis de ocorrer ao longo da costa, associados a um tsunami, diferem em função do local e da formação ocorrente (ex. arribas, praias, dunas, entre outros), sendo a gravidade dos mesmos variável em função da população, edifícios, equipamentos e infraestruturas afetadas.

Em Portugal Continental as regiões classificadas com suscetibilidade elevada a tsunamis distribuem-se ao longo de toda a costa Sul e Ocidental entre o Cabo de São Vicente e Peniche (Figura 4.12.) Estão igualmente classificados como zonas de suscetibilidade elevada as zonas estuarinas e lagunares existentes ao longo da linha de costa. Na RH5A o estuário do rio Tejo apresenta risco de elevada suscetibilidade à ocorrência deste risco.

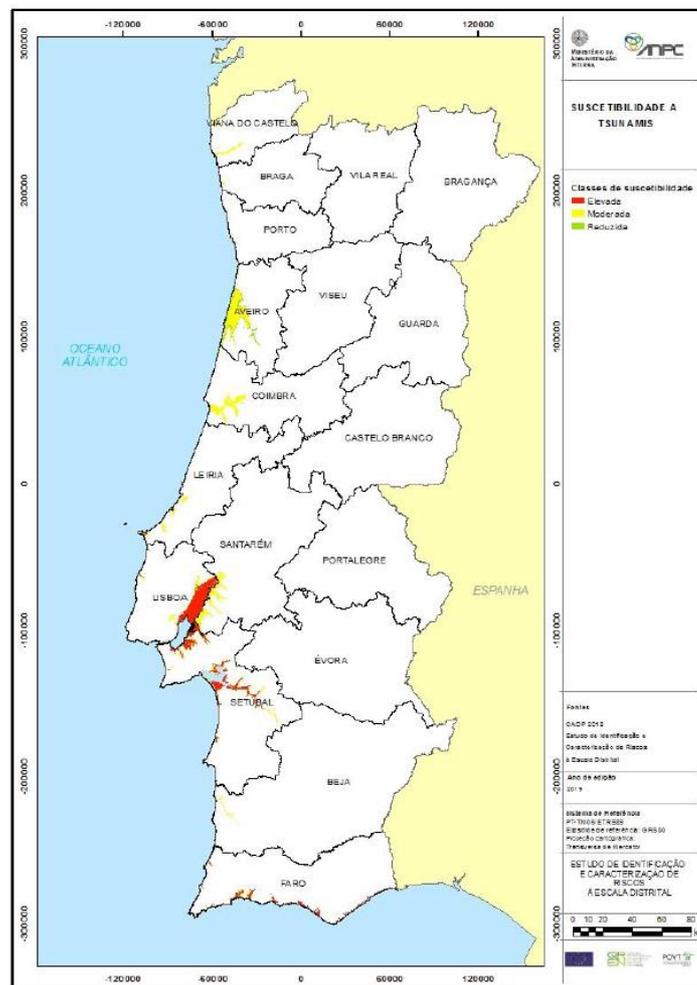


Figura 4.12 – Carta de suscetibilidade a tsunamis
 (Fonte: Estudos de identificação de riscos à escala distrital – ANPC, 2015)

4.2. Riscos Tecnológicos

4.2.1. Acidentes no transporte de mercadorias perigosas

O transporte por via terrestre (por via rodoviária ou ferroviária), marítimo e fluvial de mercadorias perigosas constitui um risco devido à possibilidade de ocorrência de acidentes que envolvam a libertação não controlada da mercadoria perigosa transportada (derrame, descarga, entre outros) para o meio hídrico. A ocorrência deste tipo de risco tem maior suscetibilidade de ocorrer nas imediações das linhas de caminho-de-ferro e das estradas preferencialmente utilizadas para o transporte deste tipo de produtos.

A gravidade deste risco para o meio hídrico irá depender da sensibilidade do meio (afetação de zonas protegidas), do produto e volume libertados.

4.2.2. Acidentes em infraestruturas fixas de transporte de produtos perigosos

A existência de infraestruturas fixas para transporte de produtos perigosos como gasodutos e oleodutos constitui um risco devido à possibilidade de ocorrer um acidente com derrame de substâncias tóxicas para o meio hídrico.

A gravidade deste risco para o meio hídrico irá depender da sensibilidade do meio (afetação de zonas protegidas), do produto e volume libertados.

4.2.3. Colapso de pontes e aquedutos

O colapso de uma infraestrutura de grandes dimensões (ponte, túnel, viaduto, ponte-canal, aquedutos, entre outros) ou a rotura de adutoras e canais para transporte de água pode acarretar, para além dos danos nas próprias infraestruturas, risco de inundação, com consequências mais ou menos graves, em função das populações, infraestruturas e equipamentos afetados.

A ocorrência de acidentes com infraestruturas de transporte de água (aqueduto, canal e ponte-canal) podem colocar em causa o armazenamento e a distribuição de água potável.

4.2.4. Rutura de barragens

Em matéria de controlo de segurança de barragens compete à APA, enquanto Autoridade Nacional de Segurança de Barragens, promover e fiscalizar o cumprimento dos Regulamentos de Pequenas Barragens (RPB) e de Segurança de Barragens (RSB), aprovados pelo Decreto-Lei n.º 21/2018, de 28 de março. Essas competências são exercidas em diversas fases da vida das barragens, desde a fase de projeto até e, no limite, à fase de abandono.

As barragens são infraestruturas que têm associado um risco potencial muito baixo, porém em caso de eventual rutura, provocada por ocorrências excecionais e/ou circunstâncias anómalas podem dar origem a uma onda de inundação, provocando perdas em vidas humanas, bens e ambiente.

As barragens abrangidas pelo RSB (altura igual ou superior a 15 m, medida desde a cota mais baixa da superfície geral das fundações até à cota do coroamento, ou altura igual ou superior a 10 m cuja albufeira tenha uma capacidade superior a 1 hm³) são classificadas em função da sua perigosidade.

A perigosidade de uma barragem é caracterizada em função da respetiva altura e do volume da albufeira e os danos potenciais resultantes da rutura avaliados em função do número de edificações fixas com carácter residencial permanente e da existência de infraestruturas, instalações e bens ambientais importantes

situados no vale a jusante da barragem que podem vir a ser afetados pela onda de inundação. As barragens são classificadas em 3 classes:

- Classe I
- Classe II
- Classe III

As barragens abrangidas pelo RPB sendo classificadas segundo a mesma metodologia, podem ser classificadas nas classes II e III.

O RSB estipula para as barragens de classe I a obrigatoriedade de serem elaborados Planos de Emergência Interno (PEI) e Externo (PEE) e, para as barragens de classe II, procedimentos de emergência simplificados.

Na RH5 existem 67 grandes barragens abrangidas pelo RSB sendo 20 da Classe I, 29 da Classe II, 7 da Classe III e 11 não estão classificadas. O **Erro! A origem da referência não foi encontrada.** Quadro 4.7 apresenta, para esta RH, a classificação das grandes barragens segundo o Decreto-Lei nº 21/2018 e o número de Planos de Emergência aprovados.

Quadro 4.7 – Classificação das Grandes Barragens

Grandes Barragens	Classificação (D.L. nº. 21/2018)	Planos de Emergência Aprovados	
		PEI	PEE
Furadouro	II	-	-
Gameiro	II	-	-
Poio	II	-	-
Cova do Viriato	II	-	-
Capinha	II	-	-
Corgas	II	-	-
Meimoa	I	-	-
Marechal Carmona (Idanha-a-Nova)	I	X	-
Penha Garcia	II	-	-
Santa Águeda/Marateca	I	-	-
Pisco	II	-	-
Minutos	I	X	-
Toulica	II	-	-
Pracana	I	-	-
Póvoa e Meadas	II	-	-
Santa Luzia	I	X	-
Casco	II	-	-
Víbora / Marmeleiro	III	-	-
Sobrena	-	-	-
Coutada/Tamujais	III	-	-
Vergancinho	-	-	-
São Domingos	I	-	-
Venda Velha	-	-	-
Covão do Ferro (do AH do Covão da Nave, sistema Alforfa)	I	-	-
Divor	II	-	-
Cabril	I	X	-
Rio da Mula	II	-	-
Alvorninha	II	X	-
Penedo Redondo	II	-	-
Açaçal	III	-	-
Carril	I	X	-
Apartadura	I	-	-
Velha / Rascão	III	-	-

Grandes Barragens	Classificação (D.L. nº. 21/2018)	Planos de Emergência Aprovados	
		PEI	PEE
Sete Vais / Herdade do Cego	II	-	-
Revenduda (Velha)	II	-	-
Condes (Sousel) / Herdade da Madalena	-	-	-
Monte Branco dos Tenreiros	II	-	-
Veiros	II	-	-
Magos	II	-	-
Vale Salgueiro	II	-	-
Monte Pouca Roupa	-	-	-
Monte da Barca/ Aç. Vale de Poços	-	-	-
Vale de Cobrão	II	-	-
Tabueira / Atabueira/ Ciborro (A)	II	-	-
Peso I /Espanhol	II	-	-
Vale de Michões	-	-	-
Espargal	II	-	-
Bouçã	I	X	-
Lapa / Sardoal	II	-	-
Óbidos	I	X	-
Freixeirinha	I	-	-
Negrelinhos - Mouriscas	-	-	-
Belver	I	-	-
Montargil	I	-	-
Fratel	I	X	-
Cristalina	II	-	-
Lavadoura Tourrinha/Carreteira	III	-	-
Maranhão	I-	X	-
Vale de Barqueiros	-	-	-
Castelo de Bode	I	X	-
Soeiros/Tourega	II	-	-
Zambujo	III	-	-
Barrocas	III	-	-
Herdade da Lameira	II	-	-
Herdade do Pereiro	-	-	-

4.2.5. Acidentes em instalações fixas com substâncias perigosas

Os acidentes em equipamentos ou instalações industriais envolvendo a descarga de substâncias perigosas para o meio hídrico são riscos particularmente relevantes face à possibilidade de poder ocorrer a afetação do estado da massa de água. A ocorrência deste tipo de risco pode estar associada a diferentes fontes de poluição que se ilustram no Quadro 4.8.

Quadro 4.8 – Potenciais Riscos e Impactes associados a possíveis fontes de contaminação por substâncias perigosas

Fonte de poluição	Risco	Impactes
Instalações PCIP (REI) - instalações abrangidas pelo Regime de Emissões Industriais (REI), aplicável à prevenção e ao controlo integrados da poluição, reguladas pelo Decreto-Lei n.º 127/2013, de 30 de agosto, que transpõe a Diretiva 2010/75/EU, de 24 de novembro	Problemas no sistema produtivo e/ou no sistema de tratamento de efluentes industriais, aumentando as cargas poluentes descarregados. Ocorrência de eventos excecionais (por exemplo, inundações ou sismos) que provoquem o derrame e arrastamento de matérias-primas ou subprodutos, que podem incluir substâncias perigosas.	Aumento do caudal e/ou carga dos efluentes descarregados sem tratamento adequado, incrementando as cargas poluentes, que podem incluir substâncias perigosas

Fonte de poluição	Risco	Impactes
Instalações Seveso - instalações abrangidas pelo regime da prevenção de acidentes graves que envolvam substâncias perigosas, de acordo com o Decreto-Lei n.º 150/2015 de 5 de agosto, que transpõe para direito interno a Diretiva n.º 2012/18/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 4 de julho de 2012 (Seveso III)	Ocorrência de eventos excecionais (por exemplo, inundações ou sismos) que provoquem o derrame e arrastamento de matérias-primas ou subprodutos, nomeadamente nos tanques de armazenamento das substâncias perigosas.	Aumento do caudal e/ou carga dos efluentes descarregados sem tratamento adequado, incrementando as cargas poluentes, que podem incluir substâncias perigosas. Aumento da toxicidade nos recursos hídricos devido à emissão de poluentes
Unidades do setor químico	Problemas no sistema produtivo e/ou no sistema de tratamento de efluentes industriais, aumentando as cargas poluentes descarregados Derrames de matérias-primas ou subprodutos, nomeadamente nos tanques de armazenamento.	Aumento da carga orgânica e inorgânica, bem como de outras substâncias perigosas nas massas de água Escorrências de substâncias químicas para as massas de água com problemas de toxicidade
Unidades de Gestão de Resíduos e Lixeiras seladas	Mau funcionamento ou ocorrência de problemas na rede de drenagem ou do sistema de tratamento dos lixiviados	Aumento da carga orgânica e inorgânica, bem como de outras substâncias perigosas nas massas de água devido aos lixiviados
Minas	Escorrências superficiais Infiltração de águas ácidas que resultam da lixiviação das escombrelas, bacias de decantação e depósito de lamas	Contaminação das massas de água superficiais e subterrâneas através dos lixiviados, das descargas dos sistemas de tratamento de efluentes Possíveis contaminações com metais pesados ou elementos radioativos
Estações de Tratamento de Águas Residuais Urbanas (> 2000 e.q.)	Situações de interrupção de funcionamento, avarias graves ou funcionamento deficiente, resultando na descarga dos efluentes brutos ou sem o nível de tratamento adequado. Ocorrência de eventos excecionais (por exemplo, inundações ou sismos)	Aumento das cargas poluentes nas massas de água, como cargas orgânicas microbiológicas e outras substâncias
Postos abastecimento/Estações de serviço	Derrame de combustível durante a trasfega, derrames nos tanques de armazenamento de combustíveis e derrames ou rejeições de efluentes com hidrocarbonetos e outros compostos orgânicos Ocorrência de eventos excecionais (por exemplo, inundações ou sismos)	Escorrência de hidrocarbonetos, óleos para as massas de água
Infraestruturas de transporte de matérias perigosas (gasodutos, rodovias)	Derrame dos produtos transportados resultando em poluição concentrada e imediata	Escorrência para as massas de água das substâncias transportadas
Emissários submarinos	Mau funcionamento, rotura na proteção ocasionando a descarga de efluentes (urbanos e/ou industriais) Ocorrência de eventos excecionais (por exemplo, inundações ou sismos)	Contaminação das águas com poluentes, nomeadamente orgânicos e microbiológicos
Instalações portuárias	Derrame de combustível, óleos e de matérias perigosas transportadas pelos navios Ocorrência de eventos excecionais (por exemplo, inundações ou sismos)	Contaminação das águas por substâncias perigosas e por hidrocarbonetos

Em caso de acidente, os danos provocados nos recursos hídricos decorrentes de emissões de substâncias perigosas são determinados por inúmeros parâmetros, designadamente:

- As propriedades intrínsecas das substâncias – toxicidade, persistência, bioacumulação, solubilidade em meio aquoso, entre outros;
- O comportamento da substância no meio aquático – evaporação, sedimentação, diluição, reatividade química, degradação, etc.;
- As condições físicas do meio hídrico – características físicas e biofísicas da bacia, propriedades físico-químicas da massa de água, caudais, estado da massa de água, entre outros.

A avaliação de risco de contaminação dos recursos hídricos resultante de rejeições acidentais de substâncias perigosas (tóxicas, persistentes, bioacumuláveis) para a água parte, não só da identificação e hierarquização das principais fontes poluentes, mas também da hierarquização da sensibilidade e suscetibilidade à contaminação das massas de água passíveis de afetação. Como tal, ao risco inerente às fontes de poluição identificadas, acresce o risco afeto à própria massa de água passível de afetação (superficial e subterrânea), o qual será tanto maior quanto a sensibilidade/importância ecológica da massa de água.

Face às consequências para o meio hídrico definiu-se uma escala de severidade que pretende qualificar a importância de um eventual episódio de poluição acidental, recorrendo à tipologia e à classificação das atividades potencialmente poluentes e uma escala de significância, que é dado exclusivamente pela presença de substâncias perigosas, representando assim o seu potencial de contaminação máximo, não se assumindo assim a atenuação do risco dada pelos sistemas de prevenção, controlo e gestão de acidentes das instalações, que se desconhecem (Quadro 4.9).

Quadro 4.9 – Classificação de severidade dos impactes

Tipologia das atividades	Severidade para a massa de água	Índice de severidade
Instalações Seveso	Muito elevada	5
Instalações PCIP (REI) (exceto pecuárias e aviários) Unidades do setor químico	Elevada	4
Instalações PCIP (REI) pecuárias Unidades de Gestão de Resíduos e lixeiras seladas ETAR urbanas (> 2000 e.p.)	Moderada	3
Instalações PCIP (REI) Aviários Instalações portuárias Minas	Baixa	2
Postos abastecimento/Estações de serviço Emissários submarinos Infraestruturas de transporte de matérias perigosas	Muito baixa	1

O Quadro 4.10 apresenta, por tipo de instalação/infraestrutura e respetivo índice de severidade, as massas de água diretamente afetadas por eventuais descargas poluentes acidentais, sem prejuízo de outras massas de água adjacentes poderem também ser afetadas. Importa referir que a mesma instalação pode estar abrangida por mais do que uma categoria por exemplo, uma instalação pode estar enquadrada em classes de severidade diferentes decorrente dos regimes ambientais a que está sujeita e das infraestruturas associadas (por exemplo, infraestruturas de rejeição do tipo emissário submarino associadas a instalações REI/Seveso).

Quadro 4.10 – Massas de água diretamente afetadas por eventuais descargas poluentes acidentais

Tipo de Instalação/infraestrutura	Instalações /infraestruturas (N.º)	Índice de severidade	N.º de massas de água diretamente afetadas	
			Superficiais	Subterrâneas
Instalações Seveso	62	5	35	-
Instalações PCIP (REI) (exceto pecuárias e aviários)	219	4	54	3
Unidades do setor químico	24	4	5	-
Instalações PCIP (REI) -Pecuárias	57	3	34	-
Unidades de Gestão de Resíduos (Aterros não REI e lixeiras seladas)	152	3	27	12
ETAR Urbanas >2000 e.p.	161	3	92	1
Instalações PCIP (REI) -Aviários	82	2	30	1
Instalações portuárias	40	2	5	-
Minas	95	2	23	9
Postos abastecimento/Estações de serviço	940	1	172	-
Emissários submarinos	15	1	5	-
Infraestruturas de transporte de matérias perigosas	3126	1	281	-

Na RH, as infraestruturas de transporte de matérias perigosas que incluem ferrovias, gasodutos e rodovias são as instalações que abrangem maior número de massa de água, seguindo-se os postos de abastecimento/estações de serviço, estando ambas as categorias classificadas com severidade muito baixa. Com severidade muito elevada destacam-se as instalações Seveso, abrangendo 35 massas de água superficiais e com severidade elevada as instalações PCIP (exceto pecuárias e aviários) com 54 massas de superficiais afetadas e três subterrâneas.

O mapa da Figura 4.13 ilustra as massas de água diretamente afetadas por eventuais descargas poluentes acidentais de acordo com a classe de severidade atribuída ao tipo de instalação/infraestrutura existente na RH.

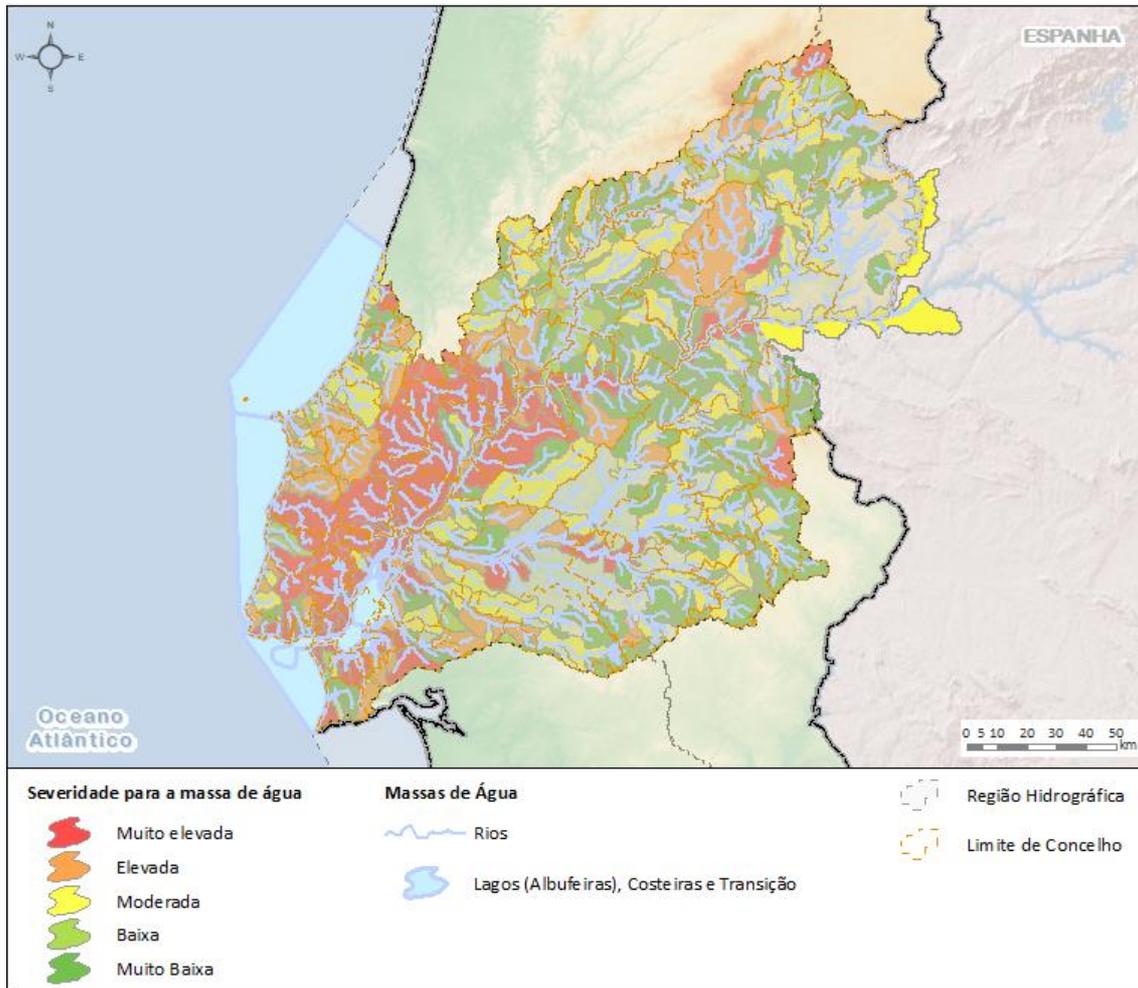


Figura 4.13 – Massas de água diretamente afetadas por eventuais descargas poluentes acidentais, por classe de severidade

PROJE

ANEXOS



ANEXO I - Lista das massas de água identificadas nas ARPSI

Projeto PGRH